

O SEU CRESCIMENTO ESPIRITUAL NA JUVENTUDE

“Contemplai o rosto admirável do Nosso Senhor Jesus, E o fulgor do mundo se ofuscará ante o brilho da Sua luz!” (H. Lemmuel).

Tudo começou, para Hudson Taylor, na tranquilidade de uma hora de meditação passada entre os livros do pai, quando o jovem buscava alguma coisa que pudesse despertar-lhe o interesse. A mãe não estava em casa e o rapaz se ressentia dessa ausência. A casa lhe parecia vazia. Tomou então um livrinho de histórias que achara no quarto de despejo, e achando que o assunto era interessante, levou-o para ler, recolhido a um cantinho onde se acomodou o melhor que pôde.

A muitos quilômetros dali, naquele mesmo momento, sua mãe sentiu um peso na alma, uma responsabilidade especial pela vida espiritual do filho. Deixando as companheiras, retirou-se para ficar a sós e rogar a Deus pela salvação dele. Horas seguidas aquela mãe deixou-se ficar prostrada de joelhos em oração, até que sentiu a alma inundada da certeza feliz de que aquelas orações haviam sido ouvidas e estavam sendo respondidas.

Enquanto isso, lá no seu canto, o menino devorava o livrinho que havia apanhado, e chegando ao clímax da história, deparou com estas palavras: “... a obra consumada de Cristo”. Ah, quem consegue explicar o mistério da atuação do Espírito Santo! Esta verdade que há muito ele conhecia, embora até ali não a tivesse levado em consideração, voltou a vibrar-lhe na mente e no coração.

- “Porque o escritor usa estas palavras?”, perguntou de si para si. “Porque não diz: a obra expiatória ou propiciatória de Cristo?”

Imediatamente, voltaram a aparecer-lhe as palavras, como se fossem escritas em letras iluminadas. Está consumado. “Consumado: O que é que está consumado?”

- “Uma completa e integral expiação pelo pecado”, foi a resposta imediata do seu próprio coração. A dívida já foi paga pelo grande Substituto. “Cristo morreu pelos nossos pecados” e “não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo”.

Então veio-lhe muito claramente o seguinte pensamento: “Se a obra já está consumada, e a dívida inicialmente paga, o que mais me resta fazer?”

A única resposta, a resposta perfeita, invadiu-lhe o ser: “Nada me resta fazer, senão, cair de joelhos, aceitar este Salvador, aceitar a salvação, e louva-IO para sempre”.

Desapareceram as antigas dúvidas e temores. A realidade dessa experiência maravilhosa a que chamamos de conversão encheu-o de gozo e paz. Veio-lhe uma nova vida com esta simples aceitação do Senhor Jesus Cristo, pois “a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”. E foi grande a transformação que a nova vida lhe trouxe.

Desejando intensamente compartilhar com a mãe a alegria que acabava de encontrar, ele fez questão de ser o primeiro a recebê-la, quando ela voltou para casa.

- Eu sei, meu filho, eu sei, disse ela ao abraçá-lo. Faz já quinze dias que estou me regozijando com essa notícia alegre que você está para me dar.

Outra surpresa o aguardava um pouco mais tarde, quando, ao pegar um caderno de sua irmã que pensara ser o seu, encontrou numa página escrita por ela, a resolução que tomara de orar diariamente, até que Deus a atendesse, concedendo a conversão de seu único irmão. A jovem havia escrito isso fazia, exatamente, um mês.

“Criado nesse ambiente (escreveu, mais tarde, Hudson Taylor) e salvo em tais circunstâncias, talvez fosse natural que desde o princípio de minha vida cristã eu tenha sido levado a sentir que as promessas da Bíblia são totalmente verdadeiras, e que a oração é, de fato, um acordo que se mantém com Deus, seja em benefício próprio, seja em benefício daqueles para quem se busca a bênção divina”.

Irmão e irmã estavam agora unidos de uma nova forma, e embora fossem muito jovens, pois ele tinha só dezessete anos, começaram a fazer todo o possível para ganhar outros para Cristo. E isto explicava o rápido crescimento espiritual que obtiveram. Desde o começo passaram a sentir um santo anelo pelas almas perdidas. Isso não se desenvolvia através de um “serviço social”, antes, o método deles era servir a Deus com um interesse todo especial pela salvação das pessoas. Não faziam isso com sentimento de superioridade, mas simplesmente com um amor profundo e pessoal para com o Senhor Jesus Cristo.

Esse mesmo amor levava-os, com o passar dos dias, a sentir a angústia da derrota, todas as vezes que caíam nos velhos hábitos e perdiam o senso da presença do Mestre. Também com eles, assim como ocorre com a maioria dos jovens cristãos, a vida apresenta os altos e baixos; sempre que negligenciavam a oração e deixavam de nutrir-se da Palavra de Deus, podiam sentir frieza de coração. O que era mais notável nas primeiras experiências de Hudson Taylor é que só o melhor satisfazia nada menos que o melhor que Deus oferece: o gozo real e constante de Sua presença. Prosseguissem isto era como viver sem sol ou trabalhar sem forças. O fato de que já conhecia o prazer do Senhor naqueles primeiros tempos evidencia-se em recordações como a que segue. Numa tarde de lazer teve o desejo de orar, e, comovido, buscou o seu quarto para estar a sós com Deus.

“Lembro-me bem como foi que, no gozo de meu coração, derramei perante Deus a minha alma. Confessei repetidas vezes o meu grato amor Aquele que por mim tudo fez, que me salvou quando eu havia já

perdido a esperança e até o desejo da salvação. Pedi-lhe então, que me desse algum trabalho para fazer por Ele como demonstração de amor e gratidão.

Recordo-me que, quando me coloquei a mim, minha vida, meus amigos, meu tudo, enfim, sobre o altar, tive na alma a certeza de que minha oferta fora aceita. A presença de Deus se fez indescritivelmente real e abençoada, em minha vida e eu me lembro bem, de ter-me prostrado diante dEle, e ali permanecido com um reverente temor e indizível alegria. Não podia dizer ainda para que obra eu havia sido aceito, mas invadiu-me a profunda certeza de que eu já não mais me pertencia e esta certeza jamais me deixou”.

Se pensarmos que os jovens em sua adolescência são novos demais para estas experiências da alma, enganamo-nos profundamente. Não há outra época da vida em que seja maior a capacidade de devoção, e em que melhor se abram para o amor de Cristo as profundezas do coração.

PASSOS INICIAIS NA FÉ

“Sempre a teu lado, no caminhar, Cristo, invisível, faz-te feliz! Podes a Ele perguntar: - “É assim que aprovas?”” que Ele diz!” (Henry W. Longfellow).

Não era perfeita nem sobre humana a pessoa que recebia o chamado. Era um rapaz normal, que tinha vida ocupada como auxiliar de Banco ou como ajudante na loja do pai. Tinha, naturalmente, muitas tentações, e, com a chegada de um primo cheio de vida para ser seu colega de quarto, não foi fácil definir quais as coisas prioritárias e estabelecer um horário para a oração. Entretanto, sem isso, só teria fracasso e inquietação. A alma desnutrida não pode alegrar-se no Senhor, e Hudson Taylor, teve de aprender que não há substituto para a verdadeira bem aventurança espiritual.

“Eu vi a Deus e O busquei, eu O tinha e O desejava”., escreveu ele a alguém contando que se havia aprofundado no conhecimento do Senhor; e o jovem de Barnsley, embora ainda no início, possuía essa mesma ansiedade e sede que Deus gosta de satisfazer. “Se farta a minha alma”, diz ele, e logo no mesmo fôlego como quem ainda O busca acrescenta: “A minha alma apegase a Ti”.

Foi numa ocasião assim, de depressão, anelo, e busca intensa que Deus tocou o coração de Hudson Taylor de um modo diferente. E, num momento, sem que se dissesse palavra alguma, ele o compreendeu.

Havia chegado ao limite de onde só Deus o podia livrar, onde necessitava muito do socorro, da força salvadora dEle. Se Deus consentisse em agir em seu favor, se Ele quebrasse o poder do pecado, e lhe desse a vitória interior em Cristo, Hudson renunciaria a todas as oportunidades terrenas, e iria para qualquer parte, faria qualquer coisa, sofreria o que fosse exigido pela Causa e estaria inteiramente às Suas ordens. Era por isso que seu coração clamava que Deus o santificasse e o guardasse de alguma queda.

“Nunca me esquecerei (escreveu bem mais tarde) do que senti então. As palavras não o descrevem. Senti estar na presença de Deus, entrando num pacto com o Todo-poderoso. Senti como se eu quisesse retirar minha promessa e já não pudesse. Algo parecia dizer-me: Sua oração já foi ouvida e as condições já foram aceitas.

E “desde aquela ocasião nunca deixei de estar convicto de que fora chamado para ser missionário na China”.

A China era aquele grande país conhecido por ele desde a infância através das orações do pai; à China ele fora dedicado pelos pais até mesmo

antes do nascimento; as necessidades e as trevas em que vivia a China tinham, muitas vezes, lhe apresentado de longe o seu apelo – será que este era na verdade o propósito de Deus para a sua vida? Distintamente, como se uma voz falasse, veio-lhe no silêncio a palavra: “Então vá por Mim para a China”.

Daquele momento em diante sua vida foi empolgada por esse grande propósito e prece. Hudson Taylor “não foi desobediente à visão celestial”, e para ele, obedecer à vontade de Deus era uma questão decisiva. Imediatamente começou a preparar-se, na medida do possível, para uma vida que haveria de exigir muita resistência e energia física. Passou a fazer mais exercícios ao ar livre. Trocou o colchão de penas por um colchão duro, e cuidou de moderar seu apetite às refeições. Aos domingos, ao invés de ir à igreja duas vezes, dedicou as noites para visitas às zonas mais pobres da cidade, onde distribuía folhetos e dirigia reuniões. Em apertadas cozinhas de pensões, tornou-se figura familiar e bem-vinda; o mesmo aconteceu nas vizinhanças dos hipódromos, onde seu rosto alegre e suas palavras bondosas abriam caminho para muitas mensagens diretas do evangelho. Tudo isso exigiu mais estudo bíblico e oração, porque logo ele descobriu que há Um só que nos pode tornar “pescadores de homens”.

Dedicou-se, também, ao estudo do idioma chinês. Uma volumosa gramática daquela língua lhe teria custado mais de vinte dólares, e um dicionário, pelo menos setenta e cinco. Na verdade não tinha dinheiro para nenhum dos dois. Mas, tomando um exemplar do Evangelho de Lucas, em chinês, foi comparando pacientemente os versículos mais curtos com os seus equivalentes no inglês, e assim, descobriu o sentido de mais de seiscentos símbolos. Depois de aprendê-los, organizou o seu próprio dicionário, ao mesmo tempo em que estudava outras coisas.

“Comecei a levantar-me às cinco da manhã (escreveu para a irmã, no colégio) e verifico também que preciso deitar-me cedo. Estou decidido a ir, e estou fazendo todos os preparativos possíveis. Pretendo recapitular meu latim, aprender o grego e noções de hebraico, e obter conhecimentos gerais o quanto mais possível. Preciso de suas orações.”

Os três ou quatro anos que passou ajudando o pai na farmácia fizeram aumentar sua vontade de estudar medicina, e, depois de formado, quando lhe apareceu a oportunidade de ser o assistente de um dos principais médicos de Hull, não deixou de aproveitá-la. Aquilo já significava sair do aconchego do ambiente familiar. Mesmo assim, tanto na casa do médico, como, mais tarde, na casa de uma tia, irmã de sua mãe, o jovem assistente ainda se via cercado de um excessivo conforto e cultura.

Fora esse aspecto de sua nova vida que o levou a pensar ainda mais seriamente em afastar-se deles. O Dr. Hardey pagava-lhe um salário que dava para cobrir suas despesas pessoais, mas Hudson Taylor contribuía como dever e privilégio seu, com o dizimo de tudo quanto recebia para o trabalho de Deus. Aos domingos, dedicava seu tempo ao evangelismo numa zona da cidade onde existiam prementes necessidades, tanto materiais como espirituais. E isso o levou a pensar em como gastar menos para consigo e assim ter o prazer de dar mais para os outros.

Na periferia da cidade, além de terrenos baldios, duas fileiras de casas acompanhavam um estreito canal, motivo por que davam o nome de “Drainside” (Beira do Esgoto) ao lugar vizinho pouco atraente. O canal não passava de uma vala funda na qual os moradores jogavam habitualmente o lixo para que, em parte, a maré o levasse, quando subisse o suficiente, pois Hull é uma cidade litorânea da Inglaterra. As casas, todas iguais entre si como as ervilhas de uma vagem, seguiam os meandros do canal por quase um quilometro. Cada casa tinha uma porta e duas janelas. Hudson Taylor alugou um quarto numa dessas casinhas, deixando a agradável residência da tia na Rua Charlotte. A senhora Finch, dona dessa casa, era muito boa crente, e ficou contente de ter “o jovem doutor” sob seu teto. Ela fazia o mais possível para conservar o quarto sempre limpo e confortável, lustrando a lareira do lado oposto à janela, e arrumando a cama no canto mais distante da porta. Uma mesa simples de pinho e uma ou duas cadeiras completavam o mobiliário. Era um cômodo bastante acanhado quanto ao tamanho, que não comportava mesmo muitos móveis. Ficava no andar térreo, e a entrada abria para a cozinha. Da janela via-se um bar rústico com o nome de “Armas do Fundador”, cujas luzes ajudavam a caminhar nas noites escuras, permitindo que se discernisse a lama e a água do canal.

Por melhor que fosse no verão, quando Hudson Taylor foi ali morar, em fins de novembro, “Drainside” deveria ter sido bastante lúgubre. Além do mais, ali ele tinha de cuidar de sua própria alimentação. Comprava seus poucos viveres quando a caminho de casa, depois que saía do consultório, e raramente tinha uma refeição completa em sua mesa. Às vezes, ia passear sozinho, outras vezes deixava-se ficar no quarto até dormir. Aos domingos, passeava longas horas pelo bairro ou então por entre o povo que freqüentava a Doca Humber.

“Tinha agora em mira um duplo objetivo (ele recordava), o de me acostumar às durezas e o de economizar a fim de ajudar aqueles entre os quais trabalhava no Evangelho; descobri em pouco tempo que podia sustentar-me com bem menos do que tinha imaginado. Deixei de usar manteiga, leite, e outros regalos, e vi que se comesse principalmente mingau de aveia e arroz, com variações ocasionais, uma quantia muito pequena dava bem para as despesas. Deste modo,

mais de dois terços de minha renda ficavam disponíveis para outras finalidades; e eu tive a experiência de que quanto menos eu gastava comigo mesmo e quanto mais eu dava aos outros, mais cheio de gozo e bênção ficava a minha alma.”

Pois Deus a ninguém é devedor, e naquela solidão, Hudson Taylor estava aprendendo algo do que Ele, Deus, pode vir a ser para quem ardorosamente O busca. Nestes nossos dias de Cristianismo fácil e confortável, será que não seria bom lembrar que realmente é muito custoso sermos homens ou mulheres que Deus possa usar? Não se obtém de graça um caráter cristão; não se faz um trabalho semelhante ao de Cristo senão por um grande preço. “Podeis vós beber o cálice que Eu bebo, ou receber o batismo com que Eu sou batizado?”

Naquela época, a China estava muito em evidência no noticiário, por causa dos graves acontecimentos da Rebelião de Taipings. Muitos oravam, e inúmeros corações foram tocados, uns mais, outros menos, a favor da sua evangelização. Quando veio desapontamento geral, e o fracasso de empreendimentos que tanto prometiam, a maioria deixou de ajudar ou mesmo, de se importar. As reuniões de oração diminuíram quase até desaparecer, os futuros missionários voltaram-se para outras vocações e as contribuições caíram a tal ponto, que uma sociedade missionária teve até de deixar mesmo de existir. Mas aqui e ali havia ainda aqueles com os quais o Senhor podia contar pobres e fracos, talvez, desconhecidos e obscuros, mas prontos, pela graça, a não medir esforços para levar avante seus propósitos.

Aqui no humilde quarto de “Drainside” estava um destes homens. Apesar de suas limitações, Hudson Taylor desejava de todo o coração um caráter e uma vida a semelhança de Cristo. Enfrentou uma prova após outra, e mesmo quando poderia ter evitado, escolheu o caminho da autonegação e da cruz, nunca tendo em vista o mérito, simplesmente porque era guiado pelo Espírito de Deus. Achava-se, portanto, numa atitude que não apresentava barreiras para as bênçãos.

“Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar; tens pouca força, entretanto guardaste a Minha palavra, e não negaste o Meu nome.”

“Uma porta grande e oportuna... e há muitos adversários.”

Adversários sempre houve naquela época para impedirem o progresso de Hudson Taylor. Ele estava iniciando um dos períodos mais frutíferos de sua vida, rico em bênçãos tanto para si como para os outros. Não é, portanto de se estranhar que o Tentador estivesse por perto. O moço achava-se

sozinho, sedento de amor e simpatia, vivendo uma vida de negação de si mesmo, experiência nunca fácil nessa idade. Satanás teve sua oportunidade, sendo-lhe permitido atormentar aquele coração, cuja experiência redundou em vitória para o bem.

A esta altura, quando já estava em “Drainside” há algumas semanas, veio-lhe o temido golpe: pressentiu que perderia para sempre a jovem a quem tanto amava. Por dois longos anos havia nutrido esperanças e ficara aguardando. A própria incerteza de seu futuro fazia-o mais ansioso da presença dela o seu lado, para acompanhá-lo em todas as circunstâncias que surgissem. Agora o sonho morria. Quando viu que nada dissuadia o amigo do propósito missionário, a jovem professora de música – com seu rosto encantador e linda voz – esclareceu, finalmente, que não estava disposta a ir para a China. O pai não queria saber disso, nem ela mesma se achava disposta a enfrentar aquela vida. Isso só podia significar uma coisa, embora quase partisse o coração que tanto a amava.

- “Será que tudo isso vale a pena?” Insistia o “Tentador”. Por que você teima em ir para a China, afinal? Por que labutar e sofrer a vida toda por um ideal ou dever? Deixe-o de uma vez, enquanto ainda pode conquistar a moça. Ganhe a vida normalmente, como todo o mundo, e sirva ao Senhor em sua própria terra. Pois só assim, você pode ainda ganha-la.

O amor foi muito forte. Houve um momento de hesitação. O inimigo entrou como uma torrente, deixando o rapaz atordoado de tristeza. E, em vez de voltar-se para o Senhor em busca de consolo, ele guardou e nutriu consigo a sua mágoa. Porém não ficou desamparado.

“Sozinho no consultório médico (escreveu no dia seguinte) tive uma experiência emocionante. Fiquei inteiramente comovido e humilhado e senti, no íntimo, luma maravilhosa manifestação do amor de Deus. “O coração compungido e contrito” ele não desprezou, porém atendeu meu pedido de uma bênção real e verdadeira.”

“Sim. Ele me humilhou e mostrou o que sou revelando-se como o socorro presente, bem presente na angustia. E embora Ele não tenha removido de mim o sentimento de tristeza nesta tribulação, Ele me dá forças para cantar: “Alegrar-me-ei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação.”

Agora estou feliz no amor do meu Salvador. Posso agradecer-lhe tudo, até mesmo as experiências mais dolorosas do passado, e confiar nele sem temor por tudo o que ainda há de vir.”

MAIS PASSOS NA FÉ

“Quem confia no amor imutável de Deus Constrói sobre a Rocha que nunca se abala.”

“Nunca fiz um sacrifício”, disse Hudson Taylor, anos mais tarde, recordando sua vida que, evidentemente, jamais deixou de existir esse elemento. Porém o que ele não deixava de ser verdade, porque as compensações que recebeu foram tão reais e duradouras, que lhe provaram que ao se tratar com Deus de coração para coração, negar-se a si mesmo significa, sempre, receber. Isso lhe foi demonstrado naquele inverno em “Drainside”. Não só exteriormente como também intimamente, ele aceitou a vontade de Deus, renunciando ao que lhe havia parecido ser o seu sonho mais alto, o amor que era parte de sua vida, para poder seguir a Cristo sem empecilho. O sacrifício foi grande, mas a recompensa foi ainda maior.

“Alegria indizível (ele nos relata) no dia inteiro e todos os dias, foi a minha feliz experiência. Deus, o meu Deus, era uma realidade viva e reluzente, e tudo o que eu tinha para fazer era um serviço glorioso.”

Um novo tom fazia-se sentir em suas cartas, que se tornaram menos introspectivas desse tempo em diante, e mais cheias de propósito missionário. A China reavivou-se em seu pensamento, e surgiu nele, também, o mais profundo interesse pelas condições espirituais daqueles que se achavam longe de Cristo.

“Não se aborreça, por nada, mamãe (escreveu mais ou menos nessa época)”. Saiba que a obra missionária é, na verdade, a mais nobre a que o mortal se pode entregar. É claro que não podemos ser insensíveis aos laços naturais, mas será que não devemos ficar alegres quando temos algumas coisas que podemos renunciar por amor ao Salvador?...

Continue a orar por mim. Embora eu esteja bem do ponto de vista material, feliz e agradecido, sinto a necessidade de suas orações... Oh! Mamãe, não encontro palavras para expressar o quanto desejo ser missionário. Levar as Boas Novas aos pobres pecadores que perecem! Gastar e me deixar ser gasto por amor Àquele que morreu por mim!... Pense mamãe, em doze milhões – números tão imenso que é impossível avalia-lo – sim, doze milhões de pessoas na China, que todos os anos, passam para a eternidade sem Deus e sem esperanças... Oh! Olhemos essa multidão com compaixão! Deus tem sido misericordioso para conosco; devemos imitá-lo...

Preciso parar por aqui. Mas, pergunto, a senhora não deixaria tudo por amor a Jesus que morreu para salva-la? Sim, mamãe. Sei que deixaria. Deus esteja com a senhora e a console. Acho que devo partir tão logo consiga

ajuntar o dinheiro suficiente para a viagem! Sinto “que não poderei viver sem fazer algo pela China.”

Entretanto, embora desejasse muito ir, e ir logo, algumas considerações o prendiam. O quartinho em “Drainside” foi testemunha de muitos conflitos e vitórias que só Deus conhecia.

“Para mim, o assunto era muito sério (escreveu naquele inverno), pensar em ir para a China, longe de todo auxílio humano, e lá ficar dependendo somente de Deus tanto no que diz respeito à segurança pessoal e às provisões, como para toda e qualquer espécie de auxílio. Senti que era preciso fortalecer os músculos espirituais para um empreendimento dessa natureza. Não restava dúvida: se minha fé não falhasse, Deus não haveria de falhar. Mas, e se a fé provasse ser insuficiente: Naquele tempo leu ainda não havia aprendido que: “se somos infiéis, Ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a Si mesmo”. Em conseqüência, era muito importante verificar, não se Deus era fiel, mas se eu tinha uma fé suficientemente forte para permitir que me lançasse neste novo empreendimento.

- “Quando eu for para a China, pensava com meus botões, não poderei exigir nada de ninguém. Meus clamores serão dirigidos unicamente a Deus. Era indispensável, então, antes de sair da Inglaterra, aprender a maneira de mover os homens por meio de Deus, e isso, somente pela oração.”

Para esse fim, ele estava disposto a pagar o preço, fosse qual fosse. Talvez houvesse de sua parte alguma falta de juízo. Talvez houvesse de sua parte alguma falta de juízo, algum exagero, mas foi maravilhoso o modo como Deus o compreendeu e veio ao seu encontro! “Mover os homens, por meio de Deus, somente pela oração” – foi luma grande ambição, gloriosamente realizada naquele inverno solitário em “Drainside”.

“Em Hull, meu bom patrão (continuou escrevendo) pedira que eu lhe fizesse lembrar quando a meu salário devia ser pago”. Resolvi não fazer isso diretamente, mas pedi a Deus que o fizesse lembrar, e assim, me animasse pela resposta à oração.

Certa ocasião quando o dia do pagamento trimestral se aproximava, eu estava orando muito sobre isso, como de costume. Chegou o dia, mas o Dr. Hardey não se referia ao assunto. Continuei orando. Passaram-se dias, e ele não havia meio de se lembrar; certo sábado à noite, ao acertar as contas da semana, descobri que me restava

apenas uma única moeda – meia coroa inglesa. Contudo, até então, eu não tinha passado nenhuma necessidade, e continuei a orar.

O domingo foi muito feliz. Como sempre, meu coração estava cheio e transbordante de bênçãos. Depois de assistir aos trabalhos religiosos da manhã, dedicava as tardes e noites aos trabalhos evangelísticos nas várias pensões que costumava visitar na parte mais baixa da cidade. Nessas ocasiões parecia-me que o céu já começava aqui na terra, e que só no além se podia esperar maior alegria, mesmo assim eu não podia conceber uma alegria mais real do que a que eu já sentia. Depois do culto da noite, mais ou menos às dez horas daquela noite, um coitado pediu-me que fosse orar com sua esposa que estava à morte, segundo me dizia. Concordei prontamente, e no caminho indaguei por que não tinha procurado um padre, pois pelo sotaque conheci tratar-se de um irlandês, portanto, muito provavelmente, um católico. Disse-me ele que havia procurado um padre, mas que ele recusara-se a vir a não ser que lhe pagasse dezoito penies, importância essa que o homem não tinha para dar. A família estava passando fome, Veio-me logo à mente a lembrança de que todo o dinheiro que eu possuía no mundo era aquela única moeda de meia coroa, e mais a tigela de sopa rala de aveia que eu costumava tomar no jantar que estava pronta me esperando, e que para o café da manhã seguinte ainda havia alguma coisa em casa, mas para o almoço leu já não tinha nada.

De qualquer modo, naquele momento meu coração fez uma pausa no curso de sua alegria. Em vez de repreender-me a mim mesmo, comecei a exortar o pobre homem, dizendo-lhe que tinha sido muito errado da sua parte deixar as coisas chegarem até àquele ponto e que deveria ter já procurado o auxílio das autoridades. Respondeu-me que isso ele havia feito, mas temia que a esposa não passasse daquela noite.

- Ah, eu pensei. Se eu tivesse o dinheiro trocado, por exemplo, se tivesse dois xelins e seis penies, em vez de só uma moeda de meia coroa, eu poderia dar um xelim a esta gente, com muito gosto! Mas dar tudo estava longe de ser a minha idéia. A verdade, que eu não havia pensado, era simplesmente a seguinte: eu confiava em Deus mais um xelim e meio, mas não estava preparado para confiar em Deus só sem xelim nenhum no bolso.

Meu guia levou-me a um pátio, cujos degraus da entrada descí um pouco nervoso. Já tivera ocasião de estar ali, sendo que na última visita eu fora maltratado... Subimos uma escadaria triste que levava a um quarto muito pobre, e então – ai! Que cena mais triste se via! Quatro ou cinco crianças em pé, as faces chupadas evidenciando desnutrição e fome! Na cama estreita e dura estava a mãe, exausta,

coitada, com um pobre nenezinho de trinta e seis horas de vida, mais gemendo do que chorando ao seu lado.

- Ah, eu pensei novamente, se eu tivesse o dinheiro trocado em dois xelins e meio, daria um xelim e meio com o maior prazer.

Mas, ainda uma infeliz falta de fé me impedia de obedecer ao impulso de aliviar aquela aflição com o preço de tudo o que eu possuía.

Não é de estranhar que pouco eu pude dizer para consolar aquela pobre gente. Eu mesmo é quem mais precisava de consolo. Comecei por dizer-lhes que, afinal, não deviam desanimar; que embora as circunstâncias fossem aflitivas, havia um Pai de amor e bondade no céu. Mas algo dentro de mim, uma voz, começou a clamar: -Ó hipócrita! Você fala a essas pessoas não crentes sobre um Pai bondoso e amoroso no céu, quando você mesmo não confia nEle sem a moeda de meia coroa!

Quase engasguei. Como gostaria de aliviar a consciência, se eu tivesse um florim (moeda de dois xelins) e o seis penies, teria, de bom grado, dado o florim, e guardado o pouco restante. Mas, eu não estava ainda preparado para confiar só em Deus, sem os seis penies!

Falar não era possível naquelas circunstâncias; entretanto, por estranho que parecesse, pensei que não seria difícil orar. Naqueles dias a oração me era uma ocupação maravilhosa. O tempo que eu passava orando nunca parecia cansativo, e jamais me faltavam palavras. E eu parecia pensar que ali só precisaria ajoelhar-me e orar, para que viesse alívio a mim e a eles juntamente.

- Você pediu-me que viesse orar com sua esposa, disse ao homem. Vamos orar. Ajoelhei-me.

Mas, apenas eu tinha pronunciado as palavras: "Pai nosso que estás no céu, quando a consciência retrucou: - Você ainda ousa zombar de Deus"? Você tem coragem de ajoelhar-se e chama-lo de Pai com essa moeda de meia coroa no bolso?

Passei por um momento de conflito como nunca antes experimentara. Não sei como consegui terminar a oração, nem se as palavras tinham ou não sentido. Mas ergui-me com o coração angustiado.

O pobre pai virou-se para mim e disse: - O senhor está vendo em que situação terrível nós estamos? Se o senhor pode ajudar-nos, pelo amor de Deus, ajude-nos!

Naquele instante estas palavras brilharam em minha mente: 'Dá a que te pede'. Na palavra de um Soberano, há poder.

Pus a mão no bolso e, devagar, retirei a moeda. Dei-a ao homem e disse-lhe que podia parecer-lhe fácil eu os estar ajudando, pois a minha aparência era de alguém que tinha recursos, mas, na verdade, desfazendo-me daquela meia coroa, eu lhe estava dando tudo o que possuía; o que havia tentado dizer era a verdade: Deus é Pai e pode-se

confiar nEle. E então a alegria tornou a inundar meu coração completamente. Agora sim, eu podia dizer alguma coisa com toda a sinceridade, pois não existia mais impedimento algum – e creio que ele desapareceu de uma vez por todas.

Compreendi então, plenamente, que não só a vida daquela pobre mulher fora salva, mas também a minha. Quase naufraguei, pois eu não teria sobrevivido como vida cristã, ao que me parece, se naquela ocasião a graça não vencesse e o Espírito de Deus não fosse obedecido.

Lembro-me bem que, naquela noite, quando eu voltava ao meu quarto, meu coração sentiu-se tão leve como meu bolso. As ruas desertas e escuras ecoaram com um hino que não pude deixar de cantar. Quando tomei a sopa antes de deitar, não ateria trocado pelo banquete de um príncipe. E quando me ajoelhei junto ao leito, fiz lembrar ao Senhor Sua Palavra, que diz: ‘Quem se compadece do pobre ao Senhor empresta’ e pedi que não deixasse o empréstimo ser por longo prazo, porque se não leu não teria almoço no dia seguinte. E assim, com paz interior e exterior, passei a noite feliz.

No outro dia ainda tinha meu prato de mingau para a refeição matinal, e antes que terminasse de tomá-lo, ouvi o carteiro bater à porta. Eu não costumava receber cartas nas segundas-feiras, porque nem meus pais, nem a maioria dos amigos costumavam pô-las no correio aos sábados. Fiquei admirado, portanto, quando a proprietária entrou, segurando uma carta ou qualquer coisa para mim, na mão molhada coberta pelo avental. Olhei a carta, mas não reconheci a letra. Era de pessoa estranha ou estava disfarçada, e o carimbo borrado. Não pude saber de onde vinha. Abrindo o envelope, nada encontrei escrito, mas dentro de uma folha de papel em branco estava dobrado um par de luvas de pelica. Quando as desdobrei, com espanto, vi cair ao chão uma moeda no valor de dez xelins.

-‘Louvado seja Deus’, exclamei. ‘Quatrocentos por cento num empréstimo de doze horas! Como ficariam contentes os comerciantes de Hull se pudessem emprestar seu dinheiro a essa taxa!’

E ali mesmo resolvi fazer desse Banco, que não tinha perigo de falir, o depositário de minhas economias ou vencimentos, conforme o caso, uma resolução que até hoje não tive ocasião de lamentar.

Não sei dizer quantas vezes me veio à mente esse incidente, nem o quanto ele me tem valido em circunstâncias difíceis. Se formos fiéis a Deus nas pequenas coisas, ganharemos experiência e forças que nos ajudarão nas provações mais sérias da vida.”

Mas isso não foi o fim da história, nem foi essa a única resposta à oração que confirmou a fé de Hudson Taylor nessa época.

“Esse livramento extraordinário e gracioso deu-me grande alegria bem como a confirmação de minha fé. Mas dez xelins, naturalmente, por mais economia que se fizesse, não poderiam durar muito, e era preciso continuar em oração, suplicando para que a quantia maior que ainda me era devida fosse lembrada e paga. Toda as minhas preces, entretanto, pareciam não ser atendidas, e após uma quinzena, já me encontrava mais ou menos na mesma situação daquele domingo memorável. Continuava rogando a Deus, cada vez mais fervorosamente, para que Ele mesmo fizesse vir à mente do Dr. Hardey que o meu salário já estava vencido.

É claro que não era a falta de dinheiro que me perturbava. Isso eu só teria que pedi. Mas, o que, sobretudo, me preocupava era isto: Poderei ir à China, ou a minha falta de fé e de poder em Deus será obstáculo tão sério que me impedirá de entrar nesse serviço tão almejado:

A medida que a semana avançava eu me via embaraçado, desconcertado. Não era só a mim que precisava considerar. Naquele sábado a noite deveria pagar à proprietária o aluguel do quarto, e sabia que ela precisava do dinheiro. Será que por causa dela, eu não deveria falar no assunto do salário? Mas fazer isso seria, pelo menos para mim, admitir que eu não estava em condições de tentar um empreendimento missionário. Gastei quase o dia inteiro, na quinta e também na sexta-feira, todo o tempo não ocupado com o emprego, usei-o em luta fervorosa com Deus em oração. Mas no sábado de manhã eu continuava na mesma situação. E agora meu apelo era para que Deus me guiasse para saber se eu ainda devia aguardar o tempo que Ele determinasse; Deus, porém, de um modo ou de outro, viria em meu socorro. Esperei, então, com o coração calmo e sem ansiedade.

Lá pelas cinco horas daquela tarde de sábado, quando o Dr. Hardey tinha acabado de escrever as receitas, com as últimas visitas médicas feitas, ele jogou-se para trás em sua poltrona como costumava fazer, e começou a falar nas coisas de Deus. Era um homem verdadeiramente cristão e muitas vezes experimentamos juntos momentos de feliz comunhão. Naquela hora eu observava uma panela na qual fervia um preparado que exigia bastante atenção. Foi a minha sorte, pois, sem qualquer relação aparente com o que vinha acontecendo, ele disse, de repente:

- Por falar nisso, Taylor, não é tempo de eu lhe pagar o seu salário?

Pode-se imaginar minha emoção. Tive que engolir em seco duas ou três vezes antes de poder responder. Com os olhos fitos na panela, e de costas para o outro, disse tão calmamente quanto possível que o

pagamento já estava atrasado há algum tempo. Quanta gratidão senti naquele instante! Com certeza Deus tinha ouvido minha oração, e feito com que nesta minha hora de grande necessidade ele se lembrasse do salário, sem qualquer palavra ou sugestão de minha parte.

-Ora, que pena você não ter me lembrado, respondeu ele. Você sabe que sou muito ocupado. Queria ter pensado nisso um pouco mais cedo, porque justamente hoje à tarde mandei todo o dinheiro que tinha para o Banco. Se não, eu lhe pagaria agora.

É impossível descrever a revolta de sentimentos causados por essa declaração inesperada. Não sabia o que fazer. Felizmente para mim a mistura ferveu e subiu na panela, e tive motivo suficiente para sair correndo da sala com ela. Para mim foi ótimo ficar longe dos olhos do Dr. Hardey, até que ele tivesse ido para casa, e gostei por ele não ter percebido minha emoção.

Logo que ele saiu, tive de procurar meu esconderijo e derramar meu coração perante o Senhor antes que pudesse voltar à calma, e ali não só a calma, mas também a gratidão e a alegria me foram restauradas. Senti que Deus tinha seu próprio modo de agir e não me falharia. Cedo naquele dia eu havia procurado conhecer Sua vontade, e até onde pude julgar, Deus me guiava a esperar pacientemente. Agora Ele haveria de agir a meu favor de algum outro modo.

Como geralmente fazia nas noites de sábado passei aquelas primeiras horas da noite lendo a Bíblia e preparando o assunto sobre o qual esperava falar nas várias pensões no dia seguinte. Demorei talvez um pouco mais do que o costume. Finalmente, lá pelas dez horas, sozinho, vesti o sobretudo e me preparava para voltar para casa, já pensando com gratidão no alívio que seria entrar com a minha chave, sem precisar encontrar com a dona da casa, em virtude da hora avançada. Para aquela noite de certo não haveria jeito. Mas quem sabe Deus iria intervir por mim até segunda-feira, e eu poderia pagar o aluguel no começo da semana, já que não podia antes, como desejava.

Quando eu ia abaixar o gás do aquecedor para sair, ouvi os passos do doutor no jardim que ficava entre a casa dele e o consultório. Estava rindo alto de si para si, como quem acha muita graça. Entrando no consultório pediu o livro-caixa, e contou-me que, estranhamente, um de seus pacientes mais ricos acabava de vir pagar a conta médica. Não era curioso?! Nunca eu podia pensar que tivesse alguma coisa a ver com o meu caso, ou teria ficado desajeitado. Olhando isso como espectador desinteressado, também achei engraçado um homem que nadava em dinheiro vir depois das dez da noite pagar uma conta que poderia ter pago por cheque em qualquer dia com a maior facilidade. Parece que, de um jeito ou de outro, o

homem não conseguia descansar com isso na mente, e tinha sido constrangido a vir àquela hora da noite para pagar o que devia.

A conta foi devidamente registrada no livro, e o Dr. Hardey estava para sair, quando, de repente, voltou-se e entregando-me algumas das notas que recebera, disse para minha surpresa e gratidão.

- Sabe, Taylor, pode levar estas notas. Não tenho os trocados, mas na próxima semana dou o restante.

Mais uma vez fiquei ali, sem revelar-lhe meus sentimentos, para voltar ao meu esconderijo e louvar ao Senhor com o coração jubiloso, porque agora sabia que, apesar de tudo, eu poderia ir à China.

A FÉ PROVADA E FORTALECIDA

*Basta que o Senhor nos céus o saiba: Nada esta fé pode ofuscar!
Ele oferta as melhores coisas para quem a escolha, para Ele deixar (Antologia).*

- “Afim, agora eu podia ir à China! Mas quantas proações ainda estavam à frente.” A vida que seria extraordinariamente frutífera tinha de ser radicada e fundamentada em Deus de maneira toda especial.

Depois da cidade de Hull, veio Londres. Ali Hudson Taylor entrou como estudante de medicina em um dos grandes hospitais. Ainda dependia somente de Deus para o seu sustento, pois, apesar de seu pai e da Sociedade que mais tarde o enviaria à China oferecer-se para ajudá-lo em suas despesas, ele sentiu que não deveria perder a oportunidade de provar melhor as promessas de Deus. Quando recusou a oferta generosa do pai, os familiares concluíram que a Sociedade estava cuidando de seu sustento. Esta pagou suas taxas no hospital londrino, um tio no bairro de Sonho abriu-lhe o lar por algumas semanas, mas, fora disso, nada o amparava nessa grande cidade a não ser a fidelidade de Deus. Antes de sair de Hull ele havia escrito à mãe:

-“Estou na verdade provando a realidade daquelas palavras: “Tu conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque confia em Ti.” Minha mente está tão sossegada ou mais do que se eu tivesse cem libras esterlinas no bolso. Que Deus me conserve sempre assim, dependendo simplesmente dEle para toda bênção, tanto material como espiritual.”

E para a irmã dele, Amélia, escreveu:

“Nenhuma posição apareceu em Londres que me servisse bem, mas isso não me preocupa porque ‘ELE é o mesmo ontem, hoje e eternamente’. Seu amor não falha Sua palavra não muda, Seu poder é sempre o mesmo; portanto, o coração que nEle confia é guardado em ‘perfeita paz.’... Eu sei que Ele me prova apenas para fortalecer minha fé, e que tudo faz por amor. E, se isso O glorifica, eu estou contente.”

Para o futuro, tanto próximo como distante, Hudson Taylor tinha uma confiança capaz de suportar qualquer prova. E se isso falhasse, era melhor que fosse em Londres do que na China longínqua. Propositadamente, de livre e espontânea vontade, desligou-se das possíveis fontes de renda. O de que realmente precisava era de Deus, do Deus vivo – de maior fé para apegar-se à Sua fidelidade, e de mais experiência dos meios práticos de tratar com Ele sobre todas as situações. Seu conforto ou desconforto em Londres, os recursos ou falta deles, pareciam coisas insignificantes comparadas ao conhecimento mais profundo dAquele de Quem tudo

depende. Agora que aparecia outra oportunidade de pôr à prova esse conhecimento, ele não hesitou mesmo sabendo que poderiam ser grandes as provações que apareceriam.

O resultado comprovou que nessa decisão o jovem estudante de medicina foi realmente guiado por Deus. Foram muitas e inconfundíveis as respostas às orações em Londres que tornaram mais forte sua fé, dando-lhe o preparo necessário para o imprevisto desenrolar de acontecimentos que precipitariam sua ida à China em menos de um ano. No breve Retrospecto que escreveu, o Sr. Taylor conta a história desses incidentes. Aqui é bastante dizer que a solidão e as privações pelas quais Deus lhe permitiu passar, a prova de resistência – quando durante meses a fio teve que sustentar-se apenas com pão preto e maçãs, e caminhar mais de doze quilômetros diariamente para ir e vir do hospital – e toda a incerteza de sua atenção para com a única sociedade missionária que se dispunha a manda-lo para a China mesmo sem instrução universitária muito contribuíram para torna-lo o homem de fé que já era naquela idade jovem.

Hudson Taylor contava só vinte e um anos quando o caminho abriu-se inesperadamente, e a Sociedade Evangelizadora da China o convidou para embarcar para Xangai, logo que se encontrasse um navio. A Rebelião de Taiping atingiu o zênite de seu avanço triunfal. Com a capital firmemente estabelecida em Nanquim, às forças da rebelião, que eram nominalmente cristãs, estenderam-se pelas províncias centrais e setentrionais, e até a cidade de Pequim estava dentro de seu alcance. O chefe escreveu para um missionário em quem confiava: - “Mande-me mestres, muitos mestres para ajudar a tornar conhecida a Verdade. Daqui em diante, quando meu empreendimento estiver terminado com êxito, difundirei a Doutrina por todo o império, para que todos se voltem ao único Senhor e adorem o Deus verdadeiro. É isto que meu coração deseja fervorosamente.”

Numa palavra, a impressão era de que a China seria imediatamente aberta para os mensageiros do Evangelho. Os corações cristãos em toda parte se emocionaram. Era preciso fazer algo, e fazê-lo imediatamente, para enfrentar o momento tão decisivo. Por algum tempo, portanto, o dinheiro chovia nos cofres. Entre outros projetos para o incremento a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira prometia celebrar seu jubileu com a publicação de um milhão de exemplares do Novo Testamento em chinês; e a sociedade com a qual Hudson Taylor se correspondia resolveu mandar dois homens a Xangai para trabalharem no interior. Um deles, um médico escocês, não podia sair naquela ocasião mas contavam com o mais moço para partir imediatamente, mesmo que isso significasse o sacrifício dos graus em medicina e cirurgia para os quais estava labutando.

Era um passo sério, e Hudson Taylor naturalmente procurou os pais pedindo conselhos e orações. Após luma entrevista com um dos secretários da Sociedade Evangelizadora da China, escreveu à sua mãe:

“O Sr. Bird removeu a maioria das dificuldades que eu vinha sentindo, e acho que será aconselhável seguir sua sugestão e apresentar-me à Comissão. Aguardo sua resposta e confio em suas orações. Se eu for aceito para ir já, será que devo voltar em casa antes de embarcar? Quero tanto estar com todos aí mais uma vez, e sei que naturalmente querem ver-me; mas quase chego a pensar que seria mais fácil não nos encontrarmos, do que nos encontrando termos que nos separar de novo para sempre. Não, não será para sempre!

**O sofrimento aqui é breve!
Por que fugir à nossa cruz?
Oh! Vamos apressadamente
Seguir os passos de Jesus.
Deixando tudo, no Céu temos.
Seu sorriso – nossa luz!**

Não posso continuar escrevendo agora, porém espero carta sua logo que possível. Ore muito por mim. É fácil falar em deixar tudo por Cristo, mas quando se chega à prova – é só quando estamos ‘completos NELE’ que podemos traduzir isso em ação. Deus esteja com a senhora e a abençoe, minha querida, mãe, e que Ele lhe conceda tanta certeza de como Jesus é precioso que a senhora nada almeje senão “conhece-lo”... Mesmo na “participação dos sofrimentos.”

E para a irmã escreveu:

“Ore por mim, cara Amélia, para que Aquele que prometeu satisfazer todas as nossas necessidades esteja comigo nesta hora dolorosa, embora tão longamente esperada”. Quando olhamos para nós mesmos, para a insuficiência de nosso amor, para a improdutividade de nosso serviço e o pouco progresso que fazemos em direção ao alvo da perfeição, quanto nos refrigera voltarmos para ELE; imergirmos de novo na ‘fonte aberta para o pecado e impureza’, lembrar que somos ‘aceitos no Bem-Amado’... ‘o Qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.” Oh! A plenitude de Cristo, a plenitude de Cristo!”

A China de 1854, quando após uma viagem perigosa de cinco meses, Hudson Taylor pisou em seu solo pela primeira vez, era um país bastante problemático para o evangelista. Xangai e quatro outros portos comerciais eram os únicos lugares onde se permitia a residência de estrangeiros; e no interior, isto é, de longe do litoral, não havia um missionário protestante sequer. A guerra civil assolava, e a propaganda de Taiping começava a

perder as qualidades primitivas. Já estava se degenerando no movimento político corrupto que encheu o país de sangue e sofrimentos incalculáveis durante os onze anos restantes de sua duração. Ao invés de poder chegar a Nanquim e evangelizar o interior, Hudson Taylor encontrou dificuldade até em assegurar sua posição em Xangai. Somente correndo os maiores riscos é que se podia tentar fazer viagens de evangelização.

Anos mais tarde, quando ele próprio era o responsável pela orientação de muitos missionários, era fácil ver que as provações daqueles primeiros dias lhe tinham sido indispensáveis. Foi o pioneiro, e abriu caminho na China para centenas de sucessores, embora, na época, nem ele nem os outros estivessem imaginando isso. Todas as cargas deviam ser pousadas em seus ombros, todos os testes deviam ser reais para ele como só a experiência os pode tornar. Assim como o ferro é temperado e se transforma em aço, seu coração devia ser mais forte e mais paciente do que o dos outros, por ter amado e sofrido mais. Se um dia tivesse de animar os milhares de pessoas no sentido de uma vida de confiança absoluta como a da criança, ele próprio precisaria aprender lições ainda mais profundas do cuidado amoroso do Pai. Portanto, Deus permitiu que as dificuldades o rodeassem, especialmente a principio, quando as impressões eram fortes e permanentes; e essas dificuldades se faziam acompanhar de muitos livramentos que as tornavam em bênçãos para toda a vida.

Para começar, Xangai estava nas garras da guerra. Um bando de rebeldes conhecido pelo nome de “Turbantes Vermelhos” dominou a cidade chinesa, perto da Colônia Estrangeira, e de quarenta a cinquenta mil homens das forças nacionais acampavam a seu redor. Os combates eram quase contínuos, e muitas vezes tiveram que ser chamada a milícia estrangeira para proteger a Colônia. Devido à guerra tudo estava a um preço exorbitante, e tanto a cidade como a Colônia estavam tão repletas que era difícil obter-se acomodações por mais que se pagasse. Não fosse o Dr. Lockhart, da Missão de Londres recebe-lo por uns dias, o recém-chegado missionário estaria em apuros. Mesmo assim, pela janela podia observar a luta cerrada, e não conseguia andar em qualquer direção sem notar a miséria como nunca antes sonhara existir.

Também fazia um frio intenso quando Hudson Taylor aportou em Xangai. Como o carvão estivesse custando cinquenta dólares por toneladas, não era possível fazer muito para aquecer as casas. Acostumado à simplicidade, o moço agradeceu por ter abrigo em terra firme, mas sofreu muito com o frio e a umidade penetrantes.

Minha posição é bastante difícil (escreveu pouco depois da chegada). O Dr. Lockhart trouxe-me para residir com ele temporariamente, pois por aqui não se consegue uma casa de jeito

nenhum... Ninguém pode morar na cidade... Estão lutando agora enquanto escrevo, e a casa treme com o ribombar dos canhões.

Faz tanto frio que é difícil pensar ou segurar a pena. Pela minha carta ao Sr. Pearce poderá ver como estou perplexo. Daqui a quatro meses é que poderei esperar a resposta desta carta, e a própria bondade dos missionários que me receberam de braços abertos faz com que eu tenha medo de ser pesado para eles. Jesus há de me guiar bem... Amo os chineses cada vez mais. Oh! Como desejo ser útil entre eles!

Sobre o primeiro domingo que passou na China, ele escreveu:

“Assisti a dois cultos na Missão de Londres, e, à tarde, entrei na cidade com o Sr. Wylie. Você nunca viu uma cidade sitiada... Que Deus o ajude para que nunca veja! Caminhamos a certa distância ao redor do muro, e foi triste ver as ruínas de fileiras de casas queimadas, explodidas, quebradas – e, todas as fases de destruição! E a miséria daqueles que as ocupavam, e que, agora, nesta estação inclemente do ano, foram forçados a deixar lar e abrigo, é terrível de imaginar-se...

Quando chegamos à Porta Norte, estavam em peleja cerrada fora da cidade. Um homem foi carregado para dentro morto, outro com uma bala no peito, e um terceiro cujo braço examinei parecia estar em horrível agonia. Uma bala atravessou diretamente o braço quebrando o osso. Mais adiante encontramos uns homens trazendo para dentro um canhão que capturaram, e atas deles vinham outros arrastando pelas tranças cinco infelizes prisioneiros. Quando passaram os pobres homens clamaram de maneira comovente para que os salvássemos, mas nada podíamos fazer! Provavelmente iriam ser decapitados imediatamente. Dá arrepios pensar “nisso”.

Os sofrimentos ao redor, e o fato de que ele pouco ou nada podia fazer para ajudar, tê-lo-iam oprimido muito, não fosse o fortalecimento dAquele que mais sofreu.

“Percebi bem o que significava estar tão longe de minha família, no miolo da guerra, acrescentou ele, e sem poder compreender nem ser compreendido pelo povo. A desgraça e miséria completa deles, e a minha incapacidade de ajudá-los ou mesmo de guia-los para Jesus, abalava-me fortemente. Satanás entrou em cheio, mas havia Um que erguia o estandarte contra ele. Jesus está aqui, e embora seja desconhecido da maioria e desprezado por muitos que poderiam conhece-lo, Ele está presente e é precioso para os Seus.”

Não lhe faltaram também as provações pessoais. Pela primeira vez na vida, Hudson Taylor achou-se numa situação em que não podia nem mesmo atender às suas obrigações financeiras. De bom grado viveu com quase nada em sua pátria, para conservar-se dentro de seus recursos, mas agora ele não podia evitar despesas que iam bem além de sua renda. Vivendo com outras pessoas cujos salários eram de três a quatro vezes o seu, ele viu-se obrigado a tomar pensão como eles, e ir vendo como desapareciam com rapidez alarmante seus recursos. Na sua terra, ele tinha sido coletor do dinheiro para as missões estrangeiras, e sabia o que significava receber as contribuições dos pobres que lutavam pela vida. O dinheiro missionário era para ele uma responsabilidade sagrada e vê-lo usado tão liberalmente causava-lhe à Sociedade recebiam somente respostas insatisfatórias. Depois de esperar durante meses por algumas instruções, podia não receber nada que respondesse às suas perguntas mais urgentes. A Comissão em Londres estava longe, e pouco compreendia as circunstâncias em que ele se achava. Compunha-se de homens ocupados, absortos em seus próprios afazeres; e mesmo, com a maior boa vontade e desejo de promover a causa, nada podiam fazer.

O dólar de Xangai, que antes valia uns cinqüenta centavos de ouro, passava já a valer duas vezes mais, e continuava a subir, mas sem maior poder aquisitivo. Hudson Taylor viu-se obrigado a ultrapassar o salário para obter as coisas de primeira necessidade, chegando a fazer uso de uma carta de crédito que lhe fora dada para as emergências, mas mesmo assim não conseguia saber ao certo se essas contas seriam resgatadas. Foi uma situação aflitiva para quem era tão consciencioso nas finanças, e lhe custou muitas noites de sono.

Depois, com o calor do verão, novas perplexidades surgiram. Não diretamente de sua Comissão, mas indiretamente, através de terceiros, Hudson Taylor soube que o médico escocês que seria seu colega, já havia embarcado da Inglaterra com a esposa e filhos. Não recebera instruções quanto à questão de arranjar casa para a família. A medida que o tempo passava, percebia que se ele não tomasse providências, ele ficaria desabrigado. Sem autorização para essa despesa, ele teria que procurar e alugar cômodos para aquelas cinco pessoas; e a tarefa não seria fácil. Não quis gastar com uma liteira – o meio de transporte adequado para pessoas de seu nível – e ficou esgotado procurando casa por toda a cidade e na Colônia, no ofuscante calor de agosto. Não havia casas para alugar. Os amigos de Xangai aconselharam-no dizendo que a única solução seria a compra de um terreno lê construir imediatamente. Mas como ele poderia contar-lhes a realidade e revelar o seu estado de penúria: Já era corrente naquela comunidade a crítica à administração da Sociedade que ele representava; e assim ele fez segredo de suas preocupações, até onde foi possível, e buscou ao Senhor para lançar sobre Ele as ansiedades.

“A pessoa que se apóia em Cristo, o Amado, (ele escreveu nessa situação) acha sempre possível dizer: ‘Não temerei, porque Tu estás comigo.’ Mas eu sou como Pedro. Meus olhos se desviam facilmente daquele em Quem se pode confiar, e enxergam os ventos e as ondas... Ai! Como gostaria de ser mais estável! Ler a Palavra e meditar nas promessas tem sido luma ocupação cada vez mais preciosa ultimamente. A principio permiti que meu desejo de aprender a língua com rapidez adquirisse uma importância indevida, e isso produziu um efeito paralisante sobre minha alma. Mas agora, na graça que excede o entendimento, meu Senhor novamente fez brilhar o seu rosto sobre mim.”

E para a irmã acrescentou:

“Tenho quebrado a cabeça novamente com o problema de casa, mas sem resultados”. Fiz disso, portanto, um assunto de oração, e deixei-o completamente nas mãos do Senhor, e agora estou em paz. “Ele proverá e será meu guia neste e em todos os outros passos difíceis.”

Deve ter-lhe sido até difícil ver quando soube, somente dois dias depois de escrever isto, que havia acomodações para alugar. Era uma casa suficientemente grande para os colegas esperados, e antes do fim do mês a chave estaria com ele. A casa tinha cinco cômodos em cima e sete embaixo, e apesar de ser um pobre prédio chinês, de madeira, sem muita firmeza, estava situada ali no meio do povo, perto da Porta Norte da cidade. Seis meses após sua chegada à China, Hudson Taylor estabeleceu-se nessa casa. Embora o local fosse tão perigoso que o seu professor não tivera coragem de acompanhá-lo, Hudson Taylor pode contratar um cristão de Xangai, homem de cultura, para ajudá-lo com o dialeto da zona.

Estar sozinho entre os chineses, num lugar seu, e poder, com o auxílio de seu novo professor, dirigir reuniões diárias e fazer bastante trabalho médico, fora uma verdadeira alegria! Mas a localização provara ser mais perigosa do que fora levado a pensar. Ficava fora da proteção da Colônia, e dentro do alcance da artilharia imperial que constantemente alvejava a Porta Norte. Não foi difícil então, descobrir porque a casa tinha ficado vazia. Durante quase três meses o jovem missionário agüentou firme, na esperança de ver as coisas mudarem para melhor. Mas a situação tornou-se crítica. Sua vida já estivera em perigo várias vezes, e dia após dia ele era obrigado a presenciar cenas da mais horrível crueldade. Finalmente a casa vizinha foi incendiada com o objetivo de fazer o estrangeiro mudar-se. Não havia outra escolha senão voltar à Missão de Londres. E ali, bem a tempo, antes da chegada dos Parkers, foi-lhe possível encontrar um abrigo.

Uma casinha na propriedade da Sociedade Missionária de Londres, perto da residência do Dr. Lockhart, havia sido o lar dos melhores amigos de Hudson Taylor na China. Muitas vezes passou horas com ele junto à lareira, compartilhando da felicidade do jovem missionário inglês e de sua esposa. Mas com o nascimento do primeiro filho, o lar se desfez, e o pai entregou o pequenino, já órfão de mãe, para ser cuidado por amigos. Condoendo-se do amigo em sua tristeza, Hudson Taylor não tinha ainda percebido a relação que havia com o seu próprio problema aquela casa vazia, tão repleta de lembranças. Mas antes que ele tivesse sido obrigado a sair do lugar perigoso perto da Porta Norte, a casa Burdon já estava para ser alugada. Esperava-se a chegada dos Parkers a qualquer hora; e embora isso o deixasse com apenas três dólares no bolso, Hudson Taylor seguiu a casa por conta própria, já a tempo de receber os colegas, inclusive o nenê nascido durante a viagem, no navio.

Para ajudar nas finanças, ficou contente por ter conseguido subalugara metade da casa para outra família missionária aflita por abrigo, mas isso deixou somente três cômodos para os Parkers e ele. Ainda assim, não pode mobiliá-los devidamente, e seus poucos pertences davam um aspecto triste diante da necessidade de acomodar ali seis pessoas. E isso foi apenas o começo de suas dificuldades; porque também o Dr. Parker tinha em mãos somente alguns dólares depois de ter gasto muito na longa viagem de navio, e confiava numa carta de crédito da Sociedade, que por algum engano não apareceu. Carta que deveria ter sido enviada antes dos Parkers saírem da Inglaterra, mas passaram-se os meses e não houve notícias a respeito, nem referência alguma a seu desaparecimento. Como a família não fora avisada do rigor do inverno, via-se agora necessitada de roupas e cobertores mais quentes. É difícil ver-se como sobreviveram àqueles meses difíceis; e podemos imaginar os comentários da comunidade estrangeira.

O Dr. e Sra. Parkers suportaram tudo, firmes e pacientes, sem se deixarem desviar da obra missionária, pelas tentações das oportunidades que havia para um médico em Xangai. O Dr. Parker saía diariamente, com o seu jovem colega, para evangelizar na cidade e nas vilas circunvizinhas, e quando os dois estavam em casa, no aperto daqueles cômodos, dedicavam-se ao estudo assiduamente. Porém tudo isso importou em lições gravadas a fogo no coração de Hudson Taylor: aprendeu como não tratar aqueles que humanamente dependem de nós. Os membros da Comissão em Londres eram, vários deles, bons amigos pessoais dos missionários. Nunca poderia esquecer a comunhão em assuntos espirituais que juntos experimentaram em Tottenham e em outros lugares; e mesmo quando sentia mais de perto os erros eles, Hudson Taylor tinha saudade da atmosfera de oração e amor para com a Palavra de Deus. Mas, que qualquer coisa estava faltando, era evidente. O jovem missionário deveria descobrir com clareza como vir a ser tão prático quanto espiritual em sua liderança no futuro. E assim, a firmeza e

a solidez do aço vieram fazer parte de seu forte caráter, como foi com José naqueles tempos antigos; e dessa dura experiência resultaria mais tarde o sossego de espírito para muitos outros.

“Você pergunta de que modo elimino minhas preocupações (escreveu para a irmã, com quem se correspondia com toda a intimidade). É assim: - Levo tudo para o Senhor. Depois que escrevi até aqui, tenho estado lendo o meu trecho da noite – Salmo 72 a 74. Leia-o e veja como se aplica ao caso. Não sei por que, mas poucas vezes consigo ler as Escrituras atualmente, sem que me venham lágrimas de alegria e gratidão.

Vejo que, estar como estou e como tenho estado desde a minha vinda, contribui mais para meu proveito e progresso do que qualquer outra situação em que pudesse me encontrar embora de muitas maneiras seja doloroso, e longe do que eu mesmo teria escolhido. Ah! Que eu saiba depender mais perfeitamente da sabedoria e do amor de Deus!”

A AMIZADE E MAIS ALGUMA COISA

*“O amor que se curvou sob a carga do irmão
Às nuvens subirá, deixando escolhos!
O amor que não pediu a retribuição
Encontrará doçura em outros olhos!”*

Nada do que ficara registrado sobre os dois primeiros anos de evangelismo na China surpreende mais do que a maneira pela qual Hudson Taylor se dedicou ao evangelismo pioneiro. Seria lógico que com o estudo da língua, acrescido por condições de guerra e quase submerso por outras provações, ele tivesse procurado não fazer tantas viagens de evangelismo itinerante na região como lera o interior naquele tempo. Faz parte desses anos um total de dez jornadas evangelísticas, sendo todas mais ou menos extraordinárias pela coragem e resistência demonstradas.

Ao norte, sul e oeste de Xangai estendiam-se uma região populosa, acessível por inumeráveis caminhos fluviais. Havia muitos juncos, barcaças chinesas de fundo chato, que ofereciam certo abrigo à noite, e transporte durante o dia, de sorte que os viajantes não ficavam dependendo das pensões chinesas. Um sistema simples de cozinha fornecia comida para a família o barqueiro e para “hóspedes”, e podia-se suplementar isso com provisões levadas a bordo. As camas eram só tábuas, e as janelas minúsculas, muitas vezes rentes ao chão, mas podia-se deitar ou sentar nos cobertores que eram levados, quando não havia espaço para ficar em pé. Havia falta de conforto, mas podia-se chega ao povo da cidade em cidade, vila após vila, e por muito tempo avistavam-se os povos dos enquanto se passava lentamente.

Foi isso que atraiu Hudson Taylor, como havia atraído o seu Mestre muito antes. Para o coração de Taylor também foi “necessário” como o foi para o seu Mestre, quando declarou: “É necessário que façamos as obras dAquele que me enviou”; “É necessário que Eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades”; “Ainda tenho outras ovelhas... a Mim Me convém conduzi-las.” Não era suficiente sair às ruas e vielas de Xangai. Outras já estavam fazendo isso até certo ponto. Seu coração pesava com o sentimento de responsabilidade por aqueles além – aqueles que nunca ouviram sobre o caminho da salvação, e que nunca poderiam ouvir a verdade a não ser que lhes fosse levada por mensageiros cheios do Espírito de Cristo. E então nada o impedia, nem o frio do inverno, nem o calor do verão,

nem mesmo perigo de guerras, que a qualquer tempo poderia afetar a sobrevivência dos europeus em geral ou obstruir sua volta a Xangai.

Nem bem ele completava uma viagem, começava a planejar outra. Após um período dedicado principalmente ao estudo, familiarizou-se bastante com a língua para ser entendido em Mandarim bem como no dialeto local; e as viagens com itinerário marcado que se seguiram foram tão intensivas que cerca de dez foi feita em apenas quinze meses. Antes da chegada do Dr. Parker, muitas excursões o levaram a lugares que distavam entre quinze e vinte e poucos quilômetros de Xangai. E durante os três primeiros meses em que estiveram juntos, distribuíram mil e oitocentos Novos Testamentos e porções das Escrituras e mais de dois mil livros e folhetos explicativos. Distribuíram esses exemplares todos com o máximo cuidado, só para quem sabia ler; e, como a maioria era analfabeta, isso significava percorrer muito território e explicar a mensagem dos livros a muitas diferentes multidões. Depois, começando no inverno, quatro viagens foram feitas entre janeiro e março, apesar de temperaturas abaixo de zero, e outras se seguiram a estas em abril, maio, junho, agosto e setembro. Ao sol, no meio das multidões o dia inteiro, e em barcos que precisavam ser fechados à noite por causa dos ladrões no rio, pouco alívio havia do calor intenso. Mas nada intimidava o jovem evangelista.

O risco que corria nessas viagens era considerável, e quando ia sem companhia, sentia bastante a solidão. Longe dos outros estrangeiros, caminhando entre multidões não muito amigas, ele prosseguia calmamente em sua missão, descobrindo sempre que seu equipamento médico era de valor inestimável para abrir caminho aos corações. Enquanto isso, seu próprio coração compreendia, mais intensamente o que significava viver e morrer “sem Cristo”, e seu ponto de vista se alargava. Subia aos montes dominados por templos pagãos, e, também, ao alto de pagodes antigos, e de lá contemplava em volta aquelas cidades, vilas e povoações, os lares de milhões de pessoas – homens, mulheres e crianças que nunca ouviram pronunciar o único Nome “pelo qual importa que sejamos salvos,” Pensamentos vastos e profundos moviam seu coração, “pensamentos que duraram até o fim.”

‘Em meio a essas experiências, a guerra civil atingiu seu auge de desespero, e Xangai caiu ante as forças governamentais. Hudson Taylor estava de viagem na ocasião, com missionários mais velhos, indo com destino ao Lago Soochow. Tinham estado fora poucos dias quando viram do alto de um monte a fumaça de um imenso incêndio. Tanto fogo naquela direção só poderia ser uma coisa: Xangai em chamas! E suas famílias na Colônia: Regressando imediatamente, viram confirmados os seus temores, pois os revoltosos que vinham fugindo em busca de proteção lhes davam notícias. É claro que os missionários não podiam se arriscar a ajuda-los, e tiveram de ver os homens capturados e degolados diante de seus olhos.

Foram correndo cada vez mais apreensivos, e viram provas terríveis da catástrofe que ocorrera. Mas a Colônia estava intacta. Saturados da carnificina os imperialistas faziam tanta festa com a vitória que pouca atenção dava aos estrangeiros.

“Xangai está agora em paz (Hudson Taylor escreveu) mas é como a paz da morte. Pereceram, no mínimo, duas mil pessoas, e as torturas que sofreram algumas das vítimas, creio que nada ficaram a dever às maiores barbaridades da Inquisição. A cidade é pouco mais que um amontoado de ruínas, e causa pena ver muitos dos pobres miseráveis que sobreviveram.”

Contudo, o pior tinha passado, Hudson Taylor e seus colegas entregaram-se à tarefa de cuidar daquela gente de corpo e alma, enquanto aguardavam a resposta de sua Comissão às sugestões que fizeram para um trabalho mais estável e permanente. Tinham tanta vontade de ser úteis, e os planos que propuseram foram o resultado de muito pensar e orar. Mas a resposta da qual parecia depender o seu futuro demorou a vir.

Enquanto isso, o calor do verão sufocava-os na moradia acanhada. Apareceu-lhes uma tentadora oportunidade para uma rápida visita a Ningpo. Pois os missionários daquela cidade, sentindo a falta de um hospital para tornar sua organização eficiente em todos os outros pontos, entenderam um cordial convite ao Dr. Parker para vir fazer esse trabalho, no qual haveriam de cooperar. A essa altura, quando ainda aguardavam a resposta de sua Comissão, receberam o aviso para logo desocuparem a casa que tinham alugado com a outra família, porque membros da missão à qual pertenciam, precisavam dela. A outra família mudaria mesmo para casa própria; mas eles não tinham podido construir, nem conseguiam achar cômodos para alugar em qualquer parte da Colônia ou da cidade chinesa. Para Hudson Taylor parecia haver só um caminho, especialmente quando veio a tão aguardada resposta que fora não favorável. A Comissão não se dispunha a gastar com construção nos portos. Queria que seus obreiros fossem para o interior, embora nada dissesse sobre onde poderiam morar até que isso se tornasse possível. Nessas circunstâncias, o Dr. E Sra. Parker resolveram ir para Ningpo. E o colega: Sem os amigos, sem a casa, sem um lugar para morar, nem mesmo alugando na parte chinesa da cidade, como é que poderia ficar em Xangai para continuar seu trabalho?

Ficou perplexo por algum tempo, mas aos poucos, como resultado das próprias dificuldades, emergiu uma nova forma de pensar. Tinha procurado sem êxito alugar uma casa como base de operações. O rápido influxo de uma nova população tornava mais agudo o problema habitacional. Mas não conseguindo em terra, por que então não procurar os barcos como faziam muitos chineses, para morar sobre a água? Isso se adaptaria bem ao plano

que já tinha de adotar a roupa chinesa, para melhor prosseguir seu trabalho. Sim, tudo começava a dar certo. Levaria seus poucos pertences a Ningpo, quando fosse acompanhar os Parkers, e voltaria para identificar-se inteiramente com o povo a quem tinha dado sua vida.

Mas o passo a ser dado não era tão simples como parecia. Seguir o costume chinês daquele tempo compreendia rapar a parte da frente da cabeça e deixar o cabelo ficar comprido para a trança regulamentar. Nenhum missionário ou outro estrangeiro seguia esse hábito. Para uma viagem de vez em quando, talvez usasse uma camisola chinesa por cima da roupa de costume, mas abandonar a moda européia e usar exclusivamente a roupa chinesa era coisa muito diferente. Hudson Taylor não havia vivido um ano e meio na China sem perceber que tal ação levaria ao ostracismo social. Relutou, portanto, por algum tempo, embora estivesse cada vez mais convicto de que sob um ponto de vista mais amplo era um passo sábio.

O que ele desejava era aproximar-se do povo. Uma recente viagem de vinte e cinco dias, sozinho, quando penetrou trezentos quilômetros pelo rio Yangtsé, provou-lhe que era possível fazer mais do que se imaginava por meio do evangelismo itinerante. Das cinquenta e oito vilas e cidades visitadas, cinquenta e uma nunca antes tinham recebido mensageiros do Evangelho. Mas o cansaço e a tensão da viagem foram, em grande parte, devido ao fato dele usar roupa européia, os trajes mais grotescos possível aos olhos daqueles que nunca o tinham visto! Geralmente desviavam a atenção de sua mensagem para a sua aparência, que para os ouvintes era tão ridícula quanto cômica. E afinal de contas, por certo era bem mais importante estar trajando decentemente do ponto de vista chinês – se eram os chineses que ele queria ganhar – do que sacrificar a aprovação deste por causa da pequena comunidade estrangeira dos Portos. E, assim, finalmente, tomou a decisão, depois de orar muito e procurar orientação na Palavra de Deus. Quando os Parkers estavam prontos para ir a Ningpo, também estava pronta a roupa chinesa de Hudson Taylor, só aguardando o momento decisivo em que ele se entregaria nas mãos do barbeiro para a transformação.

Foi numa noite de agosto que ele desceu ao rio para contratar o junco que iria levar os Parkers na primeira etapa de sua viagem. No caminho um chinês desconhecido dirigiu-se a ele, perguntando, para surpresa sua, se não queria alugar uma casa. Será que serviria uma casa pequena, na cidade chinesa? Pois perto da Porta Sul havia uma para alugar, só que não estava bem terminada. Acabou o dinheiro do dono, e ele não sabia como completar o serviço. Se a casa servisse, não seria preciso pagar depósito, e seis meses de aluguel adiantado seria o suficiente.

Como se estivesse num sonho, Hudson Taylor seguiu o cicerone até a parte sul da cidade, e ali encontrou uma casinha compacta, perfeitamente nova e limpa, com dois cômodos em cima, dois embaixo, e um cômodo do lado oposto do pátio para os servos, justamente o que precisava, e na

localidade que teria escolhido. O que lhe significava poder pegar o dinheiro naquela noite e segurar a casa é mais fácil imaginar do que descrever! Então ele não se havia enganado! Seu trabalho em Xangai não estava concluído. As orações recebiam atendimento e direção do alto, pelos quais ele tanto anelava e esperava.

Naquela noite ele deu o passo que teria tão grande influência sobre a evangelização do interior da China. Quando o barbeiro acabou seu trabalho, o jovem missionário tingiu de preto o cabelo que restava para combinar com a trança comprida que, a princípio, precisava usar no lugar da dele. E então, no outro dia cedo, ele vestiu como pode as roupas folgadas a que não estava acostumado, e apareceu pela primeira vez nas vestes e sapatos de cetim próprios de um “Mestre”, ou de homem da classe dos estudiosos.

Depois disso, tudo se abria diante dele de maneira diferente. Na viagem de regresso a Xangai ele nem foi reconhecido como estrangeiro, até que começou a pregar ou distribuir livros e ver os doentes. E então as mulheres e crianças chegavam e se aproximavam com maior liberdade, e as multidões ficavam menos barulhentas e excitadas. Embora Hudson Taylor sentisse falta, até certo ponto, do prestígio que se concedia aos europeus, descobriu que a liberdade que tinha ao movimentar-se no meio do povo com sua aparência mudada mais do que compensava isso. Os lares se abriram para ele como nunca antes, e era possível achar oportunidade para um diálogo calmo e positivo com aqueles que pareciam interessar-se. Cheio de gratidão por essa e outras vantagens, escreveu para sua família sobre a roupa que tinha adotado: _ Evidentemente isto será um dos principais auxílios para o trabalho no interior.

E foi realmente para o “interior” que gradativamente se inclinava o seu coração. Algumas semanas em seu novo lar na Porta Sul animaram-no espiritualmente.

“O Dr. Parker está em Ningpo (ele escreveu no começo de outubro) mas não estou só. Sinto a realidade da presença de Deus comigo como nunca a senti, e estas horas de oração e vigília são muito abençoadas e necessárias.”

No entanto, embora gostasse de ter um lugarzinho seu e as oportunidades à sua volta fossem muitas, Hudson Taylor saiu de novo para as “regiões além”. Seu professor cristão ficou em Xangai para cuidar dos vizinhos interessados; e outros missionários estavam fazendo um ótimo e intenso trabalho naquela grande cidade. Ir longe, até onde fosse possível, semeando a Palavra de Deus – podia não parecer um método tão produtivo – mas seguia o ensino e o exemplo do Senhor Jesus; e se esse método não

fosse adotado, como os que estavam além, os mais distantes, ouviriam o Evangelho?

Os próximos dias trouxeram-lhe prazer e dor em estranha associação, pois a viagem realizou-se, mas o resultado trouxe dificuldades. A grande ilha de Tsungming era o seu destino, com uma população de mais de um milhão de habitantes e nenhum missionário protestante. Acompanhado do Sr. Burdon, Hudson Taylor havia visitado Tsungming um ano antes, mas agora uma recepção diferente o aguardava. Do primeiro ponto de desembarque o povo simplesmente não o deixava partir. Vestindo como eles, não parecia estrangeiro. Sua caixa de remédios atraía tanto quanto sua pregação, e quando souberam que precisaria de um cômodo mais alto, por causa da umidade do local, disseram: - Se outro sobrado não for encontrado, deixem-no morar no templo.

Mas pareceu um proprietário cuja casa tinha um tipo de sótão, e dentro de três dias Hudson Taylor estava estabelecido no seu primeiro lar no “interior da China.”

Estava tudo ótimo, inclusive a recepção à mensagem. Todos os dias os vizinhos vinham às reuniões, e o movimento de visitantes e pacientes que entravam e saíam parecia incessante. Seis semanas desse trabalho feliz, embora suscitasse alguma oposição por parte da sociedade médica, resultou na formação de um grupo de interessados sinceros. Um destes era um ferreiro chamado Chang, outro, um comerciante de boa reputação “cujo coração o Senhor abriu”. O primeiro convertido, Kwei-Kwa, e outro ajudante cristão estavam com Hudson Taylor, e, quando este teve de voltar a Xangai para buscar provisões, deixou o grupo bem amparado.

Veio, então, a decepção que lhe foi tão triste quanto inesperada. Sem que o soubesse, medidas contra ele haviam sido tomadas secretamente em Tsungming. Um alto oficial fora influenciado por certos médicos e droguistas, para fazer sair de lá aquele que considerava um rival, embora o jovem missionário não aceitasse nenhum pagamento por seu trabalho médico. Esperava-o um convite para que comparecesse ao Consulado britânico. Ali pediu permissão para ficar na ilha, onde tudo lhe parecia pacífico e amistoso, mas o pedido foi negado. O cônsul fê-lo lembrar-se de que o tratado britânico só concordava com a residência nos Portos; se ele tentasse estabelecer-se em qualquer outro lugar poderia ser multado em quinhentos dólares. Precisaria entregar a casa, tirar suas coisas, voltar a Xangai e ter o cuidado de não transgredir no futuro. E isso, não obstante os padres franceses estivessem morando em Tsungming, protegidos por um tratado suplementar que determinava como Hudson Taylor bem sabia que as imunidades concedidas a outras nações deviam ser aplicadas também à Grã-Bretanha. Talvez pudesse apelar para uma autoridade superior, mas, por enquanto, só poderia aceitar a decisão do cônsul.

Foi uma carta desalentadora a que escreveu para casa naquela noite. Aqueles homens interessados no Evangelho – Chang, Sung e os outros – os que seria deles? Não eram seus filhos na fé? Como poderia deixá-los sem auxílio e com tão pouco conhecimento das coisas de Deus: Contudo, o Senhor o havia permitido. O trabalho era dEle. Deus não falharia, nem os abandonaria.

- Meu coração ficará triste quando não puder mais estar junto com o senhor nas reuniões, disse o ferreiro na última noite que estiveram ali.

- Mas o senhor prestará culto em sua própria casa, replicou o amigo. Feche as portas do negócio no domingo assim mesmo, porque Deus está aqui, quer eu esteja ou não. Procure alguém que possa ler para o senhor, e reúna os vizinhos para ouvir o Evangelho.

- Eu sei muito pouco, comentou Sung, e quando leio não entendo todos os caracteres do chinês. Meu coração está triste porque o senhor tem que nos deixar, mas eu agradeço a Deus por tê-lo mandado a este lugar. Meus pecados, que antes pesavam tanto, foram todos colocados sobre Jesus, e Ele me dá alegria e paz todos os dias.

Perplexo e desapontado, o jovem missionário apenas conseguia esperar em Deus para os planos do futuro.

“Orem por mim, orem por mim (ele escreveu aos pais nessa época). Preciso de mais graça, e vivo muito abaixo de meus privilégios com Deus. Oh! Como gostaria de sentir-me mais como... o Senhor Jesus quando disse: ‘Dou a Minha vida pelas ovelhas.’ Não quero ser como o mercenário que foge quando o lobo está perto, nem quero correr irresponsavelmente para o perigo quando muita coisa pode ser realizada com segurança. Quero conhecer a vontade de Deus e a graça necessária para fazê-la, mesmo que o resultado seja ser expulso do país. ‘Agora está angustiada a Minha alma, e que direi Eu? ... Pai, glorifica o Teu nome.’ Orem por mim, para que eu seja seguidor de Cristo não só em palavras, mas em obras e em verdade.”

Sem que ele o soubesse, havia outro coração mais forte, aprofundado e experimentado nas coisas do Senhor que enfrentava o mesmo problema. Esse homem também sentia responsabilidade e amor para com os milhões de perdidos do interior da China. Ele também experimentara as possibilidades do evangelismo itinerante e achara oportunidades animadoras nesse trabalho. Falhara, no entanto, em seus esforços para alcançar Nanquim, e estava limitado a morar em embarcações, que lentamente voltavam por etapas ao litoral. William Burns, pregador e evangelista maravilhosamente usado por Deus através da Escócia e Canadá no avivamento de 1839, naquela conjuntura aproximavam-se de Xangai. Foi ali que veio ao encontro de Hudson Taylor em sua hora de necessidade. Dentro

de pouco tempo, cada um reconheceu no outro um espírito afim, apesar da grande diferença de idades. Como Paulo e Timóteo, os dois aproximaram-se, e aqueles frios dias de inverno viram os desabrochares de uma amizade que se destinava a moldar não só a vida missionária de Hudson Taylor, mas também já natureza do empreendimento de longo alcance que se haveria de desenvolver sob sua direção.

Já não era um barco; eram dois que viajavam juntos sobre a rede de vias aquáticas que de Xangai partiam para o interior. Cada missionário tinha consigo um missionário chinês bem como outros auxiliares; e o culto diário nos barcos já era uma boa reunião. O Sr. Burns tinha desenvolvido um método de trabalho todo seu, que o companheiro seguiu com satisfação. Escolhiam um centro importante, e ali podiam ficar duas ou três semanas. Todas as manhãs saíam com plano definido, às vezes juntos e às vezes separados para visitar as diversas zonas. O Sr. Burns acreditava ser melhor começar serenamente nos arrabaldes de qualquer cidade onde ver estrangeiros fosse novidade, e gradativamente passar às partes mais populosas. Assim gastavam alguns dias pregando nos subúrbios, e aos poucos chegavam às ruas de movimento e aos mercados, até que pudessem passar em qualquer parte sem expor a perigo os ânimos dos comerciantes nem as suas mercadorias. E então visitavam os templos, as escolas e as casas de chá, voltando regularmente aos melhores pontos para pregar. Em cada reunião, anunciavam a ocasião em que estariam de volta ali, e tinham a satisfação de ver os mesmos rostos com freqüência. Os ouvintes interessados eram convidados a irem aos barcos para conversar com mais calma.

Com o passar do tempo, o Sr. Burns notava que Hudson Taylor, embora bem mais jovem e menos experiente, tinha os ouvintes mais atentos, e era até convidado a entrar em suas residências enquanto que a ele lhe pediam para esperar fora. A ralé da multidão, quase sempre, costumava reunir-se à volta do pregador de roupas estrangeiras, enquanto que aqueles que desejavam ouvir melhor seguiam o amigo que despertava menos atenção pela aparência. O resultado foi a conclusão a que chegou o Sr. Burns relatada na seguinte carta:

“26 de janeiro de 1856

Já faz quarenta e um dias que sai de Xangai desta última vez. Um excelente jovem missionário inglês, Sr. Taylor, da Sociedade Evangelizadora da China, tem sido meu companheiro... e juntos experimentamos muita misericórdia, e em algumas ocasiões, bastante auxílio divino em nosso trabalho.

Preciso contar mais uma vez a história que já contei várias vezes, de como foi que, há quatro semanas atrás, no dia 29 de

dezembro, vesti a roupa chinesa que continuo a usar. O Sr. Taylor tinha feito essa mudança uns meses antes, e verifiquei que, em conseqüência, ele era menos molestado nas pregações, etc., pela multidão. Concluí, portanto, que era meu dever seguir o seu exemplo...

Temos um grande, um enorme campo de trabalho nesta região, embora nessas circunstâncias possa ser difícil no momento nos estabelecermos em qualquer lugar definitivo. As pessoas ouvem com atenção, mas precisamos do poder do alto para convencer e converter. Será que há algum espírito de oração a nosso favor entre o povo de Deus aí em Kilsyth? Ou há o esforço de procurar esse espírito? Como é grande a necessidade, e como são imensos os argumentos e motivos para oração nesse caso! A seara aqui é mesmo muito grande, e os trabalhadores são poucos e imperfeitos, sem grandes medidas da graça divina para tal trabalho. Contudo, a graça pode fazer com que uns poucos instrumentos fracos sejam o meio de realizar grandes coisas – coisas muito maiores do que possamos ainda conceber.”

A oração era o ar que William Burns respirava e a Palavra de Deus era o seu alimento diário.

“Ele foi poderoso nas Escrituras (diz o autor de sua biografia) e seu maior poder na pregação foi o modo como empregava “a espada do Espírito” sobre as consciências e os corações das pessoas presentes... As vezes parecia, escutando seus apelos solenes, que se ouvia um novo capítulo da Bíblia, quando primeiro fora pronunciado por um profeta em sua época... Toda sua vida foi de oração, e todo seu ministério uma série de batalhas travadas diante do trono de Deus... As vezes, ao revolver o campo da Palavra de Deus, fazia aparecer grandes pepitas que passavam a fazer parte para sempre da riqueza espiritual do ouvinte.”

Homem culto, cordial e espirituoso, era o companheiro ideal. A musica sacra era seu prazer. Um repertório gostoso de histórias variadas dava encanto às horas de convívio; ele era generoso em recordar suas experiências em benefício dos outros. Esse homem, sua amizade, e tudo o que ele representava, foi, a essa altura, a dádiva e bênção de Deus para Hudson Taylor. Sob sua influência ele cresceu, estenderam-se-lhe os horizontes e chegou a uma compreensão tal dos valores espirituais, que deixaria sua impressão durante todo o resto de sua vida. William Burns foi melhor para ele do que um curso universitário com todas as suas vantagens, porque viveu ali diante dele, ali mesmo na China, a realidade de tudo aquilo que ele mais precisava ser e reconhecer.

Por sete meses felizes os dois trabalharam juntos, primeiramente na região de Xangai, e mais tarde dentro e ao redor da grande cidade de Swatow. O convite para esse porto meridional veio inesperadamente, e os dois tiveram o privilégio de serem missionários naquele campo difícil, porém, frutífero. Se não fosse a roupa chinesa, não lhes teria sido possível morar bem no centro da cidade oriental como o faziam, e conquistar tantas amizades entre vizinhos tão tumultuosos. Ao fim de quatro meses, pela bênção de Deus sobre o trabalho médico, puderam alugar o prédio todo no qual lhes haviam permitido o aluguel de um só cômodo e pareciam findas as dificuldades iniciais.

Foi então que, a pedido do Sr. Burns, o jovem companheiro concordou em voltar a Xangai para buscar o seu equipamento médico deixado ali por medida de segurança. Como se a sombra de uma separação mais longa se projetasse sobre seu coração, Hudson Taylor hesitava em dar esse passo. Deixar o Sr. Burns sozinho para enfrentar o pior calor do verão afligia-o tanto como interromper a convivência tão significativa para sua vida.

“Aqueles meses felizes foram de uma alegria e de um consolo inexprimíveis para mim (recordou muitos anos depois). Nunca eu tivera um pai espiritual como o Sr. Burns; jamais conhecera um intercâmbio espiritual, uma comunhão tão santa e cheia de prazer. O amor que ele tinha para com a Palavra encantava; por causa de sua via reverente e consagrada, e de sua constante comunhão com Deus, sua amizade satisfazia aos mais profundos anelos de meu coração.”

Mas precisaria buscar os instrumentos e remédios, porque o Sr. Burns interessava-se em ampliar a obra hospitalar. Hudson Taylor navegou, então para Xangai, onde descobriu que os objetos médicos, acidentalmente, haviam sido totalmente destruídos pelo fogo. E antes que conseguisse substituí-los, chegou-lhe a angustiante notícia de que seu caro e honrado amigo havia sido preso pelas autoridades chinesas, e enviado, sob escolta, em viagem de trinta e um dias, para Cantão. O choque foi, ainda, mais doloroso porque estavam proibidos de voltar a Swatow, e o caminho, que já lhes havia parecido tão claro, ofuscou-se naquela estranha incerteza.

Contudo, se não tivesse aparecido essa grande e inesperada tribulação, Hudson Taylor poderia não ter sido levado a ver o trabalho particularmente seu que ainda o esperava; e talvez nunca viesse a conhecer o amor que é além de todo outro amor humano que foi a coroa de alegria e bênçãos para sua vida.

A DIREÇÃO DE DEUS – PERFEITA!

*“Graças, ó Deus, por dias peregrinos,
Quando as fontes secas que o deserto traz
Fazem-nos saber quão grandes faltas
Teu amor completamente satisfaz.”
(Antologia)*

Sobre o horizonte político acumulavam-se nuvens de tempestade, e o mesmo mensageiro que trouxera a notícia da prisão do Sr. Burns o informara também, das hostilidades iniciadas entre a Inglaterra e a China. Hudson Taylor estava em Ningpo quando soube do bombardeio de Cantão pela esquadra britânica, e do começo da guerra que só terminaria quatro anos mais tarde. Seu primeiro pensamento, naturalmente, foi sobre o Sr. Burns. Que bênção ele não estar mais em Swatow, exposto à ira daquela gente colérica do Sul!

“Como você bem sabe (escreveu à irmã em novembro) tenho me demorado em Ningpo por várias circunstâncias, e agora surge claramente o motivo: Deus quis preservar-me desses distúrbios que irromperam no Sul. A última notícia que recebemos é a de que Cantão está sendo bombardeada há dois dias, e que no segundo dia foi aberta uma brecha, pela qual os ingleses entraram na cidade, visto que o vice-rei recusava-se a dar satisfações. Aguardamos ansiosamente novas e mais completas notícias... Não conheço os méritos do modo de agir atual... e portanto deixo de escrever o que penso sobre isso. Mas quero apenas referir-me à bondade de Deus em tirar o Sr. Burns de Swatow a tempo. Pois se pudermos julgar os sentimentos dos cantonenses em Swatow pelo que vemos aqui atualmente, passaria mal quem estivesse à sua mercê.”

Assim, portanto, aquele acontecimento que lhe parecera uma grande calamidade já estava sendo reconhecido como luma de “todas as coisas” que cooperam para o bem “daqueles que amam a Deus.” Foi essa uma das várias duras lições através das quais Hudson Taylor estava aprendendo a pensar em Deus como “A Única e Grande Circunstancia da Vida” e em todas as outras menores circunstancias externas como sendo, sem dúvida, as mais bondosas, sábias e melhores possíveis, porque ou foram ordenadas ou então permitidas por Ele. Não demorou a que visse, em sua impossibilidade de sair de Ningpo, mais uma extraordinária prova do amor e do cuidado de Deus. Era ali que entraria em contato com a vida que iria completar tão perfeitamente a dele.

Na parte sul da cidade, entre dois lagos, perto do antigo pagode, havia uma rua calma conhecida como a Rua da Ponte. Ali o Dr. Parker tinha aberto um dispensário, a dois ou três quilômetros do hospital, e, ali, no correr do outono, Hudson Taylor encontrara um lugar que, temporariamente, fora o seu lar. A casa tornou-se conhecida porque foi mais tarde a primeira sede da Missão no Interior da China – que muitos anos depois operariam através de centenas de centros nas províncias. Recordando aqueles primeiros dias, o Sr. Taylor escreveu:

“Tenho a nítida lembrança de” ter gravado minhas iniciais na neve que durante a noite se juntou sobre o meu cobertor, naquele grande cômodo do andar superior do sobrado, que mais parecia um armazém, e que agora está dividido em quatro ou cinco menores, cada um confortavelmente forrado. Às telhas de uma casa chinesa, amparam da chuva, se forem boas, mas não dão proteção suficiente contra a neve, que com o vento sobe pelas gretas e fendas e passa para dentro. Mas por mal acabada que estivesse a casinha adaptava-se bem no trabalho entre o povo, e ali me acomodei agradecido, encontrando bastante campo de ação em todas as horas do dia.”

O Sr. E a Sra. J. Jones, também da Sociedade Evangelizadora da China, e uma senhora que, com duas ajudantes, dirigia uma escola muito boa para meninas, a primeira que se abriu na China, eram os únicos estrangeiros, além de Hudson Taylor naquela parte da cidade. A Srta. Aldersey foi feliz em conseguir o auxílio das filhas do Ver. Ramuel Dyer, que foi um dos primeiros missionários aos chineses e colega de Robert Morrison. Quando a família Jones foi morar perto da escola, a mais moça das irmãs encontrou muitas oportunidades nas quais poderia ser útil aquela mãe atarefada. Tanto quanto possível, saíam a fazer visitas na vizinhança, e a fluência da Srta. Dyer na língua chinesa, tornava esse trabalho um prazer, Jovem como lera, com menos de vinte anos de idade, e muito ocupada com as obrigações de professora, casa brilhante e prendada jovem era uma verdadeira ganhadora de almas. Para ela, o trabalho missionário não era só lecionar, era levar as pessoas a Cristo decisivamente.

Foi isso que atraiu a atenção de Hudson Taylor. Na casa de colegas de trabalho, não pôde deixar de encontrar-se com a Srta. Dyer de quando em quando, e não pode também deixar de simpatizar com ela. Seu modo era tão franco lê natural, que logo se tornaram bons amigos. Ele viu que pensavam do mesmo modo sobre todas as coisas importantes e quase que inconscientemente para ele, começou ela a preencher uma vaga em seu coração que nunca antes fora preenchida.

Mas dentro de pouco tempo a amizade seria interrompida por acontecimentos imprevistos que dispersariam a comunidade missionária de

Ningpo. Descobriu-se um plano de massacrar todos os estrangeiros, e embora o atentado fosse impedido, o ódio dos cantonenses em todo o distrito lera tão grande, que lhes pareceu necessário enviar as famílias com crianças para o litoral. Por conhecer bem o dialeto de Xangai, Hudson Taylor era o mais indicado para conduzir o grupo; e, embora lhe fosse difícil partir numa hora dessas, não poderia recusar-se.

A Srta. Aldersey não se deixou persuadir a procurar um lugar de maior segurança. Por causa da idade avançada, ela estava entregando a escola à Missão Presbiteriana Americana. A época não era propícia para qualquer mudança desnecessária, e, tomando as possíveis precauções, ela animou suas jovens auxiliares a ficarem em sua companhia. A mais velha das duas irmãs ficara noiva do Sr. J. S. Burdon, amigo de Hudson Taylor, ficando, assim, a mais nova, ainda mais sozinha e desprotegida. Como foi difícil deixá-la num momento desses! Mas Hudson Taylor não tinha motivos para supor que sua presença lhe seria um conforto. E, além disso – ele não estava procurando esquecer?

Ele tinha consciência do pouco que poderia oferecer a quem amasse. Sua posição como representante da Sociedade Evangelizadora da China estava ficando cada vez mais desconcertante ultimamente. Já há algum tempo ele estava sabendo que a Sociedade se achava endividada e que seu salário era pago com dinheiro emprestado.

“Pessoalmente (escreveu, lembrando as circunstâncias) eu sempre tinha evitado as dívidas, embora, às vezes, só com a mais cuidadosa economia. Agora não havia dificuldade quanto a isso, porque minha renda era maior, mas a própria Sociedade estava devendo. As notas trimestrais que eu e outros éramos instruídos a retirar, muitas vezes tinham crédito só por causa do dinheiro emprestado; e assim teve início uma correspondência que terminou no ano seguinte com meu pedido de demissão por motivos de consciência.

Para mim, a Palavra de Deus parecia bastante explícita: ‘A ninguém devais coisa alguma.’ Tomar dinheiro emprestado, do meu ponto de vista subentendia uma contradição às Escrituras – confessando então que Deus deixara de dar alguma coisa boa, e determinando conseguir para nós mesmos aquilo que Ele não deu. Será que o que era errado para um cristão podia ser certo para uma associação de cristãos? Ou um sem-número de precedentes justificaria um modo de agir errado? Se alguma coisa eu aprendi na Palavra, foi a não fazer dívidas, sob pretexto algum. Não podia pensar que Deus fosse pobre, que lhe faltassem recursos, que não quisesse suprir do necessário qualquer trabalho que fosse realmente Seu. Pareceu-me que, se havia falta de fundos para realizar o trabalho, até aquele ponto,

naquele rumo especial de desenvolvimento, ou naquela época, o trabalho não podia ser de Deus. Para satisfazer a consciência fui obrigado a pedir o meu desligamento da Sociedade... E foi uma grande satisfação ver que meu amigo e colega, Sr. Jones, foi levado a tomar a mesma atitude, e ambos ficamos profundamente gratos pelo desligamento ter sido efetuado sem o menor estremecimento da amizade entre ambas as partes...

A decisão que tomamos provou bastante a nossa fé. Não tinha nenhuma certeza do que Deus queria que eu fizesse, nem sabia se Ele satisfaria minhas necessidades para permitir que continuasse trabalhando como vinha fazendo... Mas Deus me abençoou e me fez prosperar. E como me senti feliz e agradecido quando o desligamento foi efetivado! Podia encarar meu Pai celeste com o coração satisfeito pronto a fazer, com a Sua graça, aquilo que em seguida Ele desejasse, sentindo-me seguro em Seu terno cuidado.

E nunca poderia relatar como me guiou abençoadamente! Foi como luma continuidade de algumas de minhas experiências em minha pátria. Minha fé não deixou de ser provada; falhou repetidas vezes, e me envergonhei por não ter confiado num Pai tão maravilhoso. Mas, oh! Como estava aprendendo a conhecê-lo! Nem na época eu teria omitido a provação de minha vida. Porque Deus ficava tão perto, tão real, tão íntimo! A dificuldade financeira que, às vezes, ocorria não provinha de falta para atender as necessidades pessoais, mas consequência do atendimento a dezenas de pessoas pobres que estavam com fome, à beira da morte ao nosso redor. E outros problemas mais penetrantes de outra forma tomavam o primeiro plano, ofuscando essas dificuldades; como eram mais profundos, produziram, por isso, frutos mais valiosos.”

Os pobres a quem estavam alimentando naquele inverno eram refugiados que se aglomeravam em Xangai, vindos de distritos assolados pela Rebelião de Taiping. Em todo grau de nudez, doença e fome, esses coitados estavam vivendo nas sepulturas baixas, arcadas, que eles abriam à força, ou em qualquer prédio abandonado já parcialmente em ruínas. Além de Hudson Taylor cuidar de uma das capelas da Missão de Londres, pregava diariamente no Templo Metropolitano, mas dava de seu tempo, também, para visitar com o Sr. Jones, essas tocas da miséria, cuidando sempre dos doentes e alimentando muitos dos famintos.

Por isso, não foi por não ter o que fazer que seus pensamentos voltavam-se constantemente para Ningpo, nem foi sem receios que ele se via tão urgentemente impelido a considerar a questão do casamento. “Nunca se case a não ser que não haja jeito” é um conselho enigmático que facilmente

pode ser mal-entendido, mas Hudson Taylor estava descobrindo o que queria dizer. Pois um grande amor, um amor daqueles que Deus concede, tinha entrado em seu coração, e não era mais possível esconder a sua evidência.

Enquanto isso, em Ningpo, a mesma graciosa Providência operava, embora houvesse um obstáculo muito maior a ser transposto. A dificuldade, entretanto, não era de parte da mais interessada. A natureza de Maria Dyer era terna e profunda. Sozinha desde a infância, ela crescera desejando sempre uma verdadeira comunhão de almas. Do pai ela quase não se lembrava, e a mãe morrera quando ela contava só dez anos de idade. Sua genuína conversão ocorrida quando vinha à China para trabalhar com a Srta. Aldersey, tornou sua obra missionária uma tarefa bem diferente do que teria sido sem essa experiência, mas ainda assim era um posto isolitário para uma mocinha de menos de vinte anos, especialmente depois de a irmã ter ficado noiva.

Nesta contingência, ele havia chegado – o jovem missionário que a impressionara demonstrando os mesmos anseios de alma pela santidade, utilidade e aproximação de Deus. Ele era diferente dos outros – não que fosse mais talentoso ou atraente – embora fosse inteligente, agradável, com um discreto senso de humor, mas havia ainda mais alguma coisa que a fazia sentir-se descansada e compreendida. Ele parecia viver num mundo tão real, e ter um Deus tão real e grande. Embora o visse poucas vezes, era um conforto saber que estava perto; e foi com surpresa que ela descobriu o quanto sentira a sua falta quando depois de apenas sete semanas ele partiu para voltar a Swatow.

O caminho parecia estar fechado, quando inesperadamente teve o prazer de vê-lo de volta a Ningpo. Foi isso, quem sabe, que lhe abriu os olhos ao sentimento com o qual ela já estava começando a considerá-lo. De qualquer modo ela entendeu logo, e com a amabilidade e franqueza que lhe eram próprias, de Deus e de si mesma nada tentou esconder. Não havia mais ninguém com quem desejasse falar sobre ele, pois os outros nem sempre viam nele o que ela via. Não gostavam que ele usasse roupa chinesa, e não aprovavam que ele se identificasse tanto com o povo. A roupa chinesa dele – como ela a adorava! Ou melhor, como admirava o que isso evidenciava do seu espírito. Sua pobreza e as ofertas generosas aos desamparados – quanto ela compreendia, quanto se compadecia! Outros achavam-no um sonhador, um visionário na sua vontade de alcançar o grande mundo das necessidades não atendidas. Ora, esse era o peso que oprimia também o seu coração, era a vida que gostaria de viver, só que para uma mulher parecia ainda mais impraticável. Por isso ela orava muito pelo moço, embora a ele nada revelasse.

Passaram-se os meses. Ele tinha de estar em Xangai, e ela não sabia quanto a ele custava deixá-la. E, então, afinal, afinal – uma carta! Repentina como a alegria, a grande e maravilhosa alegria, não foi surpresa, apenas o

refulgir calmo e externo daquilo que há muito brilhava internamente. Ele não se enganara. Eles era realmente um para o outro – “dois a quem Deus escolheu para andarem juntos na Sua presença.”

Quando pôde interromper suas primeiras felizes ações de graças, foi procurar a irmã, que muito se alegrou com ela. Em seguida tinha de contar isso à Srta. Aldersey, esperando que ela aprovasse esse noivado como tinha aprovado o que Burella. Mas aquela senhora mais idosa ouviu o relato com grande indignação.

- O Sr. Taylor?! Aquele pobre mocinho, aquele “Zé ninguém” sozinho no mundo! Como você se arrisca em pensar tal coisa? Naturalmente essa proposta precisa ser imediata e terminantemente recusada.

Em vão Maria tentava explicar o quanto ele significava para ela. Só conseguia piorar a situação. Ela precisava ser salva sem demora de tal loucura. E sua bondosa amiga, com as melhores intenções, encarregou-se de resolver a questão por conta própria. O resultado disso foi uma carta quase que totalmente ditada pelo Srta. Aldersey, que não só encerrava o caso, mas pedia decididamente que nunca mais fosse reaberto.

Confusa e aflita, a pobre moça não teve escolha. Era muito nova, inexperiente, e tímida demais em tais assuntos para ir contra a decisão da Srta. Aldersey, fortemente apoiada por outros de seus amigos. Atormentada até o extremo pela dor da mágoa e o vexame da situação, unicamente pôde deixar tudo nas mãos de seu Pai celestial. Ele sabia. Ele compreendia. E nos longos e solitários dias que se seguiram, quando até mesmo a irmã passou a apoiar a Srta. Aldersey, ela buscava refúgio na certeza de que nada, nada era difícil demais para o Senhor. “Se Ele tem que matar o meu saque”, afirmava de si para si muitas vezes, “eu sei que Ele o pode restaurar.”

Mas quando o verão chegou novamente e os ausentes puderam voltar de Xangai, a situação tornava-se cada vez mais difícil, pois a Srta. Aldersey, indignada com o reaparecimento de Hudson Taylor, achava que ser dever era menosprezá-lo de toda forma possível. Depois da carta que recebeu, ele não podia tentar rever a Srta. Dyer, e não via motivos para que o fizesse. A ela, prendada e atraente, não faltavam admiradores abertamente apoiados por todos. E a etiqueta chinesa, combinada à diplomacia bem intencionada, tornava quase impossível o encontro dos dois. Mas ambos estavam orando. Os corações tão gravemente provados abriam-se diante de Deus, verdadeiramente desejando Sua vontade. E Ele tem maneira maravilhosas de operar!

Foi numa tarde quente e abafada de julho, quando no seu rodízio costumeiro cabia à Sra. Jones receber as outras para a reunião de oração. Todas as senhoras estavam presentes, mas naquele dia foi mais fácil ir à reunião do que sair, conforme mostram os fatos. Quase que de repente caiu uma tromba d’água, que subia pelo rio com a corrente da maré. Caiu sobre Ningpo como um dilúvio, seguida por forte tempestade. O Sr. Jones e

Hudson Taylor, que então era pensionista da casa, estavam do outro lado da cidade, no dispensário, e por causa das ruas alagadas voltaram tarde. A maioria das visitantes se havia dispersado, mas um empregado da escola estava ali, e disse que a Srta. Maria Dyer e uma companheira ainda estavam à espera de liteiras.

- Entre no meu escritório, disse o Sr. Jones, e vou ver o que é possível arranjar.

Logo, ele voltou dizendo que as senhoras estavam sozinhas com a Sra. Jones, e teriam prazer em ver o Sr. Taylor.

Quase sem saber o que fazia, o moço subiu as escadas e viu-se inesperadamente cumprimentando aquela a quem tanto amava. Na verdade havia outros presentes – isso seria inevitável devido às convenções chinesas. Mas ele quase não os via deslumbrados que estava com o rosto dela. Pensou unicamente em lhe perguntar se poderia escrever ao seu tutor em Londres pedindo permissão. Mas não podendo conter-se, disse-lhe o que sentia. E ela: Bem, ali só havia amigas íntimas, e tanto tempo poderia passar antes que pudessem encontrar-se novamente! Consentiu. Sim, ela consentiu, e fez mais do que isso. Com um verdadeiro coração de mulher, dissipou os seus temores, fazendo-o compreender que ele lhe era tão querido quanto ela podia ser para ele. Hudson Taylor em seguida aliviou a situação, dizendo: - Vamos levar tudo ao Senhor em oração.

Quatro meses seria um tempo demasiadamente longo para esperar, especialmente quando ambos sabiam que a Srta. Aldersey havia escrito para a Inglaterra aos parentes distantes tentando convence-los da justiça de seu próprio ponto de vista. E se o tutor em Londres fosse influenciado por seus fortes argumentos? Se ele se recusa a permitir o casamento: Os dois jovens sentiam claramente que a bênção de Deus estava na obediência aos pais, ou àqueles que exercem a autoridade paterna.

“Não conheço nenhuma prova (escreveu anos mais tarde o Sr. Taylor) em que a desobediência à ordem expressa de um dos pais, mesmo que aquele pai estivesse enganado, não fosse seguida de uma retribuição. Vença através do Senhor. Ele pode abrir qualquer porta. A responsabilidade está com o pai num caso desses, e é séria. Quando o filho ou a filha pode dizer com toda a sinceridade: - Espero em Ti, Senhor, para abrires o caminho, então o assunto está nas mãos de Deus e Ele há de agir.”

E Ele agiu mesmo; pois lá para o fim de novembro as tão esperadas cartas chegaram e foram favoráveis! Depois de inquirir diligentemente, o tão londrino convenceu-se que Hudson Taylor era um missionário de grande futuro. Os secretários da Sociedade Evangelizadora da China só falavam bem dele, e também de outras fontes as referências eram as melhores possíveis. Então, não levando em conta quaisquer rumores contrários, ele consentia cordialmente no noivado, só pedindo que o casamento fosse

realizado após a moça atingir a maioridade, completando vinte e um anos. E isto seria dentro de pouco mais de dois meses.

Com essa carta, oficializaram o seu noivado, e aqueles dias felizes de inverno compensaram tudo o que viera antes! No sábado, dia 16 de janeiro, a noiva completava vinte e um anos, e o casamento estava planejado para a semana seguinte.

“Nunca me senti mais disposto ou sadio em minha vida (escreveu Hudson Taylor)... Quase custo a acreditar, querida mãe, no que aconteceu, depois de tanta agonia e incerteza que sofremos. Agora não só estamos livres para nos encontrarmos e estar juntos, mas dentro de poucos dias, se Deus quiser, nós nos casaremos! Como Deus foi bom para conosco. Ele atendeu mesmo às nossas orações e lutou por nós contra os poderosos. Oh! Que possamos andar mais perto dEle e servi-lo mais fielmente. Gostaria tanto que a senhora conhecesse a minha Preciosa. Ela é um tesouro tão grande. É tudo o que eu desejo.” E então, seis semanas depois:

“Oh, ser casado com aquela a quem se ama, e a quem se ama terna e dedicadamente... é sublime felicidade que transcende ao poder das palavras para expressá-las, ou da imaginação para concebê-la. Não existe desilusão nem desapontamento. E cada dia, à medida que o tempo revela mais do pensamento da amada, quando se tem um tesouro como o meu, traz somente maior orgulho, felicidade e humilde gratidão ao Doador de todo o bem, por essa, a melhor de suas dádivas terrenas.”

A ALEGRIA DA COLHEITA

“Paz após a luta, fruto após a flor;
Riso após o pranto, gozo após a dor.”
(F. R. Havergal)
(Trad. Salmo e Hinos 516)

Os últimos dois anos e meio do primeiro período de serviço de Hudson Taylor na China foram anos produtivos, de vida abundante e ricas bênçãos. A casinha da Rua da Ponte agora era realmente um lar. Embaixo, a capela e o salão de visitas ficaram como estavam, e os cristãos e interessados iam e vinham livremente. Mas em cima era quase irreconhecível o grande sótão, já repartido em quatro ou cinco pequenos alegres cômodos com cortinas às janelas que davam para a rua estreita em frente e para o canal nos fundos. Quanta diferença fazia; agora as mulheres e as crianças tinham quem as olhasse do mesmo modo que os homens! A Sra. Taylor, já conhecida na vizinhança, era agora mais bem-vinda do que nunca quando ia fazer visitas. E se é verdade que “todo mundo aprecia o amor”, a atração daqueles corações unidos fez-se sentir longe.

Um de seus mais devotados amigos e ajudadores foi o Sr. Ni, ex-chefe budista, comerciante de algodão na cidade. Esse Sr. Ni, embora tivesse morado muito tempo em Ningpo, nunca tinha entrado em contato com o Evangelho. Era uma pessoa muito sincera, e como presidente de uma sociedade idólatra, dava de seu tempo e dinheiro ao serviço dos “deuses”. Mas não tinha paz no coração, e quanto mais se dedicava à sucessão de observâncias religiosas, tanto mais vazias as achava.

Numa noite passou por uma porta aberta e notou que acontecia qualquer coisa ali. Um sino havia tocado e as pessoas se reuniam. Informando-se, tomou conhecimento que se tratava de um salão para a discussão de assuntos religiosos, e entrou também, pois nada havia em que ele se interessasse mais do que nas penas a ser pagas pelo pecado, e na transmigração da alma em seu caminho ignoto. Um jovem estrangeiro,

vestido à moda chinesa, estava ali pregando sobre os seus textos Clássicos Sagrados. Estava à vontade no dialeto de Ningpo, e por isso o Sr. Ni pôde entender todas as palavras da passagem que lia. Mas qual seria o sentido? O que queria dizer?

“Do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado... Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que julgasse (condenasse) o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele.”

Salvo, não julgado e condenado; um modo de encontrar a vida eterna; um Deus que amou o mundo; uma serpente – não, um “Filho do homem” levantado – como ele poderia entender tudo isso? Dizer que Ni se interessou, dá apenas uma pálida idéia do que se passava em sua mente. A história da serpente de bronze no deserto, ilustrando o remédio divino do pecado e suas conseqüências fatais; a vida, morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo; a relação disto com as necessidades de sua própria alma, que o poder do Espírito, operando nele, aplicou – ah, esse é ainda o milagre dos tempos, e graças a Deus, ainda o podemos ver hoje em dia! “Eu, quando for levantado... atrairei todos a Mim mesmo.”

Mas a reunião estava para encerrar-se. O mestre estrangeiro tinha parado de falar. Com o instinto de alguém á muito acostumado à posição de líder em tais assuntos, Ni levantou-se ali no seu lugar, e, olhando em volta aos que assistiam, disse de modo simples e direto:

- Há muito tempo estou à procura da verdade, sem nunca a encontrar. Fiz viagens mais longe e mais perto, sem nunca a descobrir. No Confucionismo, no Budismo, no Tauísmo, não achei descanso. Mas eu encontro alívio e descanso nisto que ouvimos hoje à noite. Daqui em diante, creio em Jesus.

Tornou-se um estudante zeloso da Bíblia e cresceu muito no conhecimento e na graça. Pouco depois de sua conversão, obteve permissão para falar numa reunião da Sociedade da qual antes tinha sido o dirigente, e o Sr. Taylor, que o acompanhou, ficou profundamente tocado pelo modo claro e completo como apresentou o Evangelho. Um de seus antigos seguidores foi conduzido a Cristo através de seu testemunho, e Ni começou a conhecer a alegria que experimenta um ganhador de almas.

Foi ele que, em conversa com o missionário, inesperadamente lhe perguntou:

- Há quanto tempo vocês têm as Boas Novas em seu país?
- Algumas centenas de anos.
- O que! Centenas de anos?

- Meu pai procurava a Verdade, prosseguiu tristemente, e morreu sem achá-la. Ah, por que não vieram mais cedo?

Nunca Hudson Taylor pôde esquecer ardor desse momento. E com isso aumentou ainda mais seu zelo e ardor em levar Cristo àqueles que ainda podiam ser alcançado.

Era preciso muita paciência, naqueles dias, para não se adiantar ao Espírito de Deus na questão de contratar obreiros de tempo integral para ajudar no trabalho. Pois até então os jovens missionários não tinham colegas chineses na obra. O Sr. Ni, diligentemente, dava todo o tempo que podia dispensar do comércio, e assim faziam também outros, como Neng-kuei, o fabricante de cesto, Wang, o fazendeiro de Hosi, e Tsiu, o professor cuja mãe era muito amável e simpática. Mas eles e outros estavam todos ocupados em seus ofícios durante o dia, embora se congregassem na casa da Missão à noite, e passassem muitas horas ali aos domingos. Teria sido fácil empregar a professora cristã na escola que a Sra. Taylor dava muitas horas diariamente, ou aceitar outros, a um salário modesto, para treina-los para posições de utilidade. Mas os missionários percebiam que fazer isso seria, em ultima análise, prejudicial ao invés de benéfico. Pagar os recém-convertidos, fosse qual fosse sua sinceridade, para difundir o Evangelho – e pagá-los com divisas estrangeiras – inevitavelmente diminuiria a sua influência, havendo ainda a possibilidade de que enfraquecesse também seu caráter cristão. Poderia vir o dia em que a vocação de alguns para esta obra se tornasse evidente a todos, e os próprios cristãos estariam prontos a sustenta-los! Não era mesmo pela Igreja chinesa que a China teria de ser evangelizada? E como os convertidos iriam experimentar a alegria do trabalho voluntário, não remunerado, feito por amor a Jesus Cristo, se os missionários não tivessem paciência e aguardassem o processo de desenvolvimento espiritual?

Era uma vida bastante ocupada, portanto, a que Hudson Taylor e seus colegas levavam, enquanto os jovens cristãos progrediam e cresciam em torno deles. Pois além de pregar nas ruas e na capela, receber visitas, cuidar da correspondência, escrituração, e continuar a sair em itinerários evangelísticos, Hudson Taylor fazia muito trabalho médico. Mas não permitia que nada interferisse na tarefa principal – a de conversar instrutivamente todos os dias com os cristãos e interessados.

Não é de admirar, por isso, que, com tanto amor e cuidado devotado a eles, os convertidos crescessem muito na graça e no conhecimento das coisas de Deus. Noite após noite, os missionários colocavam-se à disposição deles, e depois dos cultos públicos regulares davam três períodos aos estudos cuidadosamente preparados. Inicialmente uma lição do Velho Testamento era escolhida, e Hudson Taylor deleitava-se na explanação de suas lições espirituais. Após um intervalo, era lido um capítulo do Peregrino ou de outro livro inspirador. E finalmente, era discutida uma passagem do

Novo Testamento, com aplicações à vida prática. Era esse o horário regular de todas as noites, concluindo no domingo com os cultos especiais de louvor e evangelização, que visavam alcançar os de fora.

No domingo também havia períodos de estudo. Custava caro aos cristãos fecharem seus estabelecimentos, sacrificando, financeiramente, a renda de um dia em cada sete. Entretanto, Hudson Taylor e seus colegas sabiam que nenhuma igreja forte e continua poderia ser edificada sem essa base. Resolveram tirar o máximo proveito do sacrifício dos crentes, preenchendo todas as horas que deste modo eram dadas a Deus, de forma edificante e alegre. Nos horários entre os cultos regulares, dividiam-se cristãos, interessados, pacientes, crianças de idade escolares, e servos, em grupos formando classes que eram lecionadas de maneira viva e pessoal. Para os missionários, que eram somente quatro, isto tornava o domingo um dia bastante sobrecarregado; mas se era trabalhoso e cansativo para eles, podiam avaliar melhor os sacrifícios feitos pelos convertidos. Alguns vinham a pé de longe, e passavam a maior parte do dia sem alimentar-se, e outros tinham de enfrentar perseguições e perdas pessoais. Mas a maioria se dispunha a isso, apesar de todas as implicações, podendo assim dispor do dia do Senhor para o Seu culto; porque sentiam a diferença que isso fazia no correr de toda a semana seguinte.

Assim a igreja crescia. E os missionários se desenvolviam, e as oportunidades de servir se multiplicavam diante deles. O Tratado de Tientsin, assinado no verão do ano em que Hudson Taylor se casou, finalmente desimpediu a entrada a todas as províncias do interior. Os estrangeiros agora tinham o direito de viajar livremente, sob proteção de passaportes, tendo agora à disposição as facilidades pelas quais há tanto tempo vinham orando.

“Vocês terão ouvido falar sobre o novo tratado (escreveu o Sr. Taylor em novembro). Poderemos perder alguns de nossos missionários de Ningpo... que irão para o interior. Mas, oh! Será que a Igreja de nossa terra não se despertará para mandar-nos muitos mais para pregar as Boas Novas?

Muitos de nós temos tanto desejo de partir – Ah! Como gostaríamos de ir! Mas há obrigações e laços que nos prendem que só o Senhor poderá soltar. Que Deus conceda ‘dons’ a muitos dos cristãos chineses daqui, habilitando-os para o cuidado das igrejas já formadas... e assim libertando-nos para um trabalho pioneiro.”

Esta era a idéia que lhes pesava sobre os corações – levantar, pela benção de Deus, uma igreja que pudesse não só renovar e propagar-se como também sustentar-se e por isso as necessidades do pequeno grupo de crentes que ainda dependia deles como pais no Senhor não podiam ser

esquecidos. Deus entregou essas almas ao amor e às orações deles, e não podiam deixá-las agora, nem mesmo para ajudar outras pessoas, sem que isso significasse abandonar a maior das incumbências, a responsabilidade de pais. E os acontecimentos provaram de sobejo que nisso estavam certos.

Pois estes homens cristãos, Ni, Neng-kuei, Wang e os outros, foram homens que Deus pôde usar. A maioria era pobre e iletrada, mas todos seriam “pescadores de homens”. Seis ou sete deles seriam auxiliares de seu chefe nos anos de formação da Missão do Interior da China. Se não fosse a sua cooperação, o novo projeto, humanamente falando, nunca poderia ter sido realizado. Seria difícil exagerar os resultados que adviriam daquela obra intensiva da Rua da Ponte, naquela época. Pois o que os missionários eram, em grande parte os filhos na fé se tornaram, e não existe um modo melhor e mais seguro de transmitir bênçãos espirituais.

Em meio a toda essa alegria da ceifa de almas, um novo e inesperado pesar trouxe novas responsabilidades a Hudson Taylor. Lá na Colônia, o Dr. Parker completara há pouco a construção do novo hospital. Muito bem situado, perto de uma das portas da cidade, e num lugar elevado perto do rio, seus amplos prédios atraíam a atenção de milhares de pessoas diariamente. Tudo ali era admiravelmente adequado às necessidades do trabalho, evoluído através de anos de paciência. Mas no lar do médico, os corações foram partidos, porque o corajoso homem, que tantas dificuldades enfrentara, chorava a perda da esposa, que com poucas horas de enfermidade havia partido, deixando quatro crianças pequenas. Uma delas estava gravemente enferma, e o pai reconheceu que precisava levá-las de volta para a Escócia. Mas, e o hospital? As enfermarias estavam cheias de doentes, e o ambulatório cheio todos os dias de uma fila de pessoas procurando auxílio. Nenhum outro médico estava livre para tomar o seu lugar; mas fechar, com o inverno já próximo, parecia inconcebível. Embora não houvesse fundos para deixar para o trabalho – pois era sustentado com a renda das consultas particulares – quem sabe seu ex-colega, Hudson Taylor, poderia continuar pelo menos o trabalho de ambulatório. E assim a proposta surpreendente lhe foi feita.

“Depois de procurar direção, orando ao Senhor (o Sr. Taylor recordou) senti-me constrangido a aceitar não só o ambulatório, mas também o hospital, dependendo somente da fidelidade de um Deus que ouve as orações para o sustento da obra.

Às vezes havia até cinqüenta pacientes internados, além de um grande número que se tratava no ambulatório. Trinta camas geralmente eram dadas aos casos de caridade e seus acompanhantes, e outro tanto, mais ou menos, aos fumantes de ópio que pagavam sua pensão enquanto curavam-se do vício. Cuidava-se gratuitamente de tudo que fosse preciso para os doentes internados, e também dos

remédios exigidos no ambulatório; uma elevada despesa diariamente. Era preciso pagar salários aos atendentes. Os recursos até então tinham sido provenientes das consultas dos clientes estrangeiros do médico, e com a saída deste, cessou a renda. Mas Deus não disse que o que pedirmos em nome do Senhor Jesus Cristo será feito? E não aprendemos que é para buscar em primeiro lugar o reino de Deus – não os meios para alcança-los - e todas estas coisas nos serão acrescentadas? Ora, certamente estas promessas são suficientes.”

Para os jovens missionários não fazia diferença que a situação não estivesse no plano deles, que nenhum amigo em sua terra pudesse adivinhá-la; e que meses passaram antes que se pudesse responder às cartas. Para eles próprios, não era só do Senhor que aguardavam o sustento? E ele não lhes havia falhado! O segredo da fé que se dispõe a enfrentar emergências é a dependência calma, prática, diária de Deus, que o faz real para o coração que crê.

“Oito dias antes de enfrentar a responsabilidade do hospital de Ningpo (o Sr. Taylor escreveu) eu não tinha a menor idéia de um dia fazer isso; muito menos os amigos da Inglaterra poderiam ter previsto essa necessidade.” Mas o Senhor o previu, como os acontecimentos mostraram.

Quando os ajudantes deixados pelo Dr. Parker souberam da mudança de condições, que só havia dinheiro em mãos para as despesas do mês corrente, e que depois a oração seria o único recurso, resolveram, como era bastante natural, sair e deixar o lugar para outros trabalhadores. Ora, era uma modificação que o Dr. Parker já queria fazer há muito tempo, só que não sabia como obter auxiliares de outro tipo. Hudson Taylor sabia, e com o coração mais leve, voltou-se para o círculo de amigos que não lhe falhava. Para os cristãos da Rua da Ponte, depender do Senhor materialmente era tão natural quando dele receber bênçãos espirituais. Pois estas maiores não incluíam os menores? E Deus não era como o “professor” sempre lhes dizia um verdadeiro Pai, que nunca Se esquece do que os filhos precisam? Então foram ao hospital, contentes não só por estarem fortalecendo as mãos de seus amigos missionários, mas por provarem de novo para si mesmos e para todos os outros o quanto Deus é fiel. Uns trabalharam de um modo e outros de outro; uns dando o tempo de que podiam dispor, e outros dando tempo integral sem promessa de salário, embora recebessem a pensão. E todos eles tomaram sobre si a responsabilidade, orando fervorosamente pelo hospital e seus interesses.

Não é de admirar que uma nova atmosfera começasse a invadir o ambulatório e as enfermarias. Os pacientes a princípio mesmo desconhecendo a razão observavam que gostavam do ambiente alegre,

familiar, e do entusiasmo com que tudo era feito. Os dias tornavam-se mais interessantes. Pois estes atendentes – Wang, o cortador de grama, Wang, o pintor, Ni, Neng-kuel e outros – pareciam possuir o segredo da felicidade perpétua, e tinham tanto para dar. Não só bondosos e atenciosos no trabalho das enfermarias, mas todo seu tempo livre era usado para falar daquele que lhes tinha transformado a vida e que estava pronto, conforme diziam, a receber todos que o procurassem em busca de descanso. E havia também os livros, as figuras, os cânticos. Tudo parecia ser cantado! As reuniões diárias na capela só faziam a gente querer mais.

Na China existem poucos segredos, e a base financeira sobre a qual o hospital agora operava não era um deles. Logo os doentes estavam a par de tudo, e aguardavam ansiosamente o desfecho. Isso também era motivo para se pensar e comentar; e quando o dinheiro do Dr. Parker acabou e sendo pouco o que Hudson Taylor possuía, muitas foram as suposições sobre os futuros acontecimentos. É desnecessário dizer que Hudson Taylor, tanto a sós como unido ao pequeno grupo de auxiliares, orava muito nessa época. Era um teste mais público, talvez, e, portanto mais crucial neste sentido do que qualquer outro que lhe tinha aparecido; ele reconhecia que estavam em jogo a fé e a continuação da obra hospitalar. Os dias sucediam-se sem que a resposta esperada aparecesse.

Finalmente, um dia, naquela manhã, Kuei-hua, o cozinheiro, veio com uma notícia muito triste para o patrão. O último saco de arroz haviam sido abertos, e estava desaparecendo rapidamente.

- Então, respondeu Hudson Taylor, o dia do Senhor ajudar-nos deve estar próximo.

E assim foi. Antes que se acabasse aquele saco de arroz, o jovem missionário recebeu uma carta que foi das mais admiráveis já recebidas.

Vinha do Sr. Berger, e continha um cheque de cinqüenta libras, como outras que tinham vindo. Só que nesse caso a carta continuava dizendo que o autor havia sentido sobre si um peso, uma necessidade de usar a riqueza para Deus. O pai do Sr. Berger tinha falecido há pouco tempo, deixando-lhe uma boa herança. O filho não desejava aumentar seus gastos pessoais. Já possuía o suficiente e agora estava orando para ser guiado quanto aos propósitos do Senhor naquilo que lhe acontecera. Poderiam seus amigos na China ajuda-lo? A ordem de pagamento anexa era para necessidades imediatas, e poderiam escrever detalhadamente, depois de orar sobre o assunto, expondo a possibilidade de usar com proveito mais dinheiro.

Cinqüenta libras! Ali estavam sobre a mesa; e seu amigo longínquo, sem nada saber sobre aquele último saco de arroz ou sobre as muitas necessidades do hospital, teve coragem de perguntar se poderia mandar mais. É claro que Hudson Taylor ficou tomado de emoção, cheio de gratidão e respeito para com Deus. E se ele tivesse relutado em aceitar a direção do

hospital por causa da falta de recursos, ou melhor, por falta de fé? Falta de fé – quando tinha promessas assim e um Deus assim!

Naquele tempo não existia o Exército de Salvação, mas o culto de louvor que realizaram na capela bem o previa, em sua música festiva e na expressão de júbilo. Só que, diferente de alguns trabalhos salvacionistas, teve que ser curto, pois havia os pacientes das enfermarias para cuidar. E como ouviam – aqueles homens e mulheres que nada conheceram em toda sua vida anterior senão o paganismo vazio e inexpressivo.

- Onde existe o ídolo que pode fazer qualquer coisa como esta? Era a pergunta em muitos lábios e corações. Eles nunca nos livraram em nossas aflições nem atenderam as orações desse jeito!.

OS ANOS OCULTOS

“Oh! Salvar estes! Perecer por seu resgate;
Morrer por suas vidas; por todos se ofertar!”
(Antologia)

Entretanto, essa vida árdua, feliz, ocupada, não deixou de prejudicar fisicamente aqueles que assim labutavam. Dentro de nove meses, dezesseis pacientes do hospital tinham sido batizados, enquanto mais trinta eram candidatos à profissão de fé em uma ou outra das igrejas em Ningpo. Mas seis anos na China, seis anos assim, deixaram seu efeito, e as forças de Hudson Taylor estavam chegando ao limite.

“As pessoas estão perecendo, e Deus está abençoando tanto o trabalho (ele escreveu para o pai), mas nós estamos ficando esgotados e precisamos de ajuda.

Será que o senhor não conhece alguns moços sérios e dedicados, desejosos de servir a Deus na China, e que, sem ambicionarem mais do que o sustento, estejam prontos a virem trabalhar aqui? Ah, se eu tivesse quatro ou cinco auxiliares desse tipo! Provavelmente, depois de uns seis meses, começariam a pregar em chinês e sei que os meios para o seu sustento viriam em resposta à oração.”

“As pessoas estão perecendo, e Deus está abençoando tanto o trabalho” – a urgência desses fatos sustentara Hudson Taylor durante a grave enfermidade e a partida dolorosa, quando seu precário estado de saúde forçara-o a regressar, em 1860, à Inglaterra. E a mesma urgência o amparava durante os anos seguintes, quando parecia que o médico tinha razão ao achar que nunca mais ele estaria bastante forte para voltar à China. A grande necessidade, como ele a havia visto, e o grande senso de responsabilidade diante disso ardiem-lhe na alma como um fogo constante. Nem a falta de saúde, de estímulo, nem outra dificuldade qualquer poderiam diminuir a força do chamado que sentia para levar Cristo àqueles milhões que pereciam.

Fixou residência na zona leste de Londres para estar perto do seu antigo hospital. Ali pôde recomeçar, à medida que a saúde melhorava, seus estudos médicos interrompidos. Também empreendeu a tarefa de revisar o Novo Testamento traduzido pelos católicos romanos em Ningpo, porque a Sociedade Bíblica já tinha prometido publicar outra edição. E por algum tempo cuidou também da correspondência com os jovens que estavam pensando em dedicar suas vidas ao trabalho na China, o que resultou na ida de um, apenas um, para trabalhar ao lado de fora pareceu declinar, e o Sr. E a Sra. Taylor viram-se limitados, com poucos amigos, a uma vida de oração e

paciência. Com só vinte e nove e vinte e quatro anos respectivamente, não lhes era fácil verem-se afastados, desligados do trabalho que tanto amavam, e deixados ao remanso daquela pobre e monótona rua de Londres. Contudo, se não fossem aqueles anos ocultos, com toda a aprovação e crescimento que produziram, como teria amadurecido a visão e o entusiasmo da mocidade para a futura liderança?

Cinco longos anos ocultos – e poucos estariam sabendo sobre essa experiência, se não tivessem sido descobertas em uma caixa velha e empoeiradas alguns cadernos finos, não mui grandes, preenchidos com a letra do Sr. Taylor. Encontramo-los em meio a muita coisa inútil, um após outro, até que a série completa estava ali exposta – doze cadernos, sem a falta de nenhum. E que história revelavam! Lemos com os olhos às vezes obscurecidos pelas lágrimas, acompanhando as palavras apagadas.

Pois estas páginas espontâneas mostravam um crescente contato com Deus e dependência dele. Transparecia a fé e a fidelidade até nos mínimos detalhes. Havia devoção, sacrifício próprio, conduzindo a um trabalho incessante. Havia oração, a oração paciente e perseverante, maravilhosamente respondida. Mas havia mais; o exercício intenso e prolongado de uma alma que busca e segue a Deus de perto. E então há aqui o fortalecimento gradativo de um homem chamado para viver pela fé, não pela vista; a confiança inarrável de um coração que se prende a Deus e só a Ele, e que procura agrada-lo como a nenhuma outra coisa.

“Sem fé é impossível agradar (ou satisfazer) a Ele, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam”.

Exteriormente os dias se ocupavam de obrigações serenas, comuns, enriquecidos por tribulações e alegrias de aspectos diversos. A filhinha que tanta felicidade lhes trouxera em Ningpo agora tinha três irmãos. Era preciso cuidar do lar e das crianças com bem poucos recursos, e muitas vezes a fé era provada, quando o casal Taylor prosseguia no caminho da dependência direta de Deus. Também era necessário providenciar os meios e dirigir a obra em Ningpo, o que exigia que fossem escritas muitas cartas. A revisão do Novo Testamento parecia uma tarefa que se ampliava, ao invés de completar-se, porque agora já planejava também preparar referências marginais. Estas provaram ser de grande valor para os cristãos de Ningpo, e o trabalho de prepará-las, embora não fosse pequeno, foi muito abençoado para o jovem missionário, que assim passava diariamente muitas horas com a Palavra de Deus.

A quantidade de trabalho realizado foi admirável, e, se não fosse o relatório autêntico que temos, daria a impressão que exageramos. Todos os dias o Sr. Taylor anotava o tempo dado à sua tarefa principal, e encontramos registros freqüentes como estes que seguem:

- 27 de abril, Revisão – sete horas (à noite, no Auditório Exeter).
28 de abril, Revisão – nove horas e meia.
29 de abril, Revisão – onze horas.
30 de abril, Revisão – cinco horas e meia (Reuniões da Sociedade Missionária Batista)
1º de maio, Revisão – oito horas e meia (visitas até as 22 horas).
2 de maio, Revisão – treze horas.
3 de maio, Domingo em Bayswater: pela manhã, ouvi o Sr. Lewis, sobre João 13: 33, à tarde, tomei Santa Ceia. À noite, fiquei em casa orando pelo nosso trabalho na China.
4 de maio, Revisão – quatro horas (correspondência e visitas).
5 de maio, Revisão – onze horas e meia.
6 de maio, Revisão – sete horas (entrevistas importantes).
7 de maio, Revisão – nove horas e meia.
8 de maio, Revisão – dez horas e meia.
9 de maio, Revisão – treze horas.
10 de maio, Domingo: Pela manhã, com Laedjun, a primeira parte de Hebreus 11, uma hora feliz. Escrevi uma carta a Jaime Meadows. A tarde, orações com minha esposa, Maria, sobre deixar esta casa, sobre Meadows, Truelove, a revisão etc.

As reuniões às quais se referiu foram uma parte importante do trabalho do Sr. Taylor nessa época, pois ele fazia o máximo para interessar as juntas de missões denominacionais na obra de evangelização do interior da China. Sozinho ou com seu colega de revisão, o Ver. Gough da C.M.S. (Sociedade Missionária Cristã), entrevistou os secretários de várias sociedades, apresentando-lhes as necessidades desse campo tão negligenciado, o que agora era possível alcançar-se em virtude da concessão de passaportes para viagens e até residências no interior. Embora recebesse uma acolhida fervorosa em toda parte, tornou-se logo evidente que nenhuma das juntas de missões estava pronta a assumir a responsabilidade para tão grande empreendimento.

Tudo isso, naturalmente, produziu um só efeito em Hudson Taylor, e quando acrescentou ao conhecimento que tinha de certas partes da China o estudo minucioso de todo o campo missionário, o resultado foi impressionante. Seu amigo e pastor, Sr. Lewis, editor da Revista Batista, pediu sua colaboração para escrever uma série de artigos sobre a Missão de Ningpo. Começou a prepará-los e um já havia sido publicado, quando o Sr. Lewis devolveu-lhe o manuscrito do segundo. Os artigos eram importantes e graves demais, achava ele, para estarem restritos a uma publicação denominacional.

- Acrescente mais, ele insistiu, aborde o campo todo, e depois os publique como um apelo para o interior da China.

Isso o levou a um estudo pormenorizado das necessidades espirituais de todas as partes da China e de suas dependências externas. Enquanto esteve em Ningpo, a pressão das exigências imediatas e próximas fora tão grande que o Sr. Taylor não tinha podido dar maior atenção às necessidades ainda mais amplas e urgentes que estavam além. Mas agora – diariamente o mapa na parede do escritório o desafiava, e as promessas da Bíblia o dominavam – ele sentia-se tão junto das vastas províncias do interior da China como dos lugares próximos ao litoral em que tinha trabalhado. E assim “a oração era o único meio de o coração extravasar-se e achar alívio.”

Mas chegou a verdadeira crise quando a oração não mais agia como alívio, mas parecia comprometê-lo mais e mais à tarefa da qual ele fugia. Pois à luz daquele Livro aberto, ele principiava a ver que Deus podia usá-lo e não outros para responder às suas próprias petições.

“Crescia em mim a convicção (escreveu ele) de que Deus queria que eu procurasse os trabalhadores exigidos e sáísse com eles. Mas por muito tempo a falta de fé impediu-me de dar o primeiro passo.

Nos estudo daquela Palavra divina, aprendi que para obter obreiros produtivos eu não precisava elaborar planos complexos para chama-los, mas a primeira necessidade era orar sinceramente a Deus para que aparecessem obreiros; e a segunda era de que a igreja aprofundasse sua vida espiritual, para que os homens fossem incapazes de ficar em casa e não ir. Vi que o plano apostólico não foi levantar fundos, e sim, ir e realizar o trabalho, confiando na promessa e Quem disse: “Buscai primeiramente o reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”...

Mas como costumamos a agir pela fé! Eu não tinha dúvida de que, se eu orasse por companheiros de trabalho, em nome do Senhor Jesus Cristo, tudo seria dado. Não duvidava de que, atendendo às orações, apareceriam os meios para irmos, e de que as portas se abririam à nossa frente em regiões ínvias do Império chinês. Mas naquela época eu não tinha aprendido a confiar em Deus para o poder e a graça que me pudessem sustentar, e por isso não é de estranhar-se que eu não pudesse confiar nEle pelos outros que poderiam estar prontos a acompanhar-me. Temi que, em meio às dificuldades e provações necessariamente ligadas a uma obra como esta, alguns cristãos comparativamente inexperientes pudessem não agüentar e me acusassem de procura-los para uma empresa à qual não estavam aptos.

Entretanto, o que eu deveria fazer? O sentimento de culpa e responsabilidade antes a situação crescia. Simplesmente por eu não

querer pedir, os obreiros não apareciam e não iam para a China; e todos os dias dezenas de milhares pessoas daquele país morriam sem Cristo! Aquelas criaturas ocupavam tanto o meu pensamento e o meu coração que durante o dia eu não descansar e a noite não dormia bem, até que a saúde se esgotasse.”

Assim os anos ocultos realizavam o seu objetivo. Um instrumento estava pronto, que Deus podia usar, e as orações eficazes que subiam daquele pequeno lar de Londres haveriam de receber um atendimento rápido, ainda que imprevisto.

UM HOMEM A SÓS COM DEUS

“Nada pela frente, e nada para trás:
Os passos tomados em fé
Parecem andar sobre o nada, mas têm
A Rocha debaixo dos pés.”
(J. G. Whittier)

O verão voltou, e as ruas da zona leste de Londres estavam quentes e empoeiradas. Vendo que o Sr. Taylor parecia abatido, um velho amigo o convidou para passar alguns dias na praia, em Brighton. A Sra. Taylor, que se preocupava com o estado de saúde dele, gostou de vê-lo partir, embora só compreendesse em parte as experiências pelas quais ele estava passando. Mesmo para ela, não pôde ele revelar plenamente a atividade de alma que já se tornava insuportável.

Foi sozinho, portanto, nas areias de Brighton, num domingo pela manhã, que enfrentou o momento crítico de sua vida. Tinha ido à igreja com os outros, mas ver aquela gente toda se regozijando com as bênçãos da salvação era mais do que podia suportar. “Tenho outras ovelhas” – os perdidos, os que estavam perecendo na China, por cujas almas ninguém se preocupava – “a Mim me convém conduzi-las.” E a voz do Mestre, o amor em seu olhar, fazia o seu apelo.

Reconheceu que Deus lhe falava. Sabia como vimos que se ele se moldasse à vontade divina e orasse sob a Sua direção, haveriam de surgir os evangelistas para o interior da China. O sustento deles também não o preocupava. Quem os chamasse e enviasse dar-lhes-ia também o pão de cada dia. Mas, e se eles falhassem? É que Hudson Taylor não desconhecia a situação. Estava bem a par das condições que existiam na China, a verdadeira tentação que era enfrentada, o inimigo real entrincheirado em seu próprio território. O que aconteceria se os cooperadores fossem derrubados e pusessem a culpa nele?

“Pela falta de fé, minha pessoa estava muito em evidência; Satanás me fazia pensar (escreveu mais tarde) que, a oração e a fé poderiam trazer conseqüências que me levariam a dificuldade, das quais depois eu teria de sair-me sozinho. E eu não via que o Poder que haveria de dar homens e mulheres seria suficiente para guardá-los do mal, mesmo no interior remoto da China.”

Enquanto isso acontecia, um milhão de pessoas por mês morria naquela terra que esperava – morriam sem Deus. Isso fuzilava o seu espírito. Era preciso tomar uma atitude e ele sabia disso, pois não suportava mais o conflito. Orar por obreiros, até certo ponto não era difícil, mas poderia ele assumir o encargo da liderança?

“Em grande agonia espiritual, sozinho sai andando pela praia. E ali o Senhor venceu a minha falta de fé, e eu me rendi o meu Deus para esta obra. Eu lhe disse que toda a responsabilidade quanto aos resultados e conseqüências deveria ser dEle; que como servo eu precisava obedecer-lhe e segui-lo, e Ele dirigir-me, cuidar de mim e guiar-me juntamente com aqueles que pudessem trabalhar comigo. Nem é preciso dizer que imediatamente veio sobre mim a paz, trazendo descanso a meu coração atribulado.

Ali mesmo pedi-lhe que desse vinte e quatro companheiros de trabalho, dois para cada uma das onze províncias que estavam sem missionários e dois para a Mongólia; escrevi o pedido na margem da Bíblia que trazia comigo, voltei para casa com o coração mais leve do que tinha estado por muitos meses, e com a certeza de que Deus abençoaria o trabalho dEle e eu compartilharia dessas bênçãos...

Terminou o conflito; tudo eram paz e alegria. Senti como se pudesse voar para subir à casa do meu hospedeiro. E como dormi naquela noite! Minha querida esposa achou que Brighton me tinha feito muito bem, e, realmente, tinha mesmo.”

UM HOMEM ENVIADO POR DEUS

Tu dependerás de teu Senhor:
Assim seguro podes prosseguir;
No Seu trabalho fixa o teu olhar,
E, pois, até o fim tu podes ir.
(Paulo Gerhardt)

Feliz o homem chamado a qualquer vocação de fé, que recebe da companheira de sua vida só compreensão e ajuda. Durante sete anos e meio – anos perfeitos quanto à vida conjugal – Hudson Taylor não sofreu nenhuma desilusão por parte de quem amava, nem agora ela falharia. Ela não gozava de boa saúde, tinha só vinte e oito anos de idade, quatro filhos para cuidar, e, entretanto, desde que soube do chamado do esposo para a grande, aparentemente impossível, tarefa de evangelizar o interior da China, tornou-se de um modo especial o seu consolo e inspiração. Sua mãe escrevia para ele, sua fé fortalecia a ele, suas orações apoiavam e alicerçavam toda a obra, e sua experiência prática e coração amoroso fez com que ela se tornasse a Mãe da Missão.

Pois dentro de pouco tempo a casa mais ampla da Rua Coburn para a qual tinham-se mudado começou a encher-se de candidatos para a China. As salas que pareciam tão grandes quase não acomodavam os amigos que se ajuntavam para a reunião de oração em todos os sábados. Os cinquenta dólares (tudo o que possuía) com os quais o Sr. Taylor abriu a conta bancária em nome da “Missão do Interior da China” cresceram a várias centenas através de donativos voluntários, não solicitados, daqueles que desejavam tomar parte no trabalho; e os planos começavam a formar-se para a ida do primeiro grupo.

Imaginemos a sala da Rua Coburn, número trinta, no domingo – o único dia em que o Sr. Taylor achava umas horas de calma em que pudesse escrever. À mesa, a Sra. Taylor está sentada, pela em punho, enquanto ele caminha de um lado para o outro, concentrado no assunto que lhe vai à alma. Os artigos que o Sr. Lewis sugerira já tinham tomado novo significado. Não há somente a urgente necessidade de tornar conhecido o problema, mas um novo ponto de partida, um esforço definido para atender a essa necessidade na dependência de Deus. O panfleto que se criou foi *A Necessidade Espiritual e o Clamor da China* – composto à medida que oravam e escreviam, escreviam e oravam; e talvez seja possível dizer que nenhum outro livro mais recente tinha sido mais eficaz para mover os corações do povo de Deus. Através desse panfleto, quantos não foram enviados à China enquanto se publicava edição após edição; quantos não simpatizaram com a causa missionária em todo o mundo, quantos não tiveram a fé ampliada e a oração e devoção aprofundadas – só se saberá o número naquele dia em que

os segredos dos corações forem revelados. “Cada sentença foi moldada na oração”, e cada sentença parecia viver com o poder de Deus.

O livro ganhou muitos amigos e abriu muitas portas. Com três semanas de publicação, teve de ser reimpresso. Chegaram cartas como esta do Lorde Radstock:

“Li seu livreto que muito me comoveu. Confio que pelo Espírito Santo o amigo poderá usar palavras que farão com que muitos trabalhadores sejam enviados às vinhas. Caro irmão alargue suas aspirações. Peça cem obreiros, e o Senhor Ihos darão.”

Não cem, mas apenas vinte e quatro foi o primeiro objetivo, e uma Bíblia bastante usada está agora diante de nós, na qual está escrita esta oração na letra clara, embora desbotada, em que o Sr. Taylor a registrou. Longe de ensoberbecer-se pelos acontecimentos que ora se realizavam o êxito só lhe aumentava o senso de responsabilidade. Foi um homem imbuído do peso de sua mensagem e que se locomovia naquele inverno memorável de um lugar para outro, despertando os corações para sentirem com ele a presença e o chamado de Deus.

Naqueles dias parecia ser uma novidade falar na fé como sendo base suficiente para empreendimentos missionários de outro lado da Terra. Não se conheciam j”Missões sustentadas pela fé”. Só existiam as juntas denominacionais regulares. Porém Hudson Taylor, embora novo, aprendera a conhecer a Deus de um modo muito real. Ele já o havia visto, conforme escreveu acalmar a revolta de um mar tempestuoso, em resposta à oração, mudar a direção do vento, e dar chuvas em ocasião de seca. Já o havia visto, atendendo às preces, sustar a mão de prováveis assassinos e dominar a violência de homens enraivecidos. Em resposta à oração, tinha visto Deus repreender a enfermidade e ressuscitar os moribundos, quando já não havia esperança de cura. Por mais de oito anos Deus já vinha provando Sua fidelidade, suprimindo as necessidades de sua família e de seu trabalho em atendimento às orações, mesmo quando muitas dessas necessidades eram imprevistas. E agora não podia deixar de estimular outros a fazerem o mesmo, a depositarem sua confiança no amor que não esquece na fidelidade que não falha.

“Temos é que ver com Aquele (lembrava aos ouvintes) que é Senhor Todo – poderoso, cujo braço não é limitado para que não possa salvar, e cujo ouvido não é surdo para que não possa ouvir; Aquele cuja Palavra imutável nos manda pedir e receber a fim de que o nosso gozo se complete, abrir bem a boca a fim de que Ele nos satisfaça. É bom lembrarmos que esse Deus gracioso, que consentiu

em colocar Seu poder imenso à disposição da oração feita com fé não olha benignamente para os que deixam de busca-lo a bem dos infelizes que perecem...

Quem nunca teve que provar a fidelidade do Deus que guarda Sua aliança... pode achar arriscada a aventura de mandar vinte e quatro evangelistas europeus a uma terra pagã distante sem outro recurso senão Deus; mas para quem já teve o privilégio, através de muitos anos, de pôr à prova esse Deus – em casa e longe de casa, em terra e mar, na doença e na saúde, no perigo, nas necessidades, e às portas da morte – tais temores seriam inteiramente inescusáveis.”

A tarefa a que se propunham era grande demais para ser limitada a uma só denominação. O fato de que a Missão não oferecia salários já era suficiente para deter todos, menos aqueles cujas experiências lhes davam a certeza de Deus, e essas pessoas têm um vínculo entre si que é muito mais do que só de nome.

“Tivemos que considerar (o Sr. Taylor prosseguia) se seria possível, membros de várias denominações trabalharem juntos num evangelismo de caráter simples, sem entrarem em atrito quanto à diferença de opinião por questão de consciência”. Pela oração chegamos à conclusão de que seria possível, e decidimos convidar outros crentes a cooperarem sem olhar os pontos de vista denominacionais, contanto que cressem na inspiração da Palavra de Deus e estivessem dispostos a provar sua fé indo ao interior da China somente com a garantia consignada na Bíblia.

Esse Livro diz: Buscai primeiramente o reino de Deus e sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas. ' Se alguém não acreditasse que Deus falava a verdade, seria melhor que não fosse à China propagar a fé; se cresse, certamente essa promessa bastaria. Noutro versículo, temos a segurança: 'Não negará bem algum aos que andam na retidão. ' Se alguém não pretende andar retamente, é melhor que fique na sua pátria; se pretende andar retamente, tem tudo quanto precisa como fundo de segurança. Deus é dono de todo o ouro e de toda a prata do mundo, e do gado sobre milhares de montes. Não precisamos ser vegetarianos.

Poderíamos ter tido um fundo de garantia se fosse do nosso plano; mas achamos desnecessários e até prejudicial. O dinheiro mal-empregado e o dinheiro dado por motivos errados são duas coisas que devemos temer. Podemos passar com o pouco que Deus nos dá, mas não nos podemos permitir o dinheiro não consagrado, ou o dinheiro depositado no lugar errado. É bem melhor não ter dinheiro, nem para comprar pão. Há muitos corvos na China, e o Senhor pode

enviá-los novamente com pão e carne. Ele sustentou três milhões de israelitas no deserto por quarenta anos. Não esperamos que Ele envie três milhões de missionários à China, mas se quisesse, teria fatos meios para sustentar todos eles.

Cuidemos de conservar nossos olhos em Deus; andemos em Seus caminhos e procuremos satisfaze-lo e glorifica-lo em tudo, nas coisas grandes e nas coisas pequenas. Disto podemos estar certos, que o trabalho de Deus, feito como Deus quer, nunca deixará de receber os recursos divinos.”

Uma coisa que importava ao Sr. Taylor era que o novo empreendimento não tirasse homens nem recursos das agências já existentes. Roubar Pedro para pagar Paulo, por assim dizer, não seria vantagem para o trabalho de Deus. Abrir o caminho para obreiros que poderiam não ser aceitos por outras missões, cujo preparo não tivesse incluído uma instrução universitária, fazia parte do plano, e ninguém seria convidado a entrar nesta Missão do Interior. Se o Senhor da seara os quisesse naquele campo em particular, Ele poria no coração deles que deveriam oferecer-se. Do mesmo modo, não se fazia apelo financeiro. Se a Missão pudesse sustentar-se através da oração, sem listas de dinheiro ou outra solicitação de fundos, poderia progredir entre as sociedades mais antigas sem o perigo de desviar as ofertas de seus destinos costumeiros. Poderia até ajudar, dirigindo a atenção ao Grande Obreiro, e apresentando uma ilustração prática do principio fundamental que Deus, e só Deus é suficientes para o Seu trabalho.

De resto, estariam satisfeitos com poucos detalhes de organização. Era maravilhoso ver como ficava tudo resolvido aqui na terra de origem. O Sr. E a Sra. Berger, de Saint Hill, foram os amigos que Deus fez surgir para terem a obra no coração quase como o próprio casal Taylor. Oraram pelo trabalho e viveu por ele com igual dedicação, fazendo de seu lar tão lindo um centro para todos os interesses da Missão.

“Quando resolvi ir (disse o Sr. Taylor sobre esse entendimento), o Sr. Berger apresentou-se para representar-nos em nosso país. A coisa surgiu aos poucos. Sentimos muita simpatia um pelo outro. A Missão recebeu nome na sala de sua casa. Não foi questão de um convidar ou nomear o outro – não houve convites, é que tinha de ser assim.”

Os princípios essenciais e espirituais foram discutidos com os candidatos, e claramente entendidos como sendo a base da Missão. Um arranjo simples, de poucos pontos, foi tratado por escrito, na presença do Sr. Berger. Só isto.

“Saímos como filhos de Deus enviados por ordem de Deus (foi a declaração sucinta do Sr. Taylor) para fazer a obra de Deus, dependendo dEle para tudo o lque fosse preciso; usaríamos roupa chinesa e iríamos para o interior. Eu seria o dirigente do grupo na China... Não havia nenhuma escolha quanto a quem iria resolver as questões que surgissem.”

Do mesmo modo, o Sr. Berger era o responsável na Inglaterra. Faria a correspondência com os candidatos, receberia e enviaria ao campo as contribuições, publicaria “Notas Ocasiais” com relatórios financeiros já verificados, mandaria reforços, novos missionários, à medida que os fundos o permitissem, evitando dívidas. Esse ultimo era um principio cardeal para todos que faziam parte.

“É realmente tão fácil (o Sr. Taylor apontou) Deus dar adiantado, e Ele prefere muito fazer isso. Ele é sábio demais para deixar seus propósitos serem frustrados por falta de um pouco de dinheiro; mas o dinheiro obtido de maneiras não espirituais é claro que impede as bênçãos.”

Havia problemas, muitos deles, que só a experiência poderia resolver, e a ilustração prática do Sr. Berger muitas vezes vinha à mente. Ele era um homem de negócios, um fabricante de borracha, o dirigente de um negócio bem sucedido. Sabia que, como as árvores na sua propriedade, uma coisa viva há de crescer.

“É preciso esperar uma árvore crescer (dizia a esse respeito) antes que possa haver muitos ganhos. Primeiramente temos apenas um caule fino, com poucas folhas ou brotos. Depois aparecem os galhinhos. Por fim, podem tornar-se grandes ramos que só faltam ser árvores separadas. Mas leva tempo e paciência. Se houver vida, ela se desenvolve de acordo com sua própria natureza.”

As muitas respostas às orações, quando o primeiro grupo da Missão fazia seus preparativos para a viagem, não podem ser registradas aqui. Foram maravilhosas! Tanto que uma observação teve que ser publicada no primeiro número das “Notas Ocasiais” dizendo que a soma total orçada para passagens e equipamento já se achava em mãos. Mas atrás dessas experiências estava a reunião de oração feita ao meio-dia, todos os dias, na casa do Sr. Taylor, bem como as que se faziam semanalmente ali e em Saint Hill, e os dias especiais de jejum e oração.

O nada humano e suficiência divina – um tão real quanto o outro – constituíam-se no ambiente daqueles dias finais na Rua Cooburn. Os amigos que entravam e saíam sentiam isso. As ultimas reuniões de oração foram

realizadas entre malas e caixas, com os cômodos e a escadaria cheios de pessoas que se sentavam onde podiam. Na parede ainda está o mapa; na mesa, a Bíblia aberta.

“Nosso grande desejo e alvo (escreveu o Sr. Taylor sobre a nova missão) é plantar o estandarte da Cruz nas onze províncias da China que ainda não foram ocupadas, e na Tartária chinesa.”

- Negócio de loucos, afirmaram os que só viam as dificuldades.

- Tarefas sobre-humanas, suspiravam outros que lhes desejavam êxito. E mesmo entre os amigos, muitos não podiam deixar de estarem preocupados.

- Vocês serão esquecidos, era a ansiedade de alguns. Sem uma comissão ou organização diante do público, vocês desaparecerão de vista naquela terra distante. Os pedidos são muitos hoje em dia. Dentro de pouco tempo vocês poderão encontrar-se sem mesmo o essencial para as necessidades da vida!

- Estou levando comigo meus filhos, foi a resposta calma. Observo que não é difícil lembrar que eles precisam de alimentação pela manhã, almoço ao meio-dia e jantar à noite. Mesmo que eu quisesse, não poderia me esquecer deles. E acho impossível pensar que nosso Pai celestial seja menos terno e cuidadoso para com Seus filhos do que eu, um pobre pai terreno, sou para com os meus. Não, Ele não há de nos esquecer!

E desde então, através de tantos anos, aquela confiança foi amplamente justificada.

UMA URGÊNCIA ESPIRITUAL

Os homens morrem a teu lado –
Sem esperança vão...
Oh! Ergue a tocha e ilumina
A triste escuridão!
(H. Bonar)

É evidente, pelos anais dos primeiros anos de funcionamento da missão, que houve um poder sustentando os líderes e muitos dos primeiros obreiros. Impressiona-nos a urgência que sentiam com respeito a seu trabalho uma dupla urgência que os levava a superar todos os tipos de dificuldades e provações. Havia a urgência ou pressão do amor do Senhor Jesus Cristo que os fazia gloriar-se no privilégio de conhece-lo na “comunhão dos Seus sofrimentos” de maneira nova e mais profunda; e também havia a urgência do constrangimento do amor pelas almas ao seu redor, prestes a perecer. Hoje em dia pode parecer antiquado falar em almas a perecer, necessitando de salvação. Porém a teologia de João 3; 16 é motivação que dá resultados na vida dos cristãos, e através deles em outros setores; e estes resultados superam toda a sabedoria e os recursos do mundo.

“Deus amou ao mundo de t al maneira... que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Pode ser que atualmente tenhamos mais riqueza, melhor instrução, maior conforto nas viagens e no ambiente, mesmo como missionários, mas será que temos aquele senso de urgência, e as convicções profundas interiores que motivaram os nossos antecessores? Será que temos o mesmo amor pessoal para com o Senhor Jesus Cristo? E se faltam essas coisas, é uma perda que nada compensa.

Sobre o escuro oceano, o mar sem rota ou marco,
Viaja o humilde grupo de obreiros do Senhor
Cruzam ínvias águas, às terras dos chineses
A proclamar Emanuel, o Cristo Salvador.

Pois eles escutaram a voz do irmão do Oriente – Onde um milhão por mês perece sem ser crente!

De Deus, seu pai, depende, e só da mão divina.
Procuram o sustento em terras tão distantes
Pois dEle é o mundo todo; poder em céus e terra,
Assim são “ricos sendo pobres” firmes caminhantes.

**Sim, isto só lhes basta: ouvir a voz do irmão
Onde um milhão por mês perece sem salvação.**

Quatro meses de viagem num navio de menos de oitenta toneladas! Não deixa de ser uma empresa de vulto para um grupo de dezesseis missionários e quatro crianças. Mas muita oração preparou o caminho, não só para que houvesse segurança na viagem, mas também uma tripulação a quem Deus pudesse abençoar Sua Palavra.

Ocuparam-se no primeiro dia, pondo seus pertences em ordem nas cabinas, e então começaram a estudar o chinês. O Sr. Taylor ensinava uma classe pela manhã e sua esposa ensinava outra à tarde. Houve ocasiões em que todos os alunos estavam com enjôo de viagem, e os professores tinham que servir de camaroteiros para atender a todos. Mas eles não ficavam marcados, e os mais jovens logo recobravam o ânimo. Todos eles eram tão novos! O líder, com trinta e quatro anos, era o ancião da turma.

No espaço exíguo daquele navio pequeno, provava-se o caráter, e era fácil aos tripulantes observarem até onde estes passageiros correspondiam à sua profissão. Sem dúvida estavam sendo vigiados, no trabalho e nas horas de lazer. Fazendo todo o possível para tornar mais agradável à tripulação aquela viagem, os missionários também oravam e esperavam. E então os próprios marinheiros pediam reuniões, e teve início uma obra divina que resultou na conversão da grande maioria daqueles homens. É um relatório maravilhoso, e lendo-o nas cartas que foram escritas ali, vemos claramente que aqueles pioneiros da Missão só viviam mesmo a fim de ganhar almas para Cristo. Não eram perfeitos, e lemos sobre falhas que impediram bênçãos. Mas essas falhas não eram aceitas como sendo inevitáveis. Eram lamentadas e confessadas com sinceridade que lhes restaurava a comunhão com o Senhor.

E então, sendo incapaz de prejudicar a utilidade do grupo, parece até que o grande adversário, 'o príncipe das potestades do ar' resolveu mandá-los todos, com navio e tudo, para o fundo do mar. Só um milagre levou-os ao destino, pois durante toda a travessia do mar da China foram açoitados por ventos e tempestades. Durante quinze dias um tufão após outro os apanhou, destroçando quase que completamente o navio.

“A aparência das coisas era agora grave (escrevia o Sr. Taylor após doze dias dessa experiência)... O navio balançava terrivelmente; os mastros e vergas dependurados estavam rasgando nossa única vela... e batendo contra a verga principal com duras pancadas. O convés era quase um mar de proa a popa. O rugir das águas, o tilintar das correntes, as batidas dos mastros e vergas soltas, e os estalos das velas rotas se agitando, tudo impedia que se pudesse ouvir qualquer ordem que fosse dada.”

E nos três dias seguintes o perigo aumentou, porque o navio estava a fazer água rapidamente. Os fogões apagaram-se, cozinhar era impossível. Por algum tempo não conseguiram água para beber. As mulheres tanto como os homens trabalhavam nas bombas. Mas através de tudo isso, a oração foi tão maravilhosamente respondida, que nenhuma vida se perdeu nem houve prejuízos sérios. Guardados na paz que excede o entendimento, mesmo a mãe ansiosa pelas suas crianças pôde, conforme escreveu, “entrar na experiência de Habacuque como nunca antes: Todavia eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação.”

Igualmente gloriosas foram as respostas dadas um pouco depois quando o grupo partiu de Xangai, todos vestindo roupa chinesa, à procura de um lar no interior. Viajando em barcos-moradia, as senhoras e crianças puderam ser abrigadas das multidões de curiosos à medida que passavam de cidade em cidade, enquanto esforçavam-se por encontrar casas para que alguns dos moços pudessem estabelecer-se. Várias vezes, porém, quando parecia que tinham tido êxito, as negociações fracassavam e eles tinham de ir adiante num só grupo, dirigindo-se a Hang-chow. Naquela cidade duas ou três famílias missionárias já estavam localizadas, e constituía perigo para eles, bem como para os recém-chegados, a vinda de um número tão grande que poderia provocar alguma oposição. Entretanto, o que iriam fazer? O outono já estava passando, e as noites no rio eram muito frias. Vários dos missionários já não estavam bem de saúde. Os barqueiros clamavam para voltar à sua cidade a fim de passar o inverno. Nunca o Sr., Taylor sentiu tanto sua responsabilidade como quando deixou as embarcações num lugar calmo fora da cidade e foi à frente em busca das acomodações tão urgentemente desejadas.

A Sra. Taylor sentia igualmente a premência da situação. Com fé, calma e confiança, reuniu os missionários mais jovens para oração, falando do consolo que lhe viera através das palavras do Salmo lido por ela naquela manhã, na hora tranqüila costumeira. “Quem me fará entrar na cidade fortificada? Quem me guiará até Edom?... Presta-nos auxilio na angustia, pois vão é o socorro do homem.” Então leram juntos esses versículos e a oração que se seguiu transformou àquela hora dolorosa de suspense em uma experiência de comunhão que perdurou para sempre na lembrança.

Aquela voz que ouviam falando aos barqueiros seria a voz do Sr. Taylor? Estaria de volta tão depressa? “Antes que clamem, Eu responderei; estando eles ainda falando, Eu os ouvirei.” Sim, estava tudo bem! Um lar os aguardava. Um dos missionários de Hang-chow estaria fora por uma semana, e deixara um recado pelo qual permitia que sua confortável casa fosse colocada à disposição do grupo do Sr. Taylor. Situada numa rua de pouco movimento, era fácil chegarem até lá nos barcos, sem serem observados, naquela mesma noite os viajantes cansados e agradecidos acharam-se bem acolhidos na grande cidade.

E ainda, dentro de três ou quatro dias, apesar de todas as dificuldades costumeiras, o Sr. Taylor pôde conseguir um lugar que fosse deles – um casarão antigo que já fora residência de um mandarim, mas que se havia tornado num verdadeiro cortiço. Agora, no entanto, servia bem para ser adaptado, e os novos ocupantes, embora só o estivessem alugando, puderam começar o trabalho missionário dentro de suas portas, sem atrair atenção exagerada para si. Com poucas palavras, um coração transbordante para si. Com poucas palavras, um coração transbordante consegue fazer-se entender; e a Sra. Faulding, a mais nova do grupo, já se comunicava com as senhoras chinesas.

“Temos conseguido tornar a casa um pouco mais confortável (escreveu ela em dezembro) embora ainda haja muito para ser feito. O Sr. Taylor e os rapazes forraram o teto dos cômodos com papel pregado em travessas de madeira, o que evita que o ar frio todo penetre porque os cômodos do andar superior têm telhados parecidos com os das capelas aí na Inglaterra. Também pregaram papel em algumas das repartições entre os cômodos. Naturalmente ainda estamos em confusão, mas progredimos, e espero que um dia esteja tudo arrumado.

Os inquilinos devem sair na próxima semana. Ocupam principalmente o andar térreo... Gosto muito que eles tenham estado aqui, pois muitos têm assistido aos cultos em chinês e escutado atentamente. Nós ainda não pudemos fazer visitas fora de casa... Mas eu li e conversei todos os dias com estas mulheres e elas pareciam gostar. Há uma de quem tenho grandes esperanças.”

Antes do Natal já havia auditórios atentos de cinquenta ou sessenta pessoas nos cultivos dominicais, e o Sr. Taylor já havia realizado pelo menos uma viagem evangelísticas. Na cidade vizinha de Siaoshan, ele e o Sr. Meadows acharam excelentes oportunidades para pregar o Evangelho e puderam alugar uma pequena casa, com o plano de estabelecerem ali alguns dos recém-chegados, logo que possível. As cartas do Sr. Taylor ao Sr. Berger mostram qual era o espírito com o qual viam sua grande tarefa:

“Você gostará de saber que os recursos para enviarmos cartas, e também dinheiro, pelo correio local... ao interior, são ótimos. Não acho que haverá qualquer dificuldade em remeter dinheiro e qualquer província do império que não possa ser superada. Da mesma forma, as cartas dos mais distantes rincões conseguem chegar aos portos. Essa comunicação é lenta e pode ser cara, mas é razoavelmente segura. E assim vemos o caminho abrir-se para o trabalho no interior.

Está bastante frio (em 4 de dezembro) para estarmos morando numa casa sem forro e com poucas portas e janelas. Há uma deficiência quanto a parede de meu próprio quarto, de dois por três metros, fechado com um lençol, de modo que a ventilação é bastante livre. Mas a essas coisas damos pouca atenção. À nossa volta há pobres pagãos que se acham em trevas – populosas cidades sem um missionário, cidades grandes e pequenas, vilas sem número, todas sem os meios de graça. Não invejo o estado de ânimo que os prefere esquecer ou deixa-los perecendo, por medo de um pouco de desconforto. Que Deus nos faça fiéis a Ele e ao nosso trabalho.

Enquanto isso, tinha as mãos cheias em Hang-chow. Com o começo do Ano Novo chinês, os pacientes enchiam o consultório, até duzentos por dia, e o mesmo número assistia aos cultos nos domingos. Quando os primeiros reforços chegaram da Inglaterra, em princípios de 1867, o Sr. Taylor estava atarefado demais para poder vê-los, até horas mais tarde. Quando entraram, viram-no em pé sobre uma mesa, pregando a um grande grupo de pacientes que estavam no meio do pátio, e de longe lhes dava as boas-vindas, quando entravam conduzidos pelo Sr. Meadows. Os recém-chegados sentiram-se satisfeitos de ver o movimento, e dentro de pouco tempo João McCarthy se colocaria ao lado do Sr. Taylor, tornando-se seu principal ajudante de trabalho médico. Foram dias em que, em meio a dificuldades externas, os colaboradores na obra tiveram pelo menos a oportunidade de associar-se mais intimamente ao líder que amavam, e que personificava tanto os seus ideais.

“Lembro-me dele como sempre o conheci (escrevia o Sr. McCarthy, da China Ocidental, trinta e oito anos mais tarde), bondoso, amoroso, com o pensamento no bem-estar de todos menos no seu próprio, sendo uma bênção onde quer que andasse, dando força e consolo a todos com quem tivesse contato... um exemplo constante de tudo o que um missionário deve ser.”

Havia alguns, entretanto, mesmo naqueles primeiros dias, que devido a falhas na sua própria vida espiritual, tornavam-se críticos de todos ao redor. O espírito que causou dificuldades na viagem ainda se evidenciava, e a Sra. Taylor, tanto como o esposo, sofriam com as difamações. Só meses mais tarde é que a Sra. Taylor mencionou o que se passava numa carta à Sra. Berger, porque era grande a vontade que tinham de vencer esse espírito com amor e paciência. Foi em resposta às perguntas dos amigos na Inglaterra que ela escreveu detalhadamente:

“Ore muito por nós, pois necessitamos muito da graça preservadora de Deus agora. Chegamos a lutar contra Satanás em seus domínios, e ele não nos deixa em paz. Que loucura seria estar aqui por nossa própria conta! Porém, Aquele que é por nós é muito maior do que todos os que são contra nós... Seria muito triste ver a desarmonia semeada entre as irmãs de nosso grupo, mas é este um dos males que temo no momento... Não sei que fim há de ter o caso de N..... Uma coisa sei: que ‘a esperança de Israel’ não nos abandonará. Quase sou tentada a perguntar: - Por que foi permitido que N..... viesse conosco? Talvez fosse para que nossa Missão tivesse que se definir e fundamentar-se sobre as bases certas logo no início da sua história.”

Outras aflições foram permitidas para provar-lhes a fé e a paciência ainda no verão, mas durante tudo isso as almas eram salvas e a igreja edificada, uma igreja que mais tarde (1932) chegaria a ter mais de mil e quinhentos membros. Quando os primeiros batismos foram realizados em maio, a Sra. Taylor escrevia novamente para a Sra. Berger.

“Talvez o bondoso Senhor esteja vendo que precisamos de tristezas para não deixar que fiquemos por demais eufóricos com as ricas bênçãos que Ele está derramando sobre nosso trabalho.”

Mas ela nem poderia imaginar a profunda tristeza pessoal que os aguardava no verão que se aproximava.

A mais amável e inteligente de toda sua prole era a filhinha nascida em Ningpo, que agora tinha quase oito anos. Cheia de amor para com o Senhor Jesus e as pessoas ao seu redor, ela era uma boa ajudantezinha na obra, bem como com os irmãozinhos, para quem ela era a perfeita irmã mais velha. Mas com os dias longos tão quentes, Gracie começou a perder as forças, e embora as crianças fossem levadas às montanhas, nada pôde salva-la.

Ao lado da filha que morria, no velho e arruinado templo que encontrou ali o Sr. Taylor enfrentou a crise para si e seus queridos.

“Não oi um ato vão ou impensado (escreveu ao Sr. Berger) quando, conhecendo esta terra, o povo e o clima, coloquei minha esposa e filhos comigo mesmo sobre o altar, para este serviço. E Deus, a quem servimos tão imperfeitamente, contudo em sinceridade simples, e com algum êxito – Ele não nos abandonou agora.”

A sua mãe, o Sr. Taylor escreveu com maior liberdade:

“Nossa querida Gracie! Como sentimos falta de sua vozinha doce pela manhã, um dos primeiros sons que ouvíamos ao despertar, e durante o dia e à tarde! Quando faço os passeios que fazia com seus

passos leves e alegres ao meu lado, vem de novo aquele pensamento como um soluço: - È possível que nunca mais sinta a pressão de sua mãozinha. . . nunca mais veja o brilho de seus olhinhos? Entretanto – ela não está perdida. Não escolheria tê-la de volta. Agradeço a Deus por ter sido ela, e não outra das crianças, embora ela fosse o sol de nossas vidas. . .

Acho que nunca vi coisa tão perfeita, tão linda como os restos mortais daquela querida filhinha. Os cílios sedosos e longos sob as sobrancelhas finas e bem feitas, o nariz tão delicado; a boca pequena e expressiva; a pureza das feições brancas. . . Ficaram todos gravados no coração e na lembrança. Também seu lindo casaquinho chinês e as mãozinhas juntas sobre o peito, segurando uma única flor. . . Foi extraordinário, e tão difícil tirar os olhos para nunca mais vê-la!

Ore por nós. Às vezes sou quase vencido pelas tribulações internas e externas ligadas ao nosso trabalho. Mas Deus diz: ‘Não te deixarei nem te desampararei’, e ‘ O poder se aperfeiçoa na fraqueza. ’ Assim seja.”

Na dor dessa perda, o casal Taylor se consagrou mais uma vez à tarefa de alcançar o interior da China com o Evangelho. Antes do final do ano tinham visitado todas as cidades sedes de município da província de Chekiang. Nanquim, cidade da província vizinha estava com seu trabalho, e os membros da Missão já trabalhavam em centros que distavam um do outro até vinte e quatro dias de viagem. A igreja em Hang-chow também estava firmemente estabelecida, tendo Wang Lae-djun como seu pastor, e quando a primavera chegou, os líderes da Missão já não faziam falta nesse centro.

Foi a época em que era difícil abrir um trabalho permanente na China sem que se incorresse em risco da própria vida. Os motins e tumultos eram tão comuns que pareciam fazer parte do programa. Foi com naturalidade que o Sr. Taylor disse a um candidato que tinha perdido uma perna e só podia andar ajudado por uma muleta:

- Mas o que faria você na China se houvesse um motim e precisasse correr?

- Eu não estaria pensando em correr, foi a resposta calma. Pensaria que “os aleijados” deveriam “tomar os despojos.”

E isso ele fez, realmente quando chegou o dia, e teve o privilégio de superar as dificuldades através das quais o Evangelho chegou a Wenchow.

- Por que você não foge? Gritaram os revoltosos, enquanto roubava tudo o que ele tinha inclusive as muletas.

- Correr? Fugir? Replicou com um sorriso. Como um homem pode correr com uma perna só, quero saber!

Desarmados pela coragem e simpatia de seu modo, o elemento melhor venceu, e o poder invisível da oração foi vitorioso naquele dia.

Com o mesmo espírito, George Duncan, o escocês alto e quieto, conseguiu penetrar em Nanquim como o primeiro missionário que residiria ali. Contentou-se em viver na Torre do Tambor, quando não conseguiu obter melhor acomodação, e repartia um sótão aberto com os ratos e o sino sonoro, passando os dias entre as multidões nas ruas e nas casas de chá. Quando o dinheiro chegava ao fim, o cozinheiro chinês, seu único companheiro, veio lhe perguntar o que deveriam fazer – porque se saíssem da cidade e do lugarzinho que alugavam isso significaria que não poderiam mais voltar.

- Fazer? Repetiu o missionário. Bem, vamos “confiar no Senhor e fazer o bem.” Assim “habitaremos na terra” e na verdade seremos alimentados.

Passaram-se os dias, e o Sr. Taylor descobriu que seria impossível enviar alguma coisa a Nanquim pelos bancos nacionais. Finalmente, preocupado com Duncan, enviou um colega missionário para resolver a situação. A essa altura, haviam-se acabado as economias do cozinheiro, contribuídas generosamente ao trabalho, e nenhum dos dois tinha mais nada. Mas Duncan havia saído conforme o seu costume, para pregar, dizendo ao companheiro preocupado.

- Vamos só “confiar no Senhor e fazer o bem.” A promessa de Deus continua a mesma: “Habitarás na terra, e verdadeiramente serás alimentado.”

Naquela tarde, Rudland, o missionário enviado, compreendeu porque as águas do Grande Canal tinham baixado tanto, a ponto de ele ser obrigado a terminar a viagem por terra, e isso o fez chegar a Nanquim vários dias antes do que teria sido possível por água. Quando chegou àquela casa não achou nada na cozinha e nem na carteira. Caminhando pelas ruas intermináveis. Duncan pregou durante todo o dia, e agora voltava cansado e com fome, quando, para surpresa sua, viu seu ajudante chinês que corria ao seu encontro.

- Ó, senhor, ele exclamou. Está tudo bem! Está tudo bem! O Sr. Rudland – o dinheiro – e um bom jantar!

- Eu não lhe disse hoje cedo, Duncan respondeu-lhe, pondo a mão bondosamente sobre seu ombro, que sempre está tudo bem quando se confia no Deus vivo?

- Sr. Taylor, entretanto, não se contentava só em colocar os moços no trabalho pioneiro. Não havia perigo nem dificuldades que ele e a Sra. Taylor não estivessem dispostos a enfrentar pessoalmente, e os anseios interiores e espirituais deles eram os mesmos dos outros membros da Missão. Não era fácil sair de Hangehow depois de dezesseis meses de vida e obra estabilizada. A igreja já contava com cinquenta crentes batizados em seu rol, e muitos dos interessados prometiam para o futuro. Mas ali a obra teria sua continuação com Wang Lae-djun como pastor, assistido pelo Sr. McCarthy, e o trabalho feminino ficaria aos cuidados da Srta. Faulding. Havia pioneiros em postos isolados que necessitavam de ajuda, bem como cidades e vilas

populosas onde nunca tinham sido anunciadas as Palavras de Vida. Embora significasse viver menos organizadamente e levar as crianças para morar nos barcos por algum tempo, partiram na primavera, como vimos prontos a ir ajudar Duncan em Nanquim, ou então a ficar em qualquer lugar no caminho onde encontrassem uma porta aberta.

Foi na grande cidade de Yangchow que os viajantes puderam estabelecer-se depois de dois meses a bordo. Já tinham passado três semanas com o Sr. Henry Cordon, um membro da Missão que estava principiando na afamada cidade de Suchow, e de lá vieram a Chinkiang na confluência do Grande Canal com o imenso rio Yangtsé. Impressionado com a posição estratégica desse lugar, o Sr. Taylor logo entrou em negociações para obter a casa que seria sua; mas como isso iria demorar, continuaram a viagem atravessando o rio lê subindo alguns quilômetros pela parte norte do Grande Canal. E assim alcançaram a famosa cidade da qual o lendário Marco Pólo um dia foi governador, cujos muros com suas torres abrigavam uma população de trezentos e sessenta mil pessoas, sem um único mensageiro de Cristo.

“Se vocês mesmos não fossem acostumados a viajar (escreveu a Sra. Taylor à Sra. Berger) acharia que não poderiam compreender o que sentimos na segunda-feira passada, quando saímos da falta de conforto do barco, onde as chuvas torrenciais que dispersavam as multidões eficientemente. Mas isso durou pouco. Dois estrangeiros de Chinkiang, não vestidos à moda chinesa como os missionários, e sim à européia, vieram visitar Yangechow e causaram grande sensação. A oportunidade foi aproveitada. A elite movimentou-se novamente, e logo que os visitantes saíram, levando a impressão de que tudo estava calmo, circularam as notícias de que faltavam crianças em toda parte. Pelo menos duas dúzias, o povo acreditava, tinham sido vítimas dos estrangeiros desalmados.

- Coragem. Vinguemos os agravos! Ao ataque! Vamos destruir. Ganharemos os despojos!

* * * * *

Quarenta e oito horas mais tarde, num barco, a família missionária aproximava-se de Chinkiang, ferida, machucada, mas não desanimada, e agradecia a Deus a proteção maravilhosa que a tinha guardado durante a perigosa tempestade de paixões assassinas.

“Nosso Deus trouxe-nos até aqui (escreveu a Sra. Taylor durante a viagem). Que seja isso para que vivamos mais completamente para o Seu louvor e glória. Tivemos outro tufão, por assim dizer; não tão longo como o furacão de ventos há quase dois

anos atrás, mas igualmente ameaçador e mais terrível enquanto durou. Creio que Deus fará surgir dessa experiência a Sua glória, e espero que contribua para o fomento do Evangelho...

“Um Salvador presente” – aqueles arruaceiros não teriam compreendido o segredo de tal calma e poder! Algo evitara que tivessem feito pior, mas eles não sabiam o que os havia intimidado. A morte iminente fora afastada muitas vezes, e tanto o Sr. Taylor, acompanhado pela fúria das multidões quando ia procurar as autoridades locais para pedir auxílio, como aqueles que deixaram na casa sitiada, ameaçados de incêndio e ataques, foram protegidos pela Mão Invisível.

Porém foram horas e horas de tortura – a aflição da mãe que abrigava os filhos e de outras mulheres num cômodo do andar superior, do qual o incêndio finalmente os fez fugir, a angústia do pai que não conseguia aproximar-se, e que ouvia da casa do mandarim os gritos dos amotinadores dispostos à destruição. Conservando um exterior calmo lê resoluto como se nenhum perigo existisse, a Sra. Taylor enfrentava as cenas terríveis, mais de uma vez salvando a vida pela presença de espírito e perfeito domínio da língua, enquanto se afligia interiormente pelo esposo amado que poderia não voltar nunca mais.

Foram longas e enervantes as negociações que seguiram até ser consertada aquela casa em Yangchow, e o grupo receber permissão para voltar. Houve uma boa recepção em honra à sua chegada, e com gratidão o chefe da Missão pôde escrever: “Os resultados deste incidente com certeza facilitarão o trabalho do interior no futuro.” Mas foi a vida familiar e o espírito amigo dos missionários que aos poucos desarmaram as suspeitas. “Os feitos falam mais alto do que as palavras”, e os vizinhos tinham em que pensar quando viram que as crianças foram trazidas de volta depois de tudo o que acontecera, e quando transpareceu que a Sra. Taylor não hesitara em voltar sob condições que exigiriam maior paz e tranqüilidade.

“Nisto, mais de uma vez (ela escreveu à querida amiga em Saint Hill) Deus me concedeu o desejo do coração. Pois senti que se a segurança para meu filhinho o permitisse, preferiria que nascesse aqui nesta cidade, nesta casa, neste quarto – de preferência a qualquer outro lugar – não sendo exceção sua casa maravilhosa, onde recebi tão ternos cuidados e os confortos e luxos que sei tão bem apreciar.”

A chegada de um quarto filho não poderia deixar de causar boa impressão, bem como o rápido restabelecimento de todos os feridos no motim. Sentiram mais profundamente, entretanto, a compensação de ter como crentes em Cristo e candidatos ao batismo o hoteleiro que os recebeu

na cidade e dois outros que arriscaram a vida mostrando-lhes simpatia durante a revolta.

“Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo trazendo os seus feixes.”

DIAS NEGROS

*“Contra mim, a terra e o inferno tramam,
Mas do meu lado está o Poder do Céu.
Jesus é tudo, tudo, e Ele é meu.”
(W.T.Matson)*

Na sua pátria, a Inglaterra, o Sr. Berger enfrentava uma tempestade ainda pior naquele inverno do que a que avassalara a missãozinha na China. O motim de Yangchow suscitou críticas no Parlamento e por todo o país a um ponto incrível. Baseada em informações mal interpretadas, a imprensa pública atacou acerbamente os missionários que levaram o país à beira de uma guerra com a China, conforme dizia; exigia-se a proteção de navios armados britânicos naquela campanha para persuadir os chineses a mudarem de religião “diante de bocas de canhões e de pontas de baionetas.” Nem é preciso dizer que o Sr. Taylor e seus amigos deram pouco ou nenhum motivo para tais críticas. O caso deles fora defendido pelas autoridades consulares de um modo que os missionários não esperavam nem desejavam. Agindo sob ordens do Ministério de Relações Exteriores, os representantes aproveitaram depressa a oportunidade para pedir direitos de tratado, mas antes que as exigências até razoáveis do Embaixador britânico fossem atendidas, uma mudança de governo na Inglaterra complicou a situação. A Sra. Taylor, escrevendo para poupar o esposo, expôs os pormenores ao casal Berger.

“Quanto ao juízo severo do mundo (ela concluía) ou ainda as mais dolorosas incompreensões dos irmãos em Cristo, geralmente sentimos que o melhor plano é prosseguir em nosso trabalho e deixar que Deus reivindique a nossa causa. Mas é justo que vocês conheçam de perto como agimos e por quê. Sugiro, no entanto, que seria melhor não publicar o fato de que o Cônsul Geral, Sr. Medhurst, por intermédio de Sir Rutherford Alcock, levantou a questão sem que nós lhe solicitássemos. O novo Ministro inglês critica os daqui pela política que o ex-Ministro os fez seguir. Seria ainda uma falta de caridade e gratidão se fôssemos tornar ainda mais difícil a sua posição, lançando sobre eles toda a responsabilidade, por assim dizer.”

Não havia outro remédio senão agüentar com oração e paciência o temporal que continuaria por muito tempo depois que já estivessem pacificamente alojados em Yangchow. Quatro meses mais tarde, o Sr. Berger ainda escrevia de Saint Hill:

“O assunto de Yangchow está perante a Casa dos Lordes. . . Vocês custariam a imaginar que efeito está produzindo sobre o país. Graças a Deus posso dizer: ‘Nenhuma destas me abala’. Creio que Ele nos chamou para esta obra, e não devemos nem fugir dela nem permitir que as dificuldades nos vençam. . . Tenham ânimo, pois a luta é do Senhor.”

Era duplamente penoso que numa crise desta viesse à tona a falta de amor de certos membros da Missão, e fosse preciso solicitar a alguns que desde o começo vinham causando dificuldades, que pedissem demissão. A interpretação que davam aos fatos aumentava os desentendimentos na sua terra, e apesar da sábia e forte liderança do Sr. Berger um bom número de cooperadores foi afastado. Isso, mais as críticas da imprensa geral, afetaram seriamente a arrecadação financeira, de modo que não foram poucos nem insignificantes os problemas que sobrevieram aos líderes da Missão.

“Orem por nós (escreveu o Sr. Taylor depois da revolta). Precisamos de graças abundantes. Vocês nem imaginam quanta paciência e longanimidade, quanto tato e sabedoria são exigidos diariamente nas situações que surgem entre tantas pessoas de nacionalidade, língua e temperamento diversos. Roguem ao Senhor que me conceda unidade de propósito, juízo lúcido, sabedoria e bondade no trato, espírito paciente, resolução inabalável, e o amor cristão como exige o eficiente desencargo de meus deveres. E peçam que nos enviem os meios suficientes e os auxiliares aptos para a grande obra que nós apenas iniciamos.”

Pois em meio a tudo não havia interrupção no evangelismo pioneiro ao qual a Missão fora chamada. Mesmo antes que os assuntos de Yangchow fossem solucionados, o Sr. Taylor empreendeu uma importante viagem, subindo pelo Grande Canal a uma cidade da qual ele esperava poder alcançar as províncias setentrionais. E o Sr. Meadows deixava o trabalho de Ningpo para outros, a fim de poder comandar um avanço na primeira província interiorana, para o oeste de Chinkiang – a província de Anwei, com uma população de vinte milhões de habitantes, e nem um missionário protestante.

Porém, em vez de incremento de recurso e homens pelo qual oravam, houve um considerável declínio nas contribuições vinda de sua pátria. Felizmente, embora imprevista por eles, a resposta à situação já estava sendo preparada, como vieram a descobrir. Pois aquele Deus que permitiu as dificuldades também providenciou a solução, conforme sabe fazer.

Um pobre da Inglaterra – um homem que literalmente não possuía mais do que possuem as aves do céu ou os lírios do campo – já estava

sustentando, através das orações e da fé, uma família de cerca de duas mil crianças, que mais tarde chegou a ser de quatro mil. Sem um tostão de verba ou dotação, sem quaisquer apelos financeiros, sem avisar ninguém das necessidades, senão ao Pai no céu de cuja promessa podia depender, este homem, George Mueller, estava provando a fidelidade de Deus de um modo que já há muito tempo servia de inspiração à fé do Sr. Hudson Taylor e de muitos outros. Acontece que este servo de Deus em Bristol, na Inglaterra, quis ser também uma parte direta na obra missionária dos recantos mais longínquos do globo terrestre. Orou pedindo meios que pudesse usar para incrementar a pregação do Evangelho em muitas terras, inclusive na China; e Deus lhe deu o gozo de ser o Seu instrumento de ajuda em muitas situações difíceis. Parecia que Deus lhe falava de perto, ao seu ouvido, e que podia usá-lo em serviços especiais que outros não tinham notado ou para os quais não estavam preparados.

A revolta de Yangchow acabava de ocorrer, por exemplo, e muito antes que a notícia pudesse chegar à Inglaterra, foi colocado no coração do Sr. Mueller o desejo de mandar auxílio financeiro à Missão do Interior da China. Ele já era contribuinte, mas um dia ou dois depois do motim, escreveu ao Sr. Berger pedindo o nome de outros membros da Missão que pudesse acrescentar à sua lista para ajuda-los e orar por eles. O Sr. Berger mandou seis nomes entre os quais poderia escolher, e ele escolheu os seis.

E então, um ano depois, quando a escassez de recursos se fazia sentir mais profundamente, o Sr. Mueller escreveu outra carta, aumentando sua contribuição. Essa carta estava a caminho quando o Sr. Taylor, com um pagamento de dezembro, escreveu a um dos obreiros;

“Mais de mil libras a menos, do que há um ano atrás, foram doadas durante o primeiro semestre deste ano. Agora não emprego um cozinheiro. Acho mais econômico servir-nos de marmita a um dólar por pessoa por mês. . . Oremos com fé pelos recursos, para que não precisemos cortar o nosso trabalho.”

Para ele, diminuir o conforto parecia de pouca importância, mas “cortar o nosso trabalho” – ora, graças a Deus era coisa que não precisava fazer! E nessa circunstância, antes do fim do ano, a carta do Sr. Muller lhe chegava às mãos.

“Meu caro irmão (esta carta dizia), a obra do Senhor na China está mais e mais em meu coração, e por isso anseio e oro para que possa ajudá-lo cada vez mais tanto financeiramente como pela oração. Ultimamente sinto o desejo especial de ajudar financeiramente todos os queridos irmãos que estão com você. Desejei isto para que vissem meu interesse pessoal. E esta vontade o Senhor me concedeu agora.”

Os onze cheques que acompanhavam a carta eram para todos os membros da Missão a quem o Sr. Mueller não ajudara anteriormente. Escrevendo pelo mesmo correio, o Sr. Berger disse:

“O Sr. Mueller, após a devida consideração, pediu-me os nomes de todos os irmãos e irmãs ligados à M.I.C., achando por bem mandar auxílio quando puder a cada um, se nada tivermos a obstar. . . Por certo Deus sabia que nossos recursos eram escassos, e colocou assim no coração de seu honrado servo o desejo de ajudar.”

Mas não era só o dinheiro, era a simpatia e as orações deste homem extraordinário que tornavam os seus presentes um encorajamento tão maravilhoso. [1]

“Meu principal objetivo (escreveu em sua carta aos missionários) é dizer-lhes que eu os amo no Senhor; que me interesso profundamente pela obra do Senhor na China, e que oro diariamente por vocês.

Achei que poderia ser um incentivo em meio às suas dificuldades, provações, sofrimentos e desapontamentos, saber de mais um que sente e lembra de vocês perante o Senhor. Mas se fosse diferente, se nunca ninguém se importasse com vocês – ou se pelo menos estivessem numa posição em que aparentemente ninguém se importasse – terão sempre o Senhor a seu lado. Lembrem-se do caso de Paulo em Roma (2Tm. 4: 16-18).

Contem com Deus, então, olhem para Ele, dependam dEle: e estejam certos de que se andarem com Ele, olharem para Ele e esperarem por Seu auxílio, Ele nunca falhará. Quem escreve isto é um irmão mais velho que conhece o Senhor há quarenta e quatro anos, e que lhes conta para sua inspiração e estímulo, que nunca Ele falhou e como pela Sua graça pode confiar nEle, o Qual sempre lhe apareceu com auxílio. Deleito-me em louvar o Seu nome.”

O próprio Sr. Taylor estava precisando muitíssimo destas palavras de estímulo, pois, por estranho que pareça, as dificuldades que se seguiram ao motim de Yangchow foram leves comparadas às tribulações que ele sentia intimamente. Quem sabe se foi, em parte, a pressão das circunstâncias externas que impedia a alegria e a paz espiritual interior; contudo, depois da experiência profunda que se aproximava, nunca mais qualquer espécie de

1. Os donativos do Sr. Mueller durante estes anos seguintes perfaziam quase dez mil dólares anuais – exatamente a quantia de que fora diminuída a renda da Missão depois da rebelião de Yangchow.

De dificuldade pôde nublar seu gozo no Senhor.

- Não importa, na verdade, a força de pressão, ele costumava dizer. Só importa onde repousa a pressão. Cuide que nunca esteja entre você e o Senhor – e então, quanto maior a pressão, mais ela o levará para perto dEle.

Mas nessa ocasião ele ainda não tinha aprendido o segredo que tornou radiante sua vida, e muitas eram suas horas de trevas internas e quase desespero.

“Muitas vezes pedi que se lembrasse de mim em oração (escreveu para a mãe), e quando peço é porque há muita necessidade. É maior do que nunca atualmente. Por inveja de uns, desprezo de muitos, muitas vezes levando a culpa de coisa de que não tinha conhecimento nem tomei parte, considerado um inovador em pontos que já se têm tornado regras de práticas missionárias, um adversário de influentes sistemas pagãos de erro e superstição, operando sem precedentes em muitas coisas, e com auxiliares inexperientes, frequentemente doente no corpo bem como perplexo na mente e embarçado pelas circunstâncias – se o Senhor não fosse especialmente gracioso para comigo, e se a mente não fosse amparada pela convicção de que a obra é dEle e que Ele está comigo no que é realmente o calor da batalha, eu teria desmaiado e caído. Mas do Senhor é a peleja, e Ele vencerá. Podemos falhar – falharemos continuamente – mas Ele nunca falha. Entretanto, preciso de suas orações mais do que nunca.

Minha posição é de responsabilidade, cada vez maiôs e minha necessidade é de graça especial para assumi-la. Porém lamento sempre que eu siga tão de longe, e aprenda tão devagar a imitar meu precioso Mestre.

Nem posso contar como sou às vezes assediado por tentações. Não sabia como era mau o meu coração. Mas sei que amo a Deus e a Seu trabalho, e desejo servir só a Ele em tudo. Coloco acima de todas as coisas este precioso Salvador em quem tão somente posso ser aceito. Muitas vezes sou tentado a pensar que um homem tão cheio de pecados como eu não posso ser filho de Deus de modo algum. Porém, tento livrar-me deste pensamento e regozijar-me tanto mais na preciosidade de Jesus e nas riquezas da graça que nos fez aceitos no Amado. Ele é Amado de Deus; deve ser amado por nós. Mas ai! Quanto falta em mim! Que Deus me ajude a amá-lo mais e ser-lo melhor. Ore por mim. Ore “para que o Senhor me guarde do pecado, me santifique interiormente e me use mais amplamente no seu serviço.”

“O Espírito Santo nunca cria fome e sede de justiça, a não ser para que Cristo possa encher a alma sequiosa.”

**A fé em Jesus crucificado é o caminho da paz para o pecador; assim a fé em Jesus ressurreto é o caminho da salvação diária para o santo.
“Ninguém pode ser seu próprio Salvador, nem inteira nem parcialmente.”**

VIDA MUDADA

*Sim, em mim habita Ele,
Eu em Cristo, Ele em mim!
E minha alma tão vazia
Satisfaz-se até o fim.
(H. Bonar)*

Seis meses depois que foi escrita a carta acima, um barco seguia para o norte, pelas águas do Grande Canal, levando um passageiro cujo coração transbordava de imensa e nova alegria. O Sr. Judd em Hang-chow aguardava a vinda de seu amigo e chefe, mas não estava preparado para a transformação que se havia operado naquele que tão bem conhecia. Quase sem esperar os cumprimentos, o Sr. Taylor lançou-se à narrativa. De maneira característica – com as mãos para trás – caminhava de uma extremidade a outra da sala, exclamando:

“Queria muito poder conversar (escreveu ele) sobre o caminho da santidade. Quando você me falava sobre isto, era o assunto que entre todos mais ocupava o meu pensamento, não por qualquer coisa que eu tivesse lido, nem por uma consciência de fracasso – mas por uma constante necessidade de alcançar aquilo que eu sentia que devia ser o alvo; uma inquietação, uma luta infundável para achar o modo de manter continuamente aquela comunhão e companhia com Deus que às vezes era tão real, porém mais frequentemente era tão utópica, tão distante da realidade!...

Mas, sabe, agora acho que essa luta, essa esperança de melhores dias futuros não é o caminho verdadeiro à santidade, à felicidade, à utilidade. É melhor, sem dúvida, muito melhor do que nos satisfazermos com realizações pequenas e pobres, mas não é o melhor de tudo no fim das contas. Impressionou-me um trecho de um livro. . . com o nome de Cristo é Tudo. Diz assim:

O senhor Jesus recebido é o início da santidade. O Senhor Jesus bem amado é a santidade em progresso. O Senhor Jesus com a certeza de que nunca está ausente seria a santidade completa. . .

É mais santo aquele que tem mais de Cristo dentro de si, e maior alegria na obra realizada. É uma fé defeituosa aquela que obstrui os pés e causa muitas quedas.

Acho que esta última frase está bem de acordo com o que eu penso. Quero viver para deixar meu amado Salvador operar em mim a Sua vontade, a minha santificação, pela Sua graça. Habitar nEle, não lutar e debater-me, erguer a Ele os olhos . Confiar nEle para ter poder no presente. . . Descansar no amor do Salvador onipotente, no gozo de uma salvação completa de todo pecado – isto não é novo, mas é

novo para mim. Sinto como se o raiar de um glorioso dia viesse sobre mim. Saúdo-o com tremor, embora com confiança. Pareço ter chegado até a margem somente. Porém, é a beira de um mar sem limites. Só provei uma gota, mas de algo que satisfaz completamente. Cristo é literalmente tudo para mim, agora, o poder, o único poder para o serviço, o único fundamento para a alegria inalterável. . .

Então, como fazer para que a fé cresça? É só pensar em tudo que Jesus é e em tudo o que Ele é para nós: Sua vida, Sua morte, Sua obra, Sua pessoa revelada a nós na Palavra – para ser assunto constante de nossa meditação. Não uma luta para conseguir a fé. . . e sim, a contemplação dAquele que é fiel – parece ser esta a única coisa que nos é necessária: descansar inteiramente no Bem-Amado, no tempo e na eternidade.”

Não sabemos exatamente como se operou o milagre; mas, “quando li, vi tudo”, escreveu o Sr. Taylor. “Olhei para Jesus e quando enxerguei – oh! Como a alegria inundou todo o meu ser.”

“Ele era agora um homem alegre (O Sr. Dudd registrou), um cristão feliz e vivo. Antes havia sido um cristão compenetrado e laborioso, lê ultimamente com pouco descanso de alma. Agora descansava em Jesus, e deixava que Ele fizesse todo o trabalho – o que fazia toda a diferença. Depois disso, toda vez que pregava o Evangelho, um novo poder parecia fluir dele, e nas coisas práticas da vida uma nova paz o possuía. Os problemas não o afligiam como dantes. Lançava tudo sobre Deus de um modo diferente, e dava mais tempo à oração. Em vez de trabalhar até tarde da noite, começou a deitar-se mais cedo, e levantar-se às cinco horas para dar tempo ao estudo bíblico e oração (muitas vezes duas horas) antes que o movimento do dia tivesse início.”

Foi a vida mudada que lhe adveio – a vida que é realmente “não mais eu.” Seis meses antes ele escrevia: “Lamento sempre que siga tão de longe e aprenda tão lentamente a imitar meu precioso Mestre.” Agora não pensava mais em imita-lo! Era uma realidade dizer: “Cristo vive em mim.” E como fazia diferença! – Em vez de servidão, a liberdade; em vez de fracasso, vitória íntima. Em lugar de temor e fraqueza, um calmo senso da suficiência dessa Outra Pessoa. Foi tão grande o livramento que daquele tempo em diante o Sr. Taylor não media esforços para ajudar a esclarecer esse segredo precioso a outros corações sedentos, onde quer que estejam. E há tantos corações famintos que hoje precisam desse auxílio que arriscamos citar (quase na íntegra) uma das primeiras cartas sobre o assunto. Foi escrita à irmã, a Sra.

Broomhall, cujas responsabilidades para com a família de dez filhos eram grandes e prementes.

“Agradeço muito sua apreciada e longa carta... Acho que você não nos tinha escrito uma carta destas desde nossa volta à China. Sei que com você acontece o mesmo que comigo – não é que você não queira, é que não pode. A mente e o corpo só agüentam até um limite certo de esforços ou trabalhos.

Quanto ao trabalho – o meu nunca foi tanto, de tamanha responsabilidade ou dificuldade, mas o peso lê a tensão desapareceram. Esse ultimo mês (ou mais de um mês) tem sido, talvez, o mais feliz de minha vida, e quero muito contar-lhe um pouco do que o Senhor fez por minha alma. Não sei até onde poderei tornar-me claro no assunto, pois nada há de novo, ou estranho, ou maravilhoso – e ao mesmo tempo lesta tudo diferente e novo! . . .

Quem sabe posso explicar se voltar atrás um pouco. Bem, mana, minha mente labutava muito nestes últimos seis a oito meses, sentindo a necessidade de maior santidade, vida e poder de alma, para mim e para a Missão. Mas em primeiro lugar estava minha necessidade pessoal. Senti a ingratidão, o perigo e o pecado de não viver ainda mais perto de Deus. Orei, agonizei, jejei, esforçava-me, tomava decisões, lia a Palavra com maior diligência, procurava passar mais tempo meditando – mas tudo em vão. Todos os dias, quase hora por hora, a consciência de pecado me oprimia.

Bem sabia eu que , se conseguisse permanecer em Cristo, tudo estaria bem, mas não podia. Começava o dia com oração, resolvido a não tirar dEle os olhos nem por um momento, mas a pressão das obrigações, às vezes muito difíceis, e as constantes interrupções que tendem a impacientar-nos, faziam com que eu me esquecesse dEle, Também, aqui, o clima age de t al modo sobre os nervos, que as tentações à irritabilidade, pensamentos duros, e às vezes palavras ásperas são mais difíceis de se controlar. Cada dia trazia seu registro de pecado, fracasso, e falta de poder. O querer o bem estava em mim mas como efetua-lo, não conseguia descobrir.

E então vejo a pergunta: não haveria salvamento? Teria que ser assim até o fim – constante conflito, e, muitas vezes, a derrota? Como leu poderia pregar sinceramente que àqueles que receberam a Jesus, Ele deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus (i.e. semelhantes a Deus) quando não era assim em minha própria experiência? Em vez de tornar-me mais forte, parecia enfraquecer-me cada vez mais, e ter menos poder contra o pecado; naturalmente, pois a fé e até mesmo a esperança fraquejavam. Eu tinha horror a mim mesmo, ao meu pecado, e, todavia não ganhava terreno contra isto. Sentia que eu era filho de Deus. Seu Espírito clamava em meu coração, apesar de tudo: Aba, Pai. Mas eu não tinha força de espécie alguma para erguer-me à altura de exercer meus privilégios de filho.

Achei que a santidade, a santidade prática, seria gradativamente alcançada por meio de um emprego diligente dos meios da graça. Nada havia que eu desejasse tanto quanto a santidade, nada de que eu tanto necessitasse. Mas longe de alcançá-la mesmo em parte, quanto mais eu a buscava, mais ela fugia do meu alcance, ao ponto de sentir ameaçada de morte a esperança existente em mim. E comecei a imaginar se – talvez para tornar mais doce o céu – Deus não o dava nesta vida. Não acho que eu tentava obtê-la com minhas próprias forças. Sabia que eu não tinha esse poder. Falei isto ao Senhor, e pedi-lhe assistência e poder. As vezes eu quase cria que Ele haveria de me guardar e suster. Mas, olhando para trás, ao entardecer – ah! Só havia pecados e derrotas para confessar e chorar diante de Deus.

Não quero dar a impressão de ter sido esta à única experiência daqueles longos e exaustivos meses. Mas foi um estado de alma bastante freqüente que quase terminou em desespero. Entretanto, Cristo nunca me pareceu tão precioso! Um Salvador que podia e queria salvar este pecador! . . . E às vezes havia períodos não só de paz como também de gozo no Senhor. Porém duravam pouco, e ainda assim fazia-se sentir em mim a triste falta de poder. Oh! Como o Senhor foi bom em dar um fim a esse conflito!

E o tempo todo eu tinha certeza de que em Cristo havia tudo de que precisava, mas o que eu me perguntava então era – como obtê-lo? Ele tão rico, e eu tão pobre. Ele tão forte, e eu tão fraco. Bem sabia que havia fatura na raiz e no tronco, mas como faze-la passar para o meu raminho desnutrido, era a questão. Foi vendo como que um raio de luz, e percebi que a fé era o único requisito, a única exigência – o instrumento pelo qual eu poderia me apossar de Sua plenitude, tornando-a minha. Mas eu não tinha esta fé.

Lutei para obter fé, mas não a recebia. Tentei exercita-la, porém em vão. E ao ver mais e mais a maravilhosa abundância da graça que se deposita em Jesus, a plenitude e perfeição de nosso precioso Salvador, a minha culpa e incapacidade parecia aumentar. Os pecados cometidos pareciam-me insignificantes comparados ao pecado da incredulidade que causava aos outros. Que recusava confiar que Deus cumpre a Sua Palavra e fazia-O mentiroso! Eu achava ser a incredulidade o pecado que condena o mundo. E eu o possuía. Orava por mais fé, e não recebia. O que devia fazer?

Quando a agonia de alma que me encontrava chegou ao auge, uma frase de uma carta escrita por meu querido amigo McCarthy, agiu para remover as escamas de meus olhos, e o Espírito de Deus me revelou a verdade de nossa união com Jesus como nunca antes a tinha conhecido. McCarthy, que fora abalado pelo mesmo sentimento de fracasso que eu, enxergara a luz primeira, escreveu assim (cito de memória):

Como fazer para que a fé se fortaleça? Não lutando por ela, mas, sim, descansando sobre Aquele que é fiel.

E lendo, compreendi perfeitamente! Se formos infiéis, Ele permanece fiel. Olhei para Jesus e vi (e quando vi, ah, que gozo senti!) que Ele disse: Nunca o deixarei.”

- Oh! Aí está o descanso! Pensei. Lutei em vão para descansar nEle. Não lutarei mais. Pois Ele não promete ficar comigo – nunca me deixar, nunca me desamparar? E sabe mana, nunca o Senhor lha de me deixar.

Não foi só isto que Ele me mostrou; esta foi uma fração do todo. Enquanto eu pensava na Videira e nas varas, quanta luz o Espírito bendito derramou em minha alma! Como parecia errado eu querer tirar a selva, a plenitude dEle! Vi então que Jesus não só nunca me deixará, mas que eu sou membro do Seu corpo, da Sua carne e de Seus ossos. A videira não é só raiz, mas tudo – raiz, tronco, galhos, raminhos, folhas, flores e frutos. E Jesus não é só isto – Ele é solo e sol, ar e chuva, e dez mil vezes mais do que tudo que já sonhei, desejei ou precisei. Ah! O gozo de ver esta verdade! Oro para que os olhos de seu entendimento possam também ser esclarecidos, para que você conheça e experimente as riquezas a nós concedidas, gratuitamente, em Cristo.

Ah, minha cara irmã, é uma coisa esplêndida ser realmente um com o Salvador ressurreto e exaltado, ser membro de Cristo! Pense no que isto implica. Cristo pode ser rico lê eu pobre? Sua mão direita pode ser rica e a esquerda pobre? Ou sua cabeça bem nutrida enquanto o corpo morre de fome? E mais, pense no que significa para a oração. Será que um funcionário do Banco pode dizer a um cliente: - Foi só a sua mão, não foi o Sr. Que preencheu aquele cheque; ou então: - Não posso pagar essa quantia à sua mão, só ao Sr. Mesmo? Do mesmo modo, nossas orações não podem ser desacreditadas se não são oferecidas em nome de Jesus (i.e., não só por causa de Jesus, por amor de Jesus, mas na base de que nós somos dEle, membros Seus) contanto que fiquemos dentro dos limites de Cristo – o que é um limite razoavelmente amplo! Se pedirmos qualquer coisa contrária às Escrituras, , ou que não esteja de acordo com a vontade de Deus, Cristo mesmo não faria isso. Mas se pedirmos alguma coisa segundo a Sua vontade. . . Obteremos os pedidos que lhe temos feito.

A parte mais doce, se é que podemos dizer que uma parte seja mais doce que a outra, é o descanso que decorre da plena identificação com Cristo. Agora já não estou mais ansioso sobre coisa alguma, quando reconheço isso; pois Ele estou certo, é em tudo capaz de realizar a Sua vontade, e Sua vontade é a minha. Não importa onde Ele me coloque, nem como. Isto é antes para Ele do que para mim considerar; pois no lugar mais fácil Ele tem de dar-me Sua graça e no lugar mais difícil, Sua graça me basta. Para o meu servo, por exemplo, não fará diferença que eu o mande sair para comprar algumas coisas de pouco valor, ou artigos muito caros. Em qualquer caso, ele me procurará para eu lhe dar o dinheiro e para me trazer as compras. Assim, se Deus me coloca em sérias perplexidades, não precisa

me dar muita orientação: Se em posições de grande dificuldade, abundante graça? Em circunstâncias de fortes pressões e provas, grande força? Não há o perigo de que os Seus recursos sejam insuficientes para qualquer emergência! E os Seus recursos são meus, pois Ele é meu, está comigo, habita em mim.

E desde que Cristo tem assim habitado, pela fé, no meu coração, como me sinto feliz! Gostaria de poder falar-lhe, ao invés de estar escrevendo. Não é que eu seja melhor do que fui. Em certo sentido, não desejo ser, nem estou procurando isso. Mas eu estou morto lê sepultado com Cristo – sim, e ressuscitado também! E agora Cristo vive em mim, e esse viver que agora tenho na carne, vive pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo se entregou por mim...

Agora preciso terminar. Não disse a metade do que gostaria, nem disse como gostaria, se tivesse mais tempo. Que Deus lhe dê a apropriação dessas verdades benditas. Não continuemos a dizer, em efeito: Quem subirá ao céu? (isto é, para trazer do alto a Cristo.) Em outras palavras, não consideremos que Ele esteja longe, quando Deus nos fez um com Ele, membros de seu próprio corpo. Nem devemos olhar essa experiência, essas verdades, como sendo para uns poucos. São o direito e patrimônio de todos os filhos de Deus, e ninguém pode prescindir deles sem estar desonrando o seu Senhor. Cristo! “Ele é o único poder para o livramento do pecado ou para o serviço verdadeiro.”

Tudo tão simples e tão prático! – assim provou ser para aquela mãe atarefada quando ela também entrou nesse descanso da fé.

- Mas o Sr. Está sempre consciente de sua permanência em Cristo? Alguém perguntou ao Sr. Taylor anos mais tarde.

- Enquanto eu dormia, na noite passada, respondeu ele, será que deixei de permanecer em meu lar por estar inconsciente do fato? Nunca devemos estar conscientes de não estarmos permanentes em Cristo.

Eu mudo, e Ele não muda;
Cristo não pode morrer;
Repouso na Sua verdade;
Da minha, não vou depender.
E o elo do amor que nos prende
Vem dEle, com graça e poder.

NÃO MAIS CEDE

*E depois? A pergunta não urge,
Porque sei que virão a tristeza e o temor,
Mas então, meu Jesus, com a resposta:
“Filho, deixa o futuro com teu Salvador.”*

Foi uma experiência que resistia às provas, à medida que os meses e os anos se passavam. Nunca mais voltaram os dias de insatisfação; Nunca mais voltaram os dias de insatisfação; nunca mais a alma necessitada viu-se separada da plenitude de Cristo. Vinham as provações, mais profundas e penetrantes do que antes, mas em todas elas jorrava ininterrupto o gozo da presença do próprio Senhor. Hudson Taylor havia descoberto o segredo do repouso da alma. Dessa experiência lhe veio não só uma apreensão mais perfeita do próprio Senhor Jesus e de tudo o que Ele é para nós, como também uma rendição mais completa de si mesmo – sim, uma entrega total do eu a Ele.

“Agora já não estou mais ansioso sobre coisa alguma (escreveu, conforme vimos). . . pois Ele, estou certo, é um tudo capaz de realizar a Sua vontade, e Sua vontade é a minha. Não importa onde Ele me coloque, nem como. Isso é mais para Ele do que para eu considerar; pois no lugar mais fácil Ele tem de dar-me a Sua graça, e no lugar mais difícil, a Sua graça me basta. Para o meu servo, por exemplo, não fará diferença se eu o mandar sair para comprar algumas coisas de pequeno valor, ou os artigos mais caros. Em qualquer caso, ele me procurará para eu dar-lhe o dinheiro e para me trazer as compras. Assim, se Deus me colocar em sérias perplexidades, não precisará dar-me muita direção? Se em posições de grande dificuldade, abundante graça? Em circunstâncias de fortes pressões e provas, grande força? Não há o perigo de que os Seus recursos sejam insuficientes para qualquer emergência! E os Seus recursos são os meus, pois Ele é meu, está comigo, e habita em mim.”

Já há tempo ele conhecia o que era entregar-se a Cristo, mas isso significava mais. Era uma nova submissão, uma entrega total de si mesmo e de tudo o que possuía com alegria e sem reservas. Não era mais uma questão de dar isto ou aquilo se o Senhor o exigisse. Era aceitar leal e amorosamente toda a Sua vontade, nas pequenas e nas grandes coisas, e compreender que essa era a melhor vida, o melhor que possa existir para o Seus amados. E com isso, as provações daquele verão seguinte tornaram-se em oportunidade para a graça de Deus triunfar, transformando o “vale das

lágrimas” numa “região de fontes” das quais brotaram rios de bênçãos que jorravam ininterruptamente.

Mesmo antes do perigo e turbulência que culminaram no massacre de Tientsin, o casal Taylor viu-se chamado a sofrer uma profunda e triste experiência pessoal. Chegou o dia em que não se podia mais adiar a inevitável separação entre eles e os filhos. Na China não havia educandários nos quais as crianças pudessem prosseguir nos estudos, nem lugares de veraneio como os que foram criados mais tarde para servirem de refúgio do calor durante o verão. O clima e as privações já haviam afetado a saúde das crianças. Um pequeno túmulo já consagrara para os pais o solo da China. Por isso, com gratidão, aceitaram o oferecimento da amiga e secretária, Srta. Emily Blatchley, de levar os três meninos e a única menininha para a Inglaterra, e cuidar deles ali.

Era tão distante, e por tanto tempo! – e havia uma distância muito maior entre o Oriente e o Ocidente naquele tempo! Mas mesmo antes que os garotos pudessem ser acompanhados até o litoral, tiveram de enfrentar uma separação mais longa ainda. O menor dos três meninos, um garotinho bastante amoroso e dependente, com apenas cinco anos de idade, foi o que ficou mais abalado de saúde. Preocupados, os pais percebiam que a idéia de separá-lo deles fazia piorar o seu mal crônico. A bordo do navio que os transportava de Yangchow, pelo canal, velaram uma noite inteira, mas, na madrugada do dia seguinte, o menino caiu em profundo sono, e das águas do Yagtsé passou sem dor nem temor para a terra melhor, a eterna.

Em meio a uma forte tempestade os pais atravessaram o rio – que ali media cerca de três quilômetros de largura – para depositar o seu tesouro no cemitério de Chinkiang, e coloca-los todos no navio francês que sairia ao raiar do dia, o Sr. Taylor escreveu ao Sr. Berger.

“Vi-os, acordados, pela última vez aqui na China. (Ainda ia buscar a Sra. Taylor que estava no navio). Quanto a dois de nossos filhinhos, já não temos mais preocupações. Descansaram no seio de Jesus. E agora, meu querido irmão, embora não consiga reter as lágrimas, agradeço a Deus porque me permitiu, apesar de minhas imperfeições, tomarem parte nessa grande obra, e não me arrependo de a ter empreendido. É nossa, entretanto – não porque estamos empenhados nela, mas porque somos dEle, e somos um com Ele que é o Senhor da obra.”

Era esta a realidade que os sustentava. Não existira ainda um verão mais conturbado na China do que o que agora se iniciava (1870). Mas ainda, assim, em meio a tudo aquilo, com grande e indescritível saudade dos filhos, nunca antes os dois sentiram maior repouso e alegria no Senhor.

“Só podia admirar e maravilhar-me diante da graça que assim susteve e consolou a mãe tão amorosa (escreveu o Sr. Taylor mais tarde ao se recordar). O segredo consistia em que Jesus satisfazia a sede profunda da alma e do coração”.

Naquele verão, a Sra. Taylor estava em sua melhor forma. Estava elevada, por assim dizer, acima das ondas da tempestade de problemas que estrugiam ao derredor. Na Missão, assolava a doença, e antes que pudessem chegar a Chinkiang, após despedirem-se das crianças, chegava a notícia de que a Sra. Judd estava lá, e achava-se às portas da morte. O Sr. Taylor não pôde deixar o barco por causa de outro paciente, mas consentiu em que a Sra. Taylor fosse à frente, com toda a pressa, para prestar auxílio que lhe fosse possível.

Depois de ter permanecido junto ao leito da esposa durante dias e noites seguidas, o Sr. Judd estava quase esgotado. Ouviu um movimento no pátio, embaixo, e percebeu a chegada de uma visita inesperada. Quem seria àquela hora da noite. Além disso, era um carrinho de mão que acabava de chegar. Uma senhora havia viajado um longo dia naquele carrinho sem molas, e sozinha! Logo, ele via o rosto que entre todos, realmente, ele teria preferido ver naquele momento.

“Embora a Sra. Taylor estivesse sofrendo na época (ele recordou) a fadiga com a dura viagem, ela insistia em que eu fosse deitar-me porque ela cuidaria da enfermagem. Nada a convencia do contrário.

- Não, dizia ela. Você já suportou o suficiente ao ficar acordado tantas noites. Vá deitar-se, porque eu vou ficar com sua esposa quer você fique ou não.

Nunca me esquecerei da firmeza e do amor com que isto foi dito – seu rosto brilhava com a terna bondade dAquele em quem ela permanecia, e isto era seu prazer e sua fortaleza.”

Só as orações conseguiram o restabelecimento da paciente, como só as orações providenciaram as soluções a muitas horas angustiosas daquele verão.

“Antes já sabíamos de alguma dificuldade num ou noutro ponto de trabalho (o Sr. Taylor escreveu para os amigos da Missão), mas agora, em todos ao mesmo tempo, ou em quase todos, estendeu-se um alvoroço que atingiu todo o país abalando os próprios fundamentos da sociedade nacional. É impossível descrever o alarme e o pavor do povo quando começou a acreditar que os mágicos chineses punham-lhes feitiço, e sua indignação e fúria quando correu

o boato de que estes inimigos traiçoeiros agiam como agentes dos estrangeiros. É conhecido o caso de Tientsin onde o povo sublevou-se e matou barbaramente as Irmãs de Caridade, os padres e até o Cônsul francês. Que foi, então, que os controlou no interior da China, onde nossos irmãos na fé estavam sozinhos, longe de qualquer proteção humana? Nada, senão a poderosa mão de Deus, respondendo às orações unidas e constantes feitas no nome eficaz de Jesus Cristo. E esse mesmo poder fez com que continuássemos satisfeitos com Jesus – com Sua presença, Seu amor, Sua providência.”

Lê-se, frequentemente, sobre experiências como estas, mas aqueles que já passaram por iguais épocas de perigo podem avaliar a tensão reinante. O calor daquele verão foi excessivo e prolongado, o que contribuía para um maior desassossego entre a população chinesa. Foi necessário levar as mulheres e crianças estrangeiras para o litoral, e por alguns dias parecia que as autoridades chinesas fossem exigir a retirada deles do país. Avolumou-se a correspondência com todas as autoridades, nacionais e estrangeiras, e também foi preciso escrever mais frequentemente aos obreiros que estavam em maior perigo. A casa da Missão em Chinkiang estava superlotada. E devido à comoção geral, não era possível obter mais cômodo em outra localidade qualquer.

“Até parece que os velhos tempos estão de volta (o Sr. Taylor escrevia em junho, referindo-se ao motim de Yangchow), mas com uma diferença: nossas preocupações não se limitam, como daquela vez, a um só local.”

A esta altura, parecia-lhes que seria preciso abandonar todos os pontos de trabalho existentes ao longo do rio. O casal Taylor estava morando em Chinkiang por ser mais central do que Yangchow. Ali, o Sr. Taylor dormia no chão da sala ou do corredor, para que sua esposa pudesse dividir o quarto com outras senhoras.

“É uma dificuldade atrás de outra, em rápida sucessão (continuou ele, depois do massacre de Tientsin), mas Deus reina, não a casualidade. Em Nanquim a agitação é assustadora... Aqui os rumores parecem estar passando, como se deseja, mas em Yangchow estão horríveis... Ore muito por nós. Meu coração está calmo, porém a mente está atribulada pela série de problemas constantes.”

Entretanto, Deus não deixou o casal Taylor, fez sua parte. Durante os dias mais quentes de junho, a Sra. Taylor escrevia para a Srta. Blatchley:

“Temos tido aulas aos domingos e em duas ou três noites por semana, para despertar o interesse dos cristãos chineses, que sabem ler, pelo estudo das Escrituras, e de quem não sabe ler, nesta aprendizagem, e também para dar exemplo aos membros mais novos da Missão para que compreendam bem que não nos falta trabalho. Pode ser para eles uma prova prática da importância que damos a que os cristãos e outros ao nosso redor aprendam a ler e a compreender por si mesmos a Palavra de Deus.”

O prazer que o Sr. Taylor passou a sentir na sua experiência espiritual parece ter se aprofundado, e não se enfraquecido, com as exigências das circunstâncias. Seu registro de cartas revela não tanto a pressão das dificuldades e problemas como a abundância de bênçãos que o sustentou através de todas as adversidades. Escreveu para a Srta. Desgraz, por exemplo, em meados de junho, depois de responder cuidadosamente à sua carta sobre os assuntos de Yangchow:

“E agora tenho a passagem exata para você, e Deus abençoou-a tanto para meu próprio espírito! João 7: 37-39 – “Se alguém tem sede, venha a mim e beba.” Quem é que não tem sede? Quem não tem sede intelectual, sede afetiva, sede espiritual ou sede física? Seja qual for, ou se tivermos todas – ‘Venha a Mim e’ continue com sede? Ah, não! ‘Venha a Mim e beba.’”

Pois quê? Jesus pode satisfazer o meu anseio? Sim, e faz mais do que apenas satisfazer. Por mais complexo que seja o meu caminho, por mais difícil que seja o meu serviço; por mais triste que eu esteja com a perda do ente querido, por mais longe que se achem meus filhinhos e família amada; por mais incapaz que eu seja de agir sozinho, por profundos que sejam meus anelos de alma – tudo, tudo Jesus pode resolver. Ele não me promete apenas o descanso – e como seria bom, mesmo se fosse só isso, tudo o que se contém nessa palavra! Ele não promete apenas a água para saciar a sede. Não, é melhor ainda! “Quem crer em Mim nesse assunto (quem crê em Minha pessoa, que confia no que Eu digo) do seu interior fluirá”... ’

Será verdade? Será que aquele que sente sede e sequidão poderá ser não somente saciado – o solo árido umedecido, os lugares desertos amenizados – mas também ser a terra saturada de tal modo que brotem fontes e jorrem torrentes de águas vivas? Pois é assim! E não serão somente torrentes serranas pluviais que secam, e se esgotam logo ao cessar das chuvas. Não... do seu interior fluirão rios – rios como o poderoso, e caudaloso Yangtsé, sempre profundos, e transbordantes. Nas estações de estio os ribeirões podem falhar, e muitas vezes falham mesmo, os canais podem ser aproveitados até a

ultima gota, se as bombas de irrigação os esvaziar mais o Yangtsé, nunca. Sempre será um grande rio, sempre correrá fundo e irresistível.

“Venha a Mim e beba (escreveu ele em outra carta do mesmo mês). Não é venha a Mim, e tome um pouquinho de água apressadamente. Não é venha e alivie a sede em parte, ou mate a sede temporariamente. Não! É beba ou esteja bebendo constante e habitualmente. Pode ser irremediável a causa de sua sede. Vir só uma vez, e beber só luma vez podem aliviar e consolar: mas a ordem é para virmos sempre, bebermos sempre. E não há o perigo de esvaziar-se a fonte ou de secar-se o rio.”

Quando escreveu estas linhas pouco ele sabia sobre quanto o consolo de Cristo lhe seria necessário naquele verão. Mas aquele Senhor em quem confiava de maneira nova e mais profunda não falharia às suas esperanças.

Seis semanas mais tarde, a alegria e a tristeza misturaram-se no lar missionário de Chinkiang. O filhinho dado ao casal Taylor encheu-lhes os corações de contentamento. Mas um ataque de cólera prostrou a mãe, e a falta do leite materno abalou a criança. Quando conseguiram encontrar uma ama de leite chinesa, já era tarde demais para salvar o pequeno, que com apenas uma semana de vida aqui na terra, foi para o lar eterno, para onde logo sua mãe iria acompanhá-lo.

“Embora esteja sobremodo enfraquecido no corpo (o Sr. Taylor escreveu), a profunda paz de alma, o reconhecimento da presença do Senhor, e o prazer na Sua vontade santa que lhe dominavam o ser, e que me foi permitido compartilhar, não encontro palavras para descrever.”

Ela mesma escolhera os hinos a serem cantados no seu sepultamento, um dos quais, “Ó Salvador amigo invisível”, parecia ficar-lhe na memória.

Sempre provados, com fé e esperança.
Não podem mais, e não sofrem mudança,
Calmos, contentes, em tal segurança.
Estão os que crêem em Ti.
Não têm temor de Satã nem da morte,
Sabem que Tu tens na mão sua sorte.
À terra santa os conduz seu Deus forte –
Quando confiam em Ti.

Embora a Sra. Taylor se achasse débil e fraca, não lhes ocorrera o pensamento de que seus dias na terra já estivessem contados. O amor que os unia era tão grande que impedia a idéia de separação. E ela tinha só trinta

e três anos de idade. Não sentia dor, nem mesmo no fim, somente um estado mórbido de fraqueza e fadiga cada vez maiores. Dois dias antes de sua morte, chegou uma carta da Sra. Berger, contando que a Srta. Blatchley havia chegado bem a Saint Hill com as crianças maiores. Cada pormenor da recepção e dos arranjos feitos para o conforto deles lá enchia de prazer o coração da mãe. Ela se sentia extremamente agradecida, e parecia não querer outra coisa senão louvar a Deus pela Sua bondade. Muitas vezes as cartas da Sra. Berger chegaram ao destino na hora precisa, e muitas vezes o coração afável daquela amiga antecipara as circunstâncias nas quais a carta chegaria, mas nunca melhor do que nesta ocasião.

“E agora, adeus, amiga preciosa” escreveu ela. “O Senhor lance em torno de você os Seus braços eternos.” Foi nestes braços que ela descansou.

“Nunca assisti a uma cena como esta (escreveu alguém que esteve presente). Enquanto a querida Sra. Taylor expirava, o Sr. Taylor ajoelhou-se a seu lado e encomendou-a ao Senhor, dando-lhe graças por Ele a ter dado, e pelos doze anos e meio de felicidade perfeita entre eles, agradecendo também por que a levava à Sua presença, e novamente se dedicava solenemente ao Seu serviço.”

Ergue-se o sol sobre a cidade, as colinas e os rios. O burburinho do movimento penetrava ali, partindo das muitas casas e ruas ao redor. Mas num quarto de cima de uma casa chinesa, de onde se avistava o azul tranqüilo do céu, havia o silêncio e o respeito de uma paz maravilhosa.

* * * * *

“Nunca terá sede – será que isso ainda era possível, será que era verdade agora? Saber ao certo que nunca quer dizer mesmo em hora nenhuma, que terá é possuir num futuro sempre presente, e que sede é qualquer necessidade não suprida, dizia o Sr. Taylor muitas vezes, anos mais tarde – pode ser uma das maiores revelações que Deus já fez aos nossos corações em toda.”

Foi nesses dias de completa desolação que a promessa tornou-se tão real ao seu coração dilacerado.

À sua mãe, escreveu em agosto:

“Do âmago de minha alma eu me deleito no reconhecimento de que Deus faz tudo ou tudo permite, e que opera para todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que o amam”.

Ele sabia só Ele sabia o que minha querida esposa era para mim. Ele conhecia como estava nela a luz de meus olhos e a alegria de

meu coração. No último dia de sua vida – nós não fazíamos nenhuma idéia de que seria o último – nosso coração regozijaram-se mutuamente com aquela história que nunca é velha, a história do amor que tínhamos um pelo outro... e quase a última coisa que ela fez, foi com um braço em volta de meu pescoço, colocar a mão sobre minha cabeça, creio que pedindo uma bênção sobre mim, pois já não podia falar com os lábios. Porém Deus achou por bem leva-la – foi bom, realmente, para ela, e por amor divino, levou-a sem dor – então para mim também deve ser bom, da mesma forma. Agora preciso labutar e sofrer sozinho, contudo não sozinho, porque Deus está mais perto de mim do que nunca.”

E escreveu ao Sr. Berger:

“Quando penso em minha perda, meu coração que está quase a partir, ergue-se em gratidão para com Aquele que lhe poupou tanta tristeza e a fez tão imensamente feliz. Minhas lágrimas são mais lágrimas de alegria do que de dor. Porém mais do que tudo eu me alegro em Deus através de nosso Senhor Jesus Cristo – em Suas obras, em Suas operações, Sua providência, Sua pessoa. Ele está me fazendo provar (conhecer através da experiência) qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Eu me regozijo nessa vontade. É aceitável para mim. É perfeita. É o amor agindo. E em breve, dentro daquela doce vontade, estaremos novamente unidos para nunca mais sofrermos separação. Pai, a Minha vontade é que onde Eu estou, estejam também comigo os que Me deste, disse Jesus.”

Entretanto, houve uma forte dose de reação, especialmente quando ficou doente, com longas noites em que não conseguia dormir.

“Como eram solitárias (o Sr. Taylor recordou depois) as horas exaustivas em que eu tinha que ficar no quarto”! Quanta falta senti de minha querida esposa, e das vozes das crianças tão distantes na Inglaterra. Era então que eu compreendia por que o Senhor tinha tornado tão real para mim aquela passagem Quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre. Vinte vezes por dia, podia ser, quando eu sentia voltar a sede de alma, eu lhe clamava:

- Senhor, prometeu! Tu me prometeste que nunca mais eu teria sede.

E quer fosse chamado de dia, quer de noite, imediatamente Ele vinha e satisfazia o meu coração cheio de tristeza. Era tanta que muitas vezes, perguntava a mim mesmo se seria possível minha

amada, que Ele levou, estar gozando mais de Sua presença do que eu na solidão do meu quarto. Ele cumpriu a promessa desta oração:

Senhor Jesus, vem ser a mim
Realidade viva, sim!
Mais claro ao meu olhar da fé
Do que esta mão ou este pé
E mais querido ao coração
Que toda humana comunhão!”

Dentre as cartas dessa época estas são mais preciosas ou esclarecedoras do que aquelas que conseguiu escrever para os filhos de quem tinha tanta saudade.

“Vocês não sabem como seu pai pensa nos seus queridos filhos, e quantas vezes olha suas fotografias até as lágrimas lhe encherem os olhos. Às vezes ele chega quase a temer sentir-se descontente ou infeliz quando se lembra de como vocês estão distantes dele. Mas então o querido Senhor Jesus que nunca o deixa diz assim: “Não tenha medo: Conservarei satisfeito o seu coração,”... E eu lhe agradeço, e estou tão contente por Ele morar em meu coração e guarda-lo direitinho para mim.

Gostaria que vocês, filhos amados, soubessem o que é dar o coração a Jesus para Ele guardar todos os dias. Antes eu costumava tenta guardar meu próprio coração em ordem, mas sempre ele andava errado. Então finalmente eu tive que deixar de tentar sozinho, e aceitar a oferta do Senhor de guardá-lo por mim. Vocês não acham que é op melhor modo? Talvez vocês pensem às vezes: - Vou procurar não ser egoísta, nem mau, nem desobediente. Entretanto, embora vocês tentem de verdade, não conseguem. Mas Jesus diz: - Isto vocês devem confiar a mim. Eu guardaria aquele seu coraçãozinho, se você o confiasse a mim. E Ele guarda mesmo.

Antigamente, eu procurava pensar muito e sempre sobre Jesus, mas, frequentemente eu o esquecia. O melhor modo é esse. “Peçam à nossa amiga, Srta. Blatchley, que lhe explique melhor o assunto, lê que Deus esclareça tudo e os ajude a confiarem assim em Jesus.”

E para a Srta. Blatchley escreveu sobre o mesmo tema, quando estava viajando num desconfortável vapor costeiro:

“Escrevi novamente às queridas crianças”. Desejo tanto que aprendam cedo... as preciosas verdades que a mim vieram tão tarde, a respeito da união com Cristo e Sua morada em nós. Para mim essas

não parecem ser verdades mais difíceis de serem apreendidas que as concernentes à redenção. Ambas precisam do ensino do Espírito Santo, nada mais. Que Deus a ajude a viver Cristo diante desses pequenos, e ministra-lo a eles. Como o Senhor nos tem guiado e ensinado maravilhosamente. Eu não podia acreditar que o repouso e a paz de coração que agora gozo fosse possíveis aqui embaixo! É o céu que começou aqui na terra, não é mesmo?... Comparados a essa união com Cristo, o céu ou a terra são acidentes sem importância.

Oh! Que alegria sentir Jesus viver em mim (escreveu à irmã, Sra. Walker, durante a mesma viagem). Achar meu coração todo envolvido por Ele. Ser lembrado do Seu amor, porque Ele procura comunhão comigo em todos os momentos, não porque eu esteja dolosamente tentando permanecer nEle. Ele é a nossa vida, nossa força, nossa salvação. Ele é nossa sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção. Ele é nosso poder para servir e para dar frutos, e Seu seio é o lugar em que podemos descansar agora e sempre.

Nesse ínterim não diminuam as dificuldades externas. Politicamente a aparência da situação era extremamente ameaçadora. Pior do que em qualquer época desde a chegada do Sr. Taylor à China. As reivindicações que surgiram após o massacre de Tientsin no quais vinte e um estrangeiros, inclusive o Cônsul francês, perderam a vida, ainda estavam sem atendimento. E as autoridades chinesas, sabendo que a Europa estava em guerra, deixaram de tomar as medidas necessárias para conter as agitações contra os estrangeiros. [2] De certo modo, a situação se assemelhava tanto à atual (1932 – ano em que o livro foi escrito), embora em miniatura, que ousamos citar ainda mais uma carta para mostrar o espírito no qual eram enfrentados os perigos de 1870. Pois os princípios continuavam os mesmos, e como Missão, é preciso considerar como eles estavam quando o Sr. Taylor lançou por toda parte seu apelo para encerrarem o ano com um dia de oração e jejum.

2. *“Nunca em minha vida ano algum trouxe acontecimentos como estes, escreveu o Sr. Berger, seja em relação à nossa Missão, seja em relação ao mundo em geral”. Roma é agora, suponho a capital da Itália livre. A França jaz humilhada até o extremo. O poder temporal do Papa já não existe. A China parece estar se insurgindo para expelir os estrangeiros, e entre eles os arautos da Cruz. E nós, pessoalmente, sofremos a perda da mais devota obreira pelos milhões da China, bem como nossa grande e dedicada amiga. “Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus é uma palavra apropriada para o momento”. “Possamos todos possuir a devida graça para atendê-la”.*

“Este ano tem sido notável sob muitos aspectos”. É possível que todos os membros de nossa Missão tenham enfrentado perigos maiores ou menores, perplexidade e tribulação. Mas em tudo o Senhor nos tem livrado. E alguns que têm sorvido mais profundamente do cálice do Homem de Dores podem hoje dizer que foi um ano abençoadíssimo para as suas almas e dão graças por isso. Para mim, pessoalmente, foi o ano mais triste e mais abençoado de minha vida, e não duvido que outros tenham tido, em parte, a mesma experiência. Pusemos a prova à fidelidade de Deus – o Seu poder de sustentar-nos nas provações, dar-nos paciência nas lições, bem como livrar-nos quando em perigos. E se maiores perigos nos aguardam, se tristezas mais profundas nos aguardam... Esperamos que sejam enfrentados com crescente confiança em Deus.

Temos um grande motivo de ação de graças. Sob um aspecto: fomos colocados numa situação tal, que os cristãos chineses observaram que nossa posição, assim como a deles, tem sido e poderá tornar a ser perigosa. Isso os auxiliou a transferir a confiança que depositavam no poder estrangeiro para o próprio Deus, a fim de que Ele os protegesse. Pois (em primeiro lugar) já se sentia que aquele era falível e incerto... e (em segundo lugar) nós fomos mantidos e guardados em calma e gozo cristão dentro de nossas várias funções e responsabilidades. Se tivermos deixado de aproveitar para o bem deles esta oportunidade, ou se temos deixado de descansar, de nossa parte, no poder que Deus tem para nos sustentar e proteger do perigo, conforme Seu melhor propósito confesse isso e todo fracasso consciente, a nosso Deus que fielmente honra sua promessa...

Acho que todos estão contentes por sermos servos de Deus, mandados por Ele aos diversos postos que ocupamos, e de fazermos ali o Seu trabalho. Ele colocou diante de nós as portas abertas pelas quais entramos, e em diversas ocasiões de agitação Ele tem nos preservado. Não viemos para a China porque o trabalho missionário aqui fosse seguro ou fácil, mas porque Deus nos chamou. Não assumimos nossas posições atuais sob uma garantia de proteção humana, porém confiando na promessa de Sua presença. A eventualidade de ser o trabalho fácil ou penoso, de haver aparente segurança ou perigo iminente, de estarmos sob aprovação ou crítica dos homens, de maneira nenhuma afeta a nossa obrigação. Se surgirem circunstâncias que impliquem em perigo especial, teremos graça suficiente, quero crer, para manifestar a profundidade e a realidade de nossa confiança nEle. Pela fidelidade ao posto, provaremos que somos seguidores do Bom Pastor que não fugiu da própria morte... Mas se quisermos manifestar um espírito assim naquelas circunstâncias, precisamos pedir a graça necessária

agora. Quando “estivermos na presença do inimigo, será tarde demais para procurar as armas e começar os treinos.”

Quanto aos suprimentos materiais, o Sr. Taylor prosseguiu:

“Não preciso lembrar-lhes do liberal auxílio enviado diretamente”. Pelo Senhor, exatamente na hora de maior necessidade, através de certos contribuintes, nem do fato abençoado de que Ele permanece fiel e não se pode negar a Si mesmo. Se estamos realmente confiando nEle e esperando dEle, não podemos ser envergonhados. Se não estamos, quanto mais cedo descobriremos a falta de firmeza de outro fundamento qualquer, tanto melhor. Os recursos da Missão, ou os contribuintes, são um péssimo substituto para o Deus vivo.”

“Dias de tristeza e noites de pesar”, entretanto, chegaram-lhe através de um esgotamento físico, em princípio de 1871. O Sr. Taylor descobriu que o mau funcionamento do fígado fazia com que perdesse o sono e causava-lhe uma dolorosa depressão de espírito. Isso se complicava com um mal do tórax que não só resultava em dor, como também em dificuldade para respirar. E ainda, o tempo não amainava o sofrimento que sentia pela sua perda. Foi sob essa circunstância que ele descobriu um novo poder e beleza na promessa já tão viva em sua experiência: “Quem bebe da água que Eu lhe der” – a sugestão de um hábito contínuo, indicado pelo verbo grego no presente, inundou de novo sentido a passagem e veio ao encontro de seu anseio já de longa duração.

“Não alteremos as palavras do Salvador (muitas vezes ele dizia em anos futuros). Não é Quem já bebeu e sim, Quem bebe. Não é de um gole isolado que ele fala, nem mesmo de muitos goles seguidos, mas do hábito contínuo da alma. Em João 6:35, também, o sentido todo é este: “Aquele que vem sempre, habitualmente, a Mim, de modo nenhum sentirá fome, e o que está crendo em Mim de modo nenhum sentirá sede. O hábito de vir pela fé a Ele é incompatível com a fome e a sede insaciadas...”

Parece-me que muitos de nós erramos em deixar nosso ato de beber no passado, enquanto nossa sede continua no recente. “O que precisa é estar bebendo – sim, agradecendo cada ocasião que nos force a sorver ainda mais profundamente a água viva.”

TRANSBORDANDO

*Em Tua mão forte eu repouso,
Assim Teu trabalho se faz.
Pois quem poderá operar maravilhas
Senão o Senhor Eficaz?
(Antologia)*

Trinta anos de vida ativa como Diretor da Missão do Interior da China ainda restavam ao Sr. Taylor. E mais de trinta anos se passaram desde que ele deixou aquelas responsabilidades. Sessenta anos, a extensão média de duas gerações, deram tempo para provar a árvore pelo seu fruto – provar, em outras palavras, qual tem sido o resultado da fé e da alegria em Deus no qual sua vida estava enraizada. Se as experiências que tivemos foram emocionais e irreais, se o espiritual não é também prático, se Deus não é suficiente para as necessidades de Seu próprio trabalho, à parte das garantias financeiras ou proteção humana, então a dura prova do tempo terá feito desaparecer as ilusões. Mas se Hudson Taylor, com as suas limitações, realmente descobriu o segredo do poder e bênçãos existentes na união viva com o Senhor Jesus Cristo, então permanecem os resultados – e hão de permanecer para a eternidade.

Tudo é possível a Deus que nos cria,
A Cristo, no homem, de Deus o poder,
E a mim, quando sou renovado no todo
Em Cristo, formado num novo viver,
Liberto do reino do mal e do pecado –
Tudo é possível a mim, nesse estado.

Nos dias de provação em 1870, Hudson Taylor ainda era jovem, com seus trinta e poucos anos, e a Missão só tinha três membros. Pontos de trabalho tinham sido organizados em três províncias e os convertidos reunidos formavam dez ou doze igrejinhas. Ainda era o tempo dos pequenos feitos. Entretanto, a responsabilidade era dura quando pesava sobre um homem apenas e já cansado com cinco destes anos na China.

Antes do final de 1871 ficou claro que o casal Berger, que havia tão generosamente cuidado da coordenação da Missão na fonte, não podia mais continuar com as árduas tarefas. A falta de saúde exigia que passassem o inverno num clima mais ameno. Venderiam Saint Hill; e toda correspondência, registros financeiros, trabalho editorial, teria que passar a outras mãos. Os elos da amizade leal permaneciam. Mas o Sr. Taylor estava quase desolado ao assumir toda aquela responsabilidade, que exigia sua permanência na Inglaterra por algum tempo.

Havia uma diferença enorme entre Saint Hill e a Estrada Pyrland, uma ruazinha suburbana no norte de Londres. E o contraste entre a biblioteca do Sr. Berger e a salinha dos unidos que tinha de servir como escritório não era menor. Mas assim mesmo, como se tornou querida e sagrada ao coração de muitas pessoas toda a lembrança dessa casa “número seis” e das casas adjacentes adquiridas conforme as necessidades iam surgindo! Por mais de vinte anos o trabalho da Missão partia daquele centro, a poucos passos da sede atual. A reunião de oração semanal era feita nos cômodos térreos, dois dos quais podiam ser unidos, e muitos grupos consagrados de homens e mulheres, inclusive “Os Setenta” e “Os Cem” partiram por essas portas. Mas estamos nos adiantando muito daqueles começos modestos de 1872, quando o próprio Sr. Taylor era o único executivo da Missão, bem como Diretor do trabalho na China.

“Meu caminho não é nada fácil (escreveu no princípio do ano). Nunca estive mais feliz em Jesus e estou certo de que Ele não nos falhará. Mas nunca, desde a fundação desta Missão, estivemos mais dependentes de Deus. Sem dúvida, é bom que assim seja. As dificuldades oferecem uma plataforma sobre a qual Ele se pode revelar. Sem eles, nunca nos seria possível saber como é terno, fiel e onipotente o nosso Deus... A mudança do Sr., e da Sra. Berger foi uma provação muito grande para mim. Amo-os tanto! E parece outro elo cortado com o passado, do qual fazia parte minha preciosa esposa falecida, que nunca está ausente de meus pensamentos. Mas a palavra divina é: Eis que faço novas todas às coisas.”

Ansioso por fazer avançar a grande obra à qual a Missão se destinava, deve ter-lhe parecido penoso limitá-las semanas se passavam. Não que estivesse impaciente para prosseguir para outros arranjos, por não ter indicação do que o Senhor tinha em vista fazer. Mas quando as orações pelos obreiros certos não pareciam trazer respostas, e as tarefas a serem feitas pareciam impedi-lo de fazer aquilo que era tentado a achar mais importante, seria fácil impacientar-se ou mesmo desanimar. Tentou compartilhar algumas das lições que estava aprendendo com alguém que passava por uma experiência semelhante:

“É um grande consolo saber que Deus me chamou o meu trabalho, colocando-me onde estou e como estou”. Não procurei esta posição e não tenho coragem de abandoná-la. Ele sabe por que me pôs aqui – se é para realizar, para aprender ou para sofrer. Aquele que crer não se apressará. Essa não é uma lição fácil para você e para mim. Mas eu acho sinceramente que dez anos seriam bem aproveitados, se aprendêssemos perfeitamente nesse tempo... Moisés

parece ter sido colocado à parte durante quarenta anos para aprendê-la... “Nesse ínterim, tenhamos cuidado tanto com a pressa da carne impaciente e impetuosa como com o desaponto e a canseira física.”

Essa vida limitada, entretanto, por causa de sua verdadeira comunhão com o Senhor Jesus Cristo, produziu frutos, e é bastante interessante notar a reação dos moços, especialmente sua influência. No mundo agitado de Londres, um jovem deu o coração ao Senhor e desejava informar-se das oportunidades de consagrar a vida ao trabalho na China. Dirigindo-se à Estrada Pyrland, achou-se na sala modestamente mobiliada onde as pessoas estavam se reunindo para a reunião de oração.

“Um grande texto (ele recordava) ficava de frente à porta de entrada: Meu Deus suprirá todas as vossas necessidades”. Como eu não estava acostumado a ver textos dependurados na parede daquela maneira, esse me impressionou deveras. Um doze a vinte pessoas estavam presentes...

O Sr. Taylor iniciou a reunião. Anunciou um hino, e sentando-se ao harmônio, dirigiu o cântico do mesmo. Sua aparência não me causou forte impressão. Era um homem franzino e falava em voz baixa. Como a maioria dos moços, com certeza eu associava o poder ao barulho, e procurava a presença física que distinguisse o líder. Mas quando esse homem disse: - Oremos, e começou a dirigir os presentes em oração, minhas idéias mudaram. Nunca eu tinha ouvido alguém orar assim. Havia uma simplicidade, uma ternura, uma ousadia, um poder que me silenciou e me subjugou, pois se tornava claro o fato de que Deus o havia admitido no círculo íntimo de Suas amizades. Esse tipo de oração era evidentemente o resultado de horas gastas no lugar secreto, e vinha como orvalho do Senhor.

Depois disso ouvi muitos homens orarem em público, mas as orações do Sr. Taylor e as orações do Sr. Spurgeon destacavam-se das demais. Quem as ouviu e as pode esquecer? Valia a experiência de uma vida ouvir o Sr. Spurgeon orar, como se estivesse levando as seis mil pessoas daquela congregação pela mão para entrar com elas no lugar santo. E ouvir o Sr. Taylor rogar pela China era conhecer um pouco do que significa a súplica fervorosa do justo. Aquela reunião durou das quatro às seis horas da tarde, mas pareceu ser uma das mais curtas reuniões de oração de todas as que tenho assistido.”

Do Oeste da Inglaterra, uma moça de cultura e requinte veio de Londres para assistir à Convenção Mildmay, e hospedou-se na casa da

Estrada Pyrland. Ouviu o Sr. Taylor fazer a conferência de abertura, quando duas a três mil pessoas enchiam o grande recinto da Convenção Mildmay, e viu como ele influenciava os líderes cristãos presentes. Mas foi na vida diária da casa da Missão que ele mais a impressionou – assumindo as responsabilidades e enfrentando as provações da fé com alegria diária no Senhor.

“Lembro-me da exortação do Sr. Taylor (a Srta. Saltau escreveu, anos mais tarde) a não falarmos de nossas necessidades a ninguém ao nosso redor, mas revelar só a Deus o que precisamos”. Um dia, quando a refeição matinal foi exígua, e não havia quase nada para o almoço, me senti enlevada ao ouvi-lo cantar o hino das crianças:

Seis que Jesus me quer bem,
Pois a Bíblia assim o diz.

E então reuniu-nos a todos para louvar o Senhor por Seu amor imutável, para contar-lhe nossas necessidades e lembrar-lhes o cumprimento de Suas promessas. “E antes do final do dia estávamos alegres pelas Suas respostas dadivosas.”

Longe de desanimar com a falta de recursos que houve depois que o Sr. Berger se aposentou, o Sr. Taylor olhava adiante mais definitivamente do que nunca, visando o progresso. Um dia está de pé diante do grande mapa da China, e voltando-se para alguns amigos que estavam com ele, disse:

- Vocês têm fé para insistirmos com Deus para que nos envie dezoito homens para irem de dois em dois às nove províncias ainda não evangelizadas?

A Srta. Saltau era do grupo e ainda se lembra de como deram as mãos ali diante do mapa, prometendo solenemente que haveriam de orar diariamente pelos dezoito evangelistas, até que fossem dados. Não havia dúvida quanto à fé. Mas ninguém ainda sonhava com a expansão que a obra haveria de ter, na parte importante que a própria Srta. Saltau teria no desenvolvimento da Missão, ou no serviço singular que iria ser prestado por F. W. Baller, o moço inteligente acima mencionado - ambos atraídos à obra, nessa época, pela superabundância inconsciente do espírito do Sr. Taylor.

Portanto, esse tempo de espera foi proveitoso e quando o Sr. Taylor pôde voltar à China, deixou em Londres um Conselho formado de amigos provados, além da Srta. Biatchley, encarregada da casa e das crianças na Estrada Pyrland. O saldo que transferia aos secretários honorários não era grande. Vinte e uma libras era o único dinheiro em mãos. Mas não havia dívidas, e o Sr. Taylor escreveu o seguinte aos amigos da Missão, com toda a confiança:

“Agora que o trabalho tem crescido, lha necessidade de maior número de auxiliares na sede, bem como no estrangeiro; mas os princípios de ação permanecerão os mesmos. Procuraremos o auxílio financeiro através da oração, como fizemos até agora. Deus age no coração daqueles que acha por bem usar como instrumentos Seus. Quando houver dinheiro em mãos será enviado alguém para a China; quando não, prestado, para não contrairmos dívidas. Se nossa fé for provada como já o foi antes, o Senhor se mostrará fiel como sempre se tem mostrado. Mesmo que nos falte a fé, Sua fidelidade não há de faltar, pois está escrito: Se somos infiéis, Ele permanece fiel.”

Nunca essa confiança foi mais necessária do que quando o chefe da Missão, após uma ausência de quinze meses, encontrou-se novamente na China. Devido às doenças e outros empecilhos, o trabalho apresentava-se desalentador em vários dos antigos centros. As igrejinhas não eram o que tinham sido; havia insuficiência de obreiros nos pontos de trabalho, alguns até fechados, e o Sr. Taylor achou difícil saber onde deveria começar para dar o auxílio e encorajamento necessários. Não podia planejar o avanço às províncias ainda não alcançadas, pois já era difícil melhorar a obra existente. Foi excelente ter consigo para seu bem a companheira dedicada que Deus dera para sua vida. A Srta. Faulding, a apreciadíssima dirigente do trabalho em Hangchow, tornou-se sua segunda esposa, e, começando o ministério de apoio, ficou ao seu lado durante trinta e três anos e se tornaram admirada e querida por todos os cooperadores da Missão. Entretanto, muitas vezes não estavam juntos. Nos dias de inverno, quando espessa neve cobria a terra, o Sr. Taylor gostava de poupar-lhe as viagens que ele mesmo tinha de fazer, muitas vezes com grande sacrifício.

“Convidei os membros e interessados da igreja para jantarem comigo amanhã (ele escreveu quando estava em um lugar onde o trabalho fora fechado). Quero que todos se reúnam. Que o Senhor nos conceda Sua bênção. Embora as coisas estejam bastante desalentadoras, ainda há esperança, logo hão de melhorar com a bênção de Deus, se forem cuidadas.”

Bastante característica da natureza prática da fé do Sr. Taylor era aquela frase: “as coisas logo hão de melhorar, com a bênção de Deus, se forem cuidadas.” Ele próprio se encarregava dos lugares mais difíceis, e dependendo do poder vivificante do Espírito, prosseguia com oração e paciência, endireitando as situações difíceis e infundindo novo zelo aos convertidos bem como aos missionários. A Sra. Taylor foi trabalhar com ele no vale do Yangtsé, e passaram três meses em Nanquim, dando muito tempo ao evangelismo direto.

“Todas as noites reunimos grande número de pessoas por intermédio de gravuras, e projeção de quadros (escreveu de Nanquim) e lhes pregamos Jesus... Tivemos pelo menos quinhentas na capela, ontem à noite. Algumas não se demoraram muito. Outras ficaram três horas. Que o Senhor possa abençoar nossa permanência aqui e estas almas... Todas as tardes as mulheres vêm ver e ouvir.”

Podemos julgar alguma coisa do poder interior que sustinha esta obra, através de uma pergunta feita numa carta dirigida à Srta. Blatchley:

“Se estamos bebendo à Fonte (o Sr. Hudson escreveu) com o que transbordará a nossa vida? – Jesus, Jesus, Jesus!”

Levava um cálice sempre cheio, nesse sentido, e o que transbordava era justamente o que fazia a diferença. Por isso suas visitas surtiam efeito, e continuou a fazê-las até ter estado em todos os pontos do campo pelo menos uma vez, e também em quase todos os lugares mais longínquos onde a Missão procurava criar pontos de avanço. Ainda não contente com isso, procurava os líderes chineses de cada lugar. E os evangelistas, os colportores, professores e senhoras evangelistas. [1] todos, quase sem exceção, recebiam sua assistência pessoal. Quando o casal podia estar junto, o auxílio da Sra. Taylor era inestimável, e costumavam trabalhar até tarde da noite com a correspondência. Nas viagens médicas ela muitas vezes o acompanhava; ou às vezes ficava num local onde havia doenças, enquanto ele seguia para outro. Aonde ia ficavam contentes com os conhecimentos médicos dele naqueles tempos, pois não havia outro médico na Missão, nem em parte alguma, fora dos portos onde o antigo tratado havia permitido congregação dos estrangeiros. Nem é preciso dizer que isso aumentou o serviço para o Sr. Taylor – como quando chegou a um ponto de trabalho distante e encontrou à sua espera, noventa e oito cartas, e ainda achou tempo no dia seguinte para escrever uma página de instruções médicas sobre “o nenê de A-liang”, sendo esse um auxiliar de valor em Chinkiang. Mas quer fosse com cartas mais longas ou viagens extras, ele se sentia agradecido por todo e qualquer modo que pudesse prestar auxílio. Ser “o servo de todos” era o privilégio que ele buscava em primeiro lugar.

1. “Bible women” – na China as igrejas evangélicas costumavam usar uma ordem leiga (diaconisas – evangelistas) de senhoras treinadas que visitavam e evangelizavam, preparando as pessoas para entrarem para a igreja.

“O Senhor nos está fazendo prosperar (pôde escrever após cerca de nove meses) e a obra está crescendo sempre, especialmente na parte mais importante, no auxílio prestado pelos próprios chineses”. Por sua vez, esses ajudantes precisam de muito auxílio, de consideração e instrução. Mas estão se tornando mais eficientes e mais numerosos, e a esperança da China sem dúvida está neles. “Vejo os missionários estrangeiros como o andaime de um edifício em obras; quanto mais cedo puder ser tirado, ou quanto mais cedo puder ser transferido para servir à mesma finalidade temporária em outra parte, melhor.”

Quanta oração e visão acompanhavam esses incessantes esforços! Teria sido fácil perder o sentido da urgência do trabalho que ainda havia para fazer mais no interior, diante da pressão das necessidades imediatas, especialmente quando os recursos para o trabalho existente já não eram tão abundantes. Mas com o Sr. Taylor dava-se o contrário. Viajando de um lugar para o outro, durante estas longas jornadas, passando por terras populosas, fervilhando de almas dessa gente acessível e bem humorada, seu coração se extravasava para com os não evangelizados, tanto próximos como distantes.

“Na semana passada estive em Taiping, (escreveu ao Conselho em Londres). Meu coração se emocionou diante das multidões que num dia de feira literalmente enchiam as ruas, em uma extensão de três a quatro quilômetros, de modo a quase não podermos caminhar. Pregamos pouco, pois estávamos à procura de um lugar para trabalho permanente, mas senti-me constrangido a sair para o muro da cidade e clamar a Deus para que tivesse misericórdia daquele povo, abrisse seu coração e nos concedesse uma entrada em seu meio.

Sem qualquer esforço de nossa parte, fomos levados a contatos com pelo menos quatro almas aflitas. Um velho descobriu-nos, não sei como, e seguiu-me até o nosso barco. Convidei-o para entrar e perguntei-lhe o nome.

- Meu nome é Dzing, ele replicou. Mas a pergunta que me aflige, e à qual não consigo achar resposta, é esta: O que devo fazer com meus pecados? Nossos sábios dizem que não existe um estado futuro, mas acho difícil crer nisso... Ó senhor, deito-me à noite e fico pensando. Sento-me sozinho de dia e fico pensando. Penso, penso, mas não sei o que será feito de meus pecados. Tenho sessenta e dois anos. Não vou completar outra década. “Não se sabe hoje o que o amanhã trará”, como diz o ditado. Pode-me dizer o senhor o que devo fazer com meus pecados?

- Posso, sim senhor, respondi. Foi para responder a esta pergunta que nós viemos de tão longe. Escute, explicarei o que você quer e precisa saber.

Quando meus companheiros voltaram, ele ouviu novamente a maravilhosa história da Cruz, e saiu confortado e consolado... Contente por saber que tínhamos alugado uma casa e esperávamos ter colportores cristãos que morassem na cidade.”

Um trabalho igual a esse precisava ser feito em mais de cinquenta cidades naquela única província de Chekiang, todas elas cidades sem qualquer testemunho de Cristo. E o que dizer dos milhões esperando além! Sozinho ali no seu barco, o Sr. Taylor só podia lançar o fardo sobre o Senhor. A sua fé foi fortalecida e, numa de suas Bíblias lê-se a anotação que fez no dia seguinte, 27 de janeiro de 1874:

“Pedi a Deus cinquenta ou cem novos evangelistas chineses, e tantos missionários quantos fossem necessários para abrir os quatro Fus e as quarenta e oito cidades, como Hsiem, na província de Chekiang, que ainda não foram ocupadas; e também homens para penetrar nas nove províncias sem obra missionária. Pedi em nome de Jesus.

Agradeço-Te, Senhor Jesus, a promessa na qual me fizeste descansar. Dá-”me a força física necessária, a sabedoria no pensar, a graça na alma para fazer este Teu trabalho tão imenso.”

Contudo, por estranho que pareça, o que veio a seguir não foram maiores forças mas sim uma grave enfermidade. Durante semanas seguidas ele sofreu irremediavelmente sustentado somente pela fé na visão celestial. Fazia meses que os recursos andavam tão escassos que ele achava difícil saber distribuir o pouco que entrava, e nada havia para qualquer ampliação da obra. Mas “vamos adiante para o interior ele havia escrito aos secretários em Londres. Espero tanto ver algumas das províncias desamparadas dentro em breve evangelizadas. Anseio por isto o dia todo e oro por isto à noite. Será que Deus se importa menos do que eu?”

Nunca avançar pareceu mais impossível. Mas na Bíblia à sua frente estava o registro daquela comunicação de sua alma a Deus, e no seu coração vivia a convicção de que mesmo para o interior da China, a hora de Deus estava próxima. E então, deitado ali numa lenta convalescença, recebeu uma carta que levava dois meses para chegar da Inglaterra. Era de um correspondente desconhecido.

“Meu caro senhor (estava escrito em letra um pouco trêmula), bendigo a Deus – dentro de dois meses espero colocar à disposição

de seu Conselho para maior ampliação da obra da Missão do Interior da China a quantia de oitocentas libras [1] Por favor, lembre-se de que é para novas províncias...

Acho lindo o seu formulário de recibos: O Senhor nosso Estandarte, e o Senhor proverá. Se a fé é exercida e o louvor é dado ao alto, estou certo que Jeová dos Exércitos atenderá.”

Oitocentas libras esterlinas para novas províncias! O convalescente mal acreditava no que lia. Era como se os segredos de seu coração lhe fitassem daquela folha de papel da carta do exterior. Antes que a oração fosse registrada em sua Bíblia, aquela carta já estava no correio, e agora, quando era mais necessária, chegou-lhe às mãos e agora, quando era mais necessária, chegou-lhe às mãos com a maravilhosa confirmação. Então a hora de Deus era chegada, com toda a certeza.

O passo seguinte seria deixar o quarto de enfermo e ir para o vale de Yangtsé. E aqueles dias primaveris assistiram a uma reunião digna de nota em Chinkiang. Ali, como na maioria dos pontos de trabalho, nova vida animava as igrejas cristãs. Os convertidos estavam entrando para as igrejas, e os dirigentes nacionais da obra cresciam no zelo e na utilidade. Os missionários mais antigos nutriam esperanças em meio às necessidades de seus grandes campos de trabalho. E os mais moços, que estavam progredindo com o aprendizado da língua, estavam ansiosos por iniciar um trabalho pioneiro. Todos os que puderam deixar seus locais de trabalho congregaram—se para uma semana de oração e conferências com o Sr. Taylor, antes que este e o Sr. Judd partissem subindo o grande rio à procura de uma base de operação para a tão aguardada divisão ocidental da Missão, que seria a resposta de muitas orações.

“Não é mesmo grande bondade de o Senhor encorajar-nos (o Sr. Taylor escreveu)”. De Chinkiang quando estamos atribulados por falta de recursos?”

Pois não era nenhuma abundância de suprimentos que explicava a nova esperança de alegria, conforme podemos constatar na seguinte carta, escrita a um amigo bastante experimentado na vida de fé.

“Nunca nosso trabalho se fez acompanhar de tanta tribulação ou exigiu tanto o exercício da fé. A doença de nossa querida amiga, Srta. Blatchley, e seu forte desejo de me ver, as necessidades de meus

1. Naquele tempo equivaliam a cerca de quatro mil dólares, de ouro.

Amados filhos. O estado das finanças. As mudanças exigidas no trabalho de modo a permitir que alguns voltem à pátria e outros venham, e que haja maior expansão, e ainda muitas outras coisas difíceis de expressar por escrito, certamente seriam cargas esmagadoras se as quiséssemos levar sobre nossos ombros. Mas o Senhor nos sustém, a nós e aos fardos e torna nosso coração tão feliz nele próprio – não nele e em mais um bom saldo no banco – que nunca me senti mais livre de cuidados e ansiedade.

Numa semana destas, quando cheguei a Xangai, estávamos com grandes e urgentes necessidades. Os dois mensageiros tinham chegado, mas nada de dinheiro. E os extratos da conta do banco nada acusavam a nosso favor, lá em nossa terra. Entreguei todo o problema ao Senhor. Na manhã seguinte ao acordar-me, senti-me inclinado a preocupar-me, mas o Senhor deu-me esta palavra: “Vi, com efeito, o sofrimento do Meu povo, e desci para libertá-lo”. “Certamente serei contigo” – e antes das seis horas da manhã, eu estava tão certo de que o auxílio vinha perto, como quando, lá para o meio-dia, recebi uma carta do Sr. Mueller que se atrasou por ter ido primeiro a Ningpo, e que continha mais de trezentas libras.

Minha necessidade agora é grande e premente, mas Deus é maior e está mais perto. E porque Ele existe e é o que é, tudo deve estar, tudo está, e tudo continuará a estar bem. Ah, meu irmão, a alegria de conhecer o Deus vivo, de ver o Deus vivo, de descansar sobre o Deus vivo em nossas circunstâncias especiais! Eu sou apenas Seu agente. Ele zelará pelo Seu próprio nome para que seja honrado, proverá o sustento de Seus servos, e suprirá todas as nossas necessidades conforme as Suas riquezas, enquanto que você também ajuda com suas orações e obra de fé e amor.”

Um bilhete escrito à Sra. Taylor, quase de mesma época (abril de 1874) deixava transpirar a mesma confiança: “O saldo em mãos ontem era de oitenta e sete centavos. O Senhor reina; nisso se acha nosso prazer e descanso!” E para o Sr. Baller ele acrescentou, quando o saldo estava ainda menor: “Temos isto – e todas as promessas de Deus.”

“Vinte e cinco centavos,” lembrou este último, mais todas as promessas de Deus! Ora, o resultado era que eu me sentia tão rico como Crespo, e pronto a cantar:

O estado bendito que é meu eu não troco
Por tudo que a terra contém de melhor,
E enquanto durar minha fé, não cobiço
Nem quero o ouro do vil pecador.”

O hino da Convenção em Chinkiang naquela primavera foi: “De um ou de outro modo meu Deus há de prover.” Foi com esse pensamento que o Sr. Taylor escreveu para a Srta. Blatchley:

“Estou certo de que, se nós apenas esperarmos, o Senhor há de prover”... Logo iremos, isto é, o Sr. Judd e eu, para ver se conseguimos arranjar uma sede em Wuchang, partindo da qual possamos chegar à China ocidental, conforme o Senhor nos tornar possível. Somos impelidos a fazer esse esforço agora, embora com as mãos tão vazias, devido à necessidade das províncias ainda não evangelizadas, e por termos recursos em mãos especialmente para esse trabalho, enquanto nada temos para a obra em geral... Não posso imaginar como seremos ajudados durante o próximo mês, embora creia de coração que virá o auxílio. O Senhor não pode falhar, e não falhará.”

Entretanto, naquele mesmo momento, novas dificuldades e atrasos lhe foram permitidos. A Srta. Blatchley, corajosa e fiel até o fim, teve a saúde abalada sob as muitas responsabilidades. As crianças na casa da Estrada Pyriand já exigiam a atenção do pai, e o trabalho da sede da Missão estava quase parado, porque sendo a Srta. Blatchley pessoa capaz e dedicada, os assuntos tinham vindo cair mais e mais em suas mãos. O casal Taylor só esperou colocar o Sr. Judd em Wuchang, e apressou-se a voltar à Inglaterra. Porém ainda antes de sair da China a amiga tão estimada que esperavam poder ajudar passou à eternidade, deixando todos os fardos desta vida.

Foi uma chegada estranha e triste, algumas semanas depois, quando encontraram o lugar da Srta. Blatchley vazio, as crianças espalhadas, e a reunião semanal de oração suspensa. Mas a maré ainda não havia baixado de todo. Quando subia o rio Yangtsé com o Sr. Judd, o Sr. Taylor caiu, e machucou-se seriamente. Porém a concussão de espinha evoluiu lentamente, e só depois de ter estado em casa algumas semanas foi que a agitação da vida em Londres começou a afeta-lo. Veio então uma gradual paralisia dos membros inferiores, e ficou totalmente preso ao leito. Afastado assim no vigor dos anos, podia apenas ficar ali deitado em seu quarto no andar superior, consciente de tudo o que havia para fazer, de tudo que não estava sendo feito – e ficar deitado ali e regozijar-se em Deus.

Sim, alegrar-se em Deus! Eram tão imensas as aspirações e as esperanças de seu coração como eram as necessidades que via na China. Havia a oração que ele fizera e as respostas que Deus concedera as oportunidades surgindo na China, e nas igrejas da Inglaterra, um abençoado avivamento espiritual. Este ele desejava muito ver aplicado à ação missionária. E com tão pouca esperança, humanamente falando, de voltar a andar de novo, a coisa mais profunda ali era o gozo na vontade de Deus,

como sendo “boa, agradável e perfeita.” O certo é que daquele leito de sofrimento teve origem o maior crescimento da Missão do Interior da China.

Uma cama estreita com quatro colunas era a esfera a qual o Sr. Taylor estava limitado. Mas entre as colunas e o pé da cama – ainda o mapa! Sim, havia ali dependurado o mapa de toda a China, e ao redor desse homem dia e noite a presença à qual ele tinha acesso em nome de Jesus. Muito tempo depois, quando a oração fora completamente atendida e os pioneiros da Missão pregavam Cristo em toda parte, nos rincões daquelas províncias interioranas, um líder da Igreja da Escócia disse ao Sr. Taylor:

- Você deve às vezes sentir-se tentado a orgulhar-se pelo modo maravilhoso como Deus o usou. Duvido que exista hoje algum homem vivo que tenha tido maior honra.

- Pelo contrário, foi a resposta. Muitas vezes penso que Deus devia ter estado procurando alguém suficientemente pequeno e fraco para Ele poder usar, e assim me achou.

As perspectivas não pareciam melhores quando o ano terminou. O Sr. Taylor conseguia movimentar-se cada vez menos, e só podia virar-se na cama com o auxílio de uma corda presa ao teto. A princípio tinha conseguido escrever um pouco, mas agora não podia nem segurar a caneta, e as circunstâncias privaram-no do auxílio da Sra., Taylor por algum tempo. Foi então, no raiar de 1875, que um panfletozinho foi encaminhado à imprensa evangélica, intitulado: *Apelo para Orar: a favor de mais de cento e cinqüenta milhões de chineses*. Em poucas palavras dava os fatos concernentes às nove províncias não evangelizadas e os alvos da Missão. Quatro mil libras, explicava, tinham sido doadas recentemente com finalidade específica de enviar o Evangelho a essas regiões distantes. Os cristãos chineses estavam prontos para tomar parte na obra. A necessidade urgente era de maior número de missionários, de moços que se dispusessem a enfrentar quaisquer dificuldades para abrir caminhos.

“Peço a cada um dos leitores cristãos”, continuava, “que eleve seu coração a Deus neste instante, dedicando “ um minuto a uma prece sincera a Deus para que levante neste ano dezoito homens aptos que se dediquem a esta obra.”

O apelo não disse que o chefe da Missão era um inválido, aparentemente incurável. Não disse que as quatro mil libras foram dadas por ele e sua esposa, parte de seu capital, todo ele consagrado pelo casal para o trabalho de Deus. Não tocou na aliança estabelecida há dois ou três anos atrás, de orarem com fé pelos dezoito evangelistas até que fossem dados, Mas aqueles que leram o folheto sentiam que atrás das palavras havia mais coisas, e foram comovidos de um modo que só acontece quando a situação é radicada profundamente em Deus.

E logo crescia o volume da correspondência dirigida ao Sr. Taylor, assim como crescia o seu imenso prazer em atender às cartas – ou melhor, em ver como Deus as atendia.

“A Missão não tinha auxiliares assalariados (escreveu sobre essa época), mas Deus mandou voluntários, sem arranjo prévio, para que dia após dia houvesse alguém para escrever o que eu ditava. Se alguém que viesse cedo não pudesse ficar até todas as cartas serem respondidas, era certo vir mais alguém, talvez uma ou duas pessoas durante a tarde. Às vezes vinha um jovem amigo que tinha um emprego na cidade, e que fora do horário comercial, registrava o movimento financeiro necessário, ou cuidava das cartas que ainda não estavam escritas. Assim era diariamente. Um dos períodos mais felizes de minha vida foi aquele de inatividade forçada, quando eu nada podia fazer senão regozijar-me no Senhor e esperar com paciência nEle, vendo-O atender a todas as minhas necessidades. Nunca as minhas cartas, nem antes nem depois, foram tão regular e pontualmente respondidas.

E os dezoito que pedi a Deus começaram a aparecer. Houve primeiro alguma correspondência, e então vieram ver-me em meu quarto. Logo eu tinha uma classe estudando chinês ao lado de meu leito. No devido tempo, o Senhor enviou-os todos; e então amigos queridos em Mildmay começaram a orar pela minha recuperação. O Senhor abençoou os meios empregados, e eu fui erguido. Um motivo para eu estar incapacitado havia desaparecido. Se eu estivesse bom e capaz de locomover-me, alguma poderiam ter achado que meus urgentes apelos, e não ações de Deus, é que teriam mandado os dezoito homens à China. Mas completamente invalidado, somente capaz de ditar um apelo para orarem, tornava-se mais evidente ainda a resposta às orações.”

Também foram maravilhosas as respostas às orações feitas pelas finanças, nessa época. Certa vez a remessa mensal a ser enviada por cabograma à China era muito pequena, quase duzentos e trinta e cinco libras a menos do que a despesa média de sempre. O assunto foi levado à presença do Senhor em oração definida, e, na Sua imensa bondade, não tardou em mandar a resposta. Naquela mesma tarde o carteiro entregou uma carta que continha a soma era de duzentos e trinta e cinco libras, sete xelins e nove pence.

Voltando de uma reunião, depois que já se podia movimentar, o Sr. Taylor foi interpelado por um nobre russo de que ouvira falar. Viajaram para Londres juntos, e o Conde Bobrinsky tirou a carteira.

- Permita que eu lhe dê alguma coisinha, disse ele, em favor de seu trabalho na China.

A cédula que passou às mãos do Sr. Taylor era de grande valor, e ele achou que deveria ter havido algum engano.

- Não eram cinco libras que o senhor ia dar-me? Ele perguntou; por favor, deixe-me devolver esta cédula, pois é de cinqüenta!

- Não posso recebê-la de volta, replicou o Conde, tão surpreso quanto o outro. O que quis dar foi cinco libras, mas Deus deve ter intencionado dar-lhe cinqüenta. Não vou pega-la de volta.

Impressionado com o acontecimento, o Sr. Taylor chegou à Estrada Pyrland e encontrou o pessoal da casa reunido em oração especial. Era dia de mandar dinheiro à China, e para completar a quantia certa faltavam quarenta e nove libras e onze xelins. E ali na mesa o Sr. Taylor colocou a nota de cinqüenta libras. Seria possível vir mais diretamente das mãos do Pai celestial?

Porém mesmo com todas as respostas às orações destes anos, o caminho estava ainda bastante fechado para o interior da China. Chegou uma ocasião, depois que os dezoito pioneiros tinham sido enviados, quando parecia que nada poderia evitar a guerra que se deflagraria por ter sido assassinado um oficial britânico. As negociações arrastaram-se durante meses, mas o governo chinês recusava-se a dar qualquer satisfação, e o Embaixador britânico estava a ponto de retirar-se de Pequim. Parecia impossível que as hostilidades não se iniciassem, e houve amigos da Missão que tentaram dissuadir o Sr. Taylor de amigos da Missão que tentaram dissuadir o Sr. Taylor de embarcar para a China com o grupo de oito novos obreiros.

- Todos vocês terão de voltar, disseram. E quanto a mandar pioneiros às províncias mais distantes, está fora de cogitação.

Haveria engano? Os homens e o dinheiro teriam sido dados em vão? O interior da China ainda deveria permanecer fechado ao Evangelho?

No camarote de terceira classe daquele vapor francês havia um homem de joelhos, falando com Deus. Há dois anos ele havia escrito: “Minha alma anseia – Oh, com que intensidade – pela evangelização dos cento e oitenta milhões daquelas províncias não ocupadas. Ah, se eu tivesse cem vidas para dar ou gastar a favor deles!” Tudo que dependia dele ele fez, conservando viva aquela visão através de todo tipo de desalento e dificuldade. E agora?

Mas era chegada a hora de Deus agir, sim. Com Ele, nunca é “tarde demais.” No último instante houve uma transformação no Ministério de Relações Exteriores da China. O vice-rei, Li Hung-chang, correu ao litoral e ali alcançou o Ministro britânico em Chefu; ali foi assinado o memorável convênio, que afinal deu liberdade de acesso a todas as partes da China.

“Justamente quando nossos irmãos estavam prontos”, o Sr. Taylor gostava de recordar, “não muito cedo nem tarde demais, abriu-se por si mesma a porta há tanto tempo fechada”.

SUPERABUNDÂNCIA

*Oh! Cristo é a fonte eterna
De profundo e doce amor,
As águas cá na terra provo,
Beberei no céu melhor.*

(A. B. Cousin)

Os pioneiros da missão viajaram nos dois anos seguintes, quarenta e cinco mil quilômetros. Andaram por todas as províncias do interior da China, levando a toda parte as novas do amor que redime. E isso produziu para o Sr. Taylor uma das maiores provas de fé que ele teve de enfrentar. Pois o país estava maravilhosamente acessível, e era apenas natural que, após anos de lutas na preparação do caminho, os jovens missionários quisessem aproveitar as oportunidades conforme iam surgindo para estabelecerem seus próprios lares, de modo a servirem de base de operações para suas atividades. Isso, naturalmente, significava trazer as companheiras! Diversos desses pioneiros estavam noivos, e aguardavam somente a aprovação do Sr. Taylor para levarem as primeiras mulheres de raça branca àquele interior longínquo. Talvez não pudessem prever, como previa o seu líder, tudo o que isso acarretaria, e que dentro de pouco tempo outras mulheres teriam que fazer aquelas viagens difíceis, para dar prosseguimento ao trabalho iniciado por mães ocupadas naqueles lares remotos.

Muitos anos antes, todavia, o Sr. Taylor já tinha enxergado tudo isso e definido uma política de apoio ao trabalho feminino. O clamor das vozes contrárias foi tremendo, como ele sabia que seria, quando aprovou a ida de casais ao interior mais distante. A obra missionária na China assumia um novo aspecto, exigia novos sacrifícios, e requeria novos testes de fé e resistência.

Gradativamente, porém, desenvolveu-se a situação. Durante um ano ou mais as críticas enfrentadas pelo Sr. Taylor eram principalmente dirigidas contra as longas viagens dos pioneiros. Nessas jornadas nem tudo era fácil. Havia a registrar perigos e desapontamentos bem como estímulos gloriosos. Como nos tempos antigos, fora havia lutas, dentro temores, e o Sr. Taylor, ocupado em Chinkiang com o trabalho administrativo da Missão, alegrava-se por estar perto para guiar e fortalecer.

O segredo de sua própria força não era difícil de se verificar. Todas as vezes que o trabalho permitia, ele usava um pequeno harmônio para se distrair, tocando e cantando muitos hinos favoritos, mas sempre voltando para este:

“Jesus, eu repouso em Ti que és meu gozo, estou a descobrir, Senhor, quão vasto é Teu amor.”

Um dos dezoito evangelistas, o Sr. George Nichol, estava com ele em certa ocasião quando algumas cartas lhe foram entregues em seu escritório, trazendo notícias de graves motins em dois dos pontos de trabalho mais antigos da Missão. Achando que o Sr. Taylor pudesse preferir estar sozinho, o jovem quis retirar-se, quando, para surpresa sua, alguém começou a assobiar baixinho. Era o coro daquele hino apreciado:

“Jesus, eu repouso em Ti que és meu gozo.”

Voltando-se, o Sr. Nichol não pôde deixar de exclamar: - Como o senhor pode assobiar, quando nossos amigos estão em tanto perigo!

- Você preferiria me ver ansioso e atribulado? Foi a resposta calma. Isso não os ajudaria e certamente me incapacitaria para o meu trabalho. Eu só preciso lançar a carga sobre o Senhor.

Dia e noite era este o seu segredo: “só lançar a carga sobre o Senhor”. Frequentemente quem estivesse acordado na casinha em Chinkiang podia ouvir, às duas ou três da madrugada, o suave coro do hino predileto do Sr. Taylor. Ele havia aprendido que, para ele, só uma vida era possível – só aquela abençoada existência de descansar e regozijar-se no Senhor em todas as circunstâncias, enquanto lidava com as dificuldades internas e externas grandes e pequenas.

O Sr. Taylor estava novamente de volta a Londres. Seus milhões de pessoas no norte da China enfrentavam o sofrimento da fome, numa província onde não havia senão uns poucos missionários a Missão do Interior. As crianças estavam morrendo aos milhares, e as mocinhas eram vendidas à escravidão e levadas em bandos as cidades mais ao sul. Oprimido por essas terríveis condições o Sr. Taylor voltara à sua terra, e fazia tudo o que estava ao seu alcance para levar avante a obra assistencial. Já havia fundos para socorrer as crianças, mas onde estaria a mulher que pudesse ir àquela assolada província incumbida desta tarefa? Nenhuma mulher branca tinha ido além das montanhas que separavam Shanai da costa, e chegar até ali significava uma viagem de duas semanas de liteira de mula, em estradas perigosas e pousar em horríveis pensões durante a noite.

Entretanto, foi para esse empreendimento que o Sr. E Sra. Taylor se separaram quando ele havia estado em casa poucos meses. Um caderninho gasto relembra as experiências através das quais sua fé fortaleceu-se enquanto ela aguardava no Senhor e entregava-se em Suas mãos para saber se o chamado era ou não vindo dEle. Mas quando obteve a certeza, nem mesmo a consideração do sacrifício a que isto dispunha o esposo, o

autor da sugestão inicial, pôde detê-la. Dois filhos pequenos, quatro crianças maiores e uma filha adotiva formava uma famíliazinha de sete para deixar atrás. Como seriam cuidados? Todas as perguntas difíceis ela apresentou a Deus e Ele não somente as respondeu, atendendo a cada necessidade que surgia, como também lhe concedeu a Sua graça para a partida e para toda a obra penosa e perigosa na China.

“Precisa-se de homens amantes da cruz (o Sr. Taylor escreveu antes de voltar à sua casa). Ah, que Deus faça com que você e eu sejamos desse espírito... Sinto-me tão envergonhado de que você e os filhos me afetem mais do que os milhões daqui que estão a perecer – enquanto nós temos a certeza de uma eternidade juntos.”

Depois disso, foi mais fácil ao Sr. Taylor deixar que outras senhoras se unissem às fileiras da frente, quando sua própria esposa abriu o caminho. E parte de sua recompensa foi quando se reuniram um ano depois (1879) ela e ele, em província após província, no interior, arraigando pacificamente o trabalho feminino.

A história daqueles anos é tão fascinante e comovedora quanto qualquer romance. As primeiras mulheres que foram ao extremo oeste, por exemplo, acidentadas nos desfiladeiros do Yangtsé, passaram um Natal estranho entre suas peças de enxoval estendidas sobre as rochas para secar. E quando chegaram ao destino, multidões curiosas afluíram assustadoramente.

- Durante estes dois últimos meses, a Sra. Nichol escreveu de Chunking, tendo visto centenas de mulheres diariamente. Nossa casa parece uma feira.

Mais de uma vez desmaiou de cansaço no meio dos hóspedes – a única mulher branca em uma província de cerca de sessenta milhões de pessoas – voltando a si via as mulheres abanando-a, cheias de afeto e interesse por ela. Uma senhora, que cuidava dela como mãe, mandava-lhe sua própria liteira com um convite insistente para que voltasse a vê-la imediatamente. A mais confortável cama de seu próprio apartamento estava à sua espera, mandando que as senhoras mais novas se retirassem, ela mesma costumava sentar-se para abanar a visitante até que ela dormisse. Depois, luma refeição convidativa era preparada, e de maneira nenhuma era permitido à Sra. Nichol sair sem que comesse o suficiente.

A surpresa que em toda parte aguardava as primeiras mulheres que iam – era que o povo tinha tanto prazer em vê-las, que muitas vezes tinha até pressa em ouvir sua mensagem, demonstrando não só a curiosidade natural, mas também sincera simpatia. E logo começou surtir efeito – esse modo de viver e pregar Cristo tão abertamente. No fim do segundo ano em que as mulheres apareceram em cena, os pioneiros regozijavam-se com sessenta ou

setenta convertidos reunidos em igrejinhas nas províncias do interior remoto.

A primeira a ir às mulheres do Noroeste, três meses de viagem subindo o rio Han, foi Emily King, e também a primeira a ser chamada para a morada celeste (maio de 1881). Mas antes que sua vida breve findasse, ela teve a alegria de ver um total de dezoito mulheres batizadas em confissão de sua fé em Cristo. Morreu de febre tifóide na cidade de Hanchung, e foi esse resultado da obra que a fez superar o pesar que sentia ao deixar o marido desolado e o filho órfão. Cristo, o Homem de Dores, via o fruto da “angustia de sua alma entre aqueles pelos quais havia esperado tanto – e ela também estava satisfeita”.

Ninguém mais que o Sr. Taylor entendia a que preço esse trabalho era feito; ninguém o seguia com oração mais incessante.

“Não posso dizer como se alegra o meu coração (escreveu à mãe dele em meio a muitas provações) em ver estender-se e consolidar-se a obra nas partes longínquas da China. Vale a pena viver e morrer por isso.”

Em seguida, as fases do desenvolvimento seguiam-se rápida e maravilhosamente. Mas associado a cada novo avanço, cada obtenção de poder e bênção, vinha na experiência pessoal do Sr. Taylor um período correspondente de sofrimento e tribulação. E cada vez mais aquela vida era obrigada a se aprofundar em Deus. Externamente podia parecer, às vezes, que a obra era conduzida para frente numa onda de sucessos. Gloriosos passos de fé eram tomados. Gloriosas respostas à oração recebidas. Mas a preparação espiritual antecedente e o constante pelo da responsabilidade conseqüente só eram manifestos aqueles que compartilhavam disso atrás dos bastidores. Calamos perante tão profundos exames de consciência, tão grandes provações de fé, tão exigentes exercícios de alma. Somente com um homem disposto a ir até qualquer limite com Deus, disposto a morrer diariamente na realidade calma e pratica da vida, disposto a se o servo de seus irmãos (menor de todos e sevo de todos), disposto a representá-los em intercessão continua, não só solidário em seus fracassos e fraquezas, como também erguendo-os com fé e amor criativo que levantam a níveis mais altos nossas produções – assim, só assim, é possível esse sucesso espiritual.

Antes do progresso evidente que trouxe nova vida à obra – quando as missionárias começaram a penetrar no interior – houve um período de sofrimento intenso e prolongado. Três vezes seguidas em 1879, a vida do Sr. Taylor esteve em perigo devido a doenças graves, e no ano seguinte, enquanto a nova linha de ação estava sendo experimentada e estabelecida pela bênção de Deus, a Missão esteve diante de provações intensas e

acumuladas. A Sra. Taylor tocou num princípio fundamental quando escreveu na ocasião:

“Não acha que se nos propusermos a não permitir que nenhuma pressão nos roube da comunhão com o Senhor, haveremos de viver vidas de triunfos constantes, dos quais ouviremos os ecos vindos de todas as partes da Missão?” Tenho sentido nestes últimos meses que de todo nosso trabalho o mais importante é o que não se vê, o do monte da intercessão. Nossa fé precisa ganhar a vitória para os colegas de trabalho que Deus nos deu. Eles pelejam na batalha visível e nós na invisível. E será que temos coragem de exigir menos do que a vitória constante, quando é para o Senhor, e viemos em Seu Nome?”

Mas as horas de provação, como que seguindo a uma lei espiritual, sempre levavam a uma ampliação e bênção no trabalho. Foi assim, por exemplo, quando o líder da Missão despediu-se da Sra. Taylor, que não podia mais ser dispensada do lar, e dirigiu-se para o oeste a fim de reunir-se com alguns dos obreiros mais jovens.

“Você está sulcando o Mediterrâneo (ele escreveu) e logo verá Nápoles”... Eu aguardo o vapor para Wuchang. Não preciso, nem sei mesmo dizer como você me faz falta, mas Deus está me fazendo sentir como rico na Sua presença e amor... Ele me ajuda a estar alegre em nossas circunstâncias adversas, em nossa pobreza, nas desistências de nossos missionários. Todas essas dificuldades são apenas plataformas para a manifestação da graça, poder e amor de Deus.

Estou muito ocupado (prosseguiu, escrevendo em Wuchang, quando as reuniões tinham começado). “Deus nos está dando horas felizes de comunhão fraterna, e nos está confirmando nos princípios sobre os quais estamos agindo.”

Essa curta frase referindo-se à crise à qual tinham chegado esclarece sobremodo o que aconteceu após aqueles dias de reunião em Wuchang. Pois os missionários mais novos não percebiam que atravessavam uma crise, e dependeu mais dessa hora do que o próprio Sr. Taylor podia perceber. Depois de anos de oração e esforço paciente e perseverante chegaram a uma posição de oportunidades sem precedentes. O interior da China estava aberto diante deles. Em todas as estações já estabelecidas nos extremos norte, sul e ocidente, havia necessidade de mais reforços, mais pessoal. Não avançar seria, então, recuar da posição de fé tomada desde o princípio. Seria olhar para as dificuldades em vez de olhar para o Deus vivo. É verdade que os fundos estavam reduzidos, tinham sido escassos durante anos, e os novos obreiros que vinham eram poucos. Seria fácil dizer: - No momento,

nenhuma extensão do trabalho é possível. Mas não ir para a frente seria mutilar e impedir o trabalho. Jogar fora as oportunidades concedidas por Deus, e dentro em pouco fechar pontos de trabalhos que foram abertos com grande sacrifício. Certamente não poderia ser este o plano de Deus para a evangelização do interior da China.

Qual foi, então, o resultado daqueles dias de calma espera em Deus? Foi um passo tão inesperado que, por algum tempo, parecia incerto o apoio dos amigos da Inglaterra. Pois foi nada menos que um apelo às igrejas de seu pátrio – mais tarde assinado por quase todos os membros da Missão – pedindo setenta novos obreiros para serem enviados nos próximos três anos. A Missão toda quase não contava cem membros, e os recursos há muito estavam escassos. Entretanto, tanta certeza tinha o grupo em Wuchang de estar sendo guiado por Deus em suas orações e expectativas definidas, que um deles exclamou:

- Seria tão bom se pudéssemos nos reunir novamente para uma reunião de louvor, quando os últimos dos Setenta tiverem chegado à China!

Todos concordaram que três anos seria o período que deveriam esperar a resposta (1882-84), visto que quase não se podia prever para menos tempo receber e coordenar os arranjos para tantos novos obreiros.

- Naquela ocasião estaremos muito espalhados, disse outro, bastante prático. Mas por que não fazemos agora a reunião de louvor? Por que não dar graças pelos Setenta antes de nos separarmos?

Isto foi aprovado e a reunião realizada, de modo que todos os que se uniram na oração uniram-se também nas ações de graça.

E os Setenta foram concedidos de maneira maravilhosa nos três anos seguintes. Mas a fé foi, de muitas formas, provada no fogo, lançada no cadinho. Continuava séria a dificuldade nas finanças, e foi ultrapassada pela provação ligada ao próprio trabalho, que constituiu problema ainda maior. Ainda assim o Sr. Taylor pôde escrever.

“Sinto cada vez mais a bem-aventurança da verdadeira confiança em Deus. A fé ele prova, mas sustém. E quando nossa fidelidade falha, a dEle permanece fiel “Ele não pode negar-se a Si mesmo.”...

O Senhor Jesus, neste ano de provação tão singular, que vem de todos os quadrantes, realmente faz meu coração se encher e transbordar com Seu amor. Ele sabe o que significam as separações e outros incidentes do nosso serviço, e Ele admiravelmente torna as perdas em lucros!... Desculpe-me discorrer assim. Meu coração contente parece exigir um desabafo, mesmo no meio de algarismo e envio de fundos.”

A medida que transcorria o primeiro dos três anos em que se aguardavam os Setenta, tornou-se evidente que havia sérias dúvidas na pátria-mãe quanto a esse apelo. O Sr. Taylor estava em Chafu naquele tempo, e sentiu colocada no seu coração a necessidade de rogar ao Senhor para que selasse de maneira irrefutável com Sua aprovação esse assunto. Foi numa das reuniões diárias de oração, no dia dois de fevereiro, mais ou menos, que os poucos presentes sentiram que era com grande liberdade que se colocava diante de Deus este pedido.

“Sabíamos que nosso Pai gosta de agradar Seus filhos, e pedimos amorosamente que Ele nos agradasse, e encorajasse também os tímidos de nossa terra, dirigindo um de seus mordomos abastados a dar oportunidade a grandes bênçãos para si e sua família com uma contribuição liberal a favor deste objetivo especial.”

Poucos dias depois o Sr. Taylor navegou para a Inglaterra e só quando parou em Aden soube o resultado. Nenhum relato daquela reunião de oração especial fora enviado para sua casa. Mas, na Estrada Pyrland, tiveram a alegria de receber no dia 2 de fevereiro, a soma de três mil libras, com estas palavras: “Pede-Me, e Eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por tua possessão.” E isso não era tudo. A oferta fora enviada de um modo fora de comum, e os nomes de cinco crianças foram acrescentados aos dos pais. Nada poderia animar mais do que ver como Deus responde literalmente à oração.

Foi a mesma coisa alguns anos mais tarde, quando outro grande passo à frente foi dado pela fé.

Deus abençoou de tal modo o envio dos Setenta que a Missão fora elevada a um novo nível de influência na Inglaterra. Durante aqueles anos algo do aspecto pioneiro da obra tornou-se conhecido. “Estão abrindo o país”, escreveu Alexandre Wylie da Sociedade Missionária de Londres, “e é isso que queremos. Outras missões estão realizando um bom trabalho, mas não estão fazendo esse trabalho.” De maneira que, quando John McCarthy chegou à Inglaterra, tendo atravessado toda a China a pé, de leste a oeste, pregando Cristo em todo o percurso. Quando J. W. Stevenson e Dr. Henry Saltau chegaram à sua terra, tendo sido os primeiros a entrar na China ocidental através da Birmânia, e descer o rio Yangtsé até Xangai. E quando o Sr. Taylor reuniu-se a eles em sua pátria com o apelo de sua Missão por setenta novos obreiros, os corações cristãos emocionaram-se profundamente. O caminho tinha sido preparado pelo esforço e dedicação do cunhado do Sr. Taylor, o Sr. Benjamin Broomhall, que durante sete anos já representava a Missão em Londres, e que, juntamente com sua esposa Sra. Broomhall, fez com que a sede na Estrada Pyrland fosse um centro de amor e oração. Esse homem tinha o dom da amizade e um coração que comportava

toda a Igreja de Deus. O Sr. Broomhall encontrou oportunidades variadas para apresentar de diversos modos o testemunho da Missão. Pois o povo interessava-se em saber como aquilo que parecia impossível tinha sido realizado, e como, sem apelos financeiros nem coletas, o progressivo trabalho era sustentado.

“Se você ainda não morreu (dizia uma cartinha encantadora de uma criança em Cambridge que conhecia bem o nome de ‘Hudson Taylor’ na vida familiar) quero mandar-lhe o dinheiro que eu economizei para ajudar os meninos e as meninas pequenas da China a amarem Jesus.

O senhor pode fazer-me a gentileza (insistia em carta o Cônego Wilberforce de Southampton) de apresentar um trecho bíblico em minha casa, para umas sessenta pessoas... e passar a noite conosco? Faça-nos esse favor, em nome do Mestre.

Nossa estima, consideração e amor no Senhor (escreveu o Lorde Radstock do Continente). O senhor é um grande auxílio para nós na Inglaterra, fortalecendo-nos a fé.”

Do Dr. André Bonar veio a quantia de cem libras que ele remetia de um amigo presbiteriano desconhecido “que se interessa pela terra chinesa.” Spurgeon mandou seus convites característicos para o Tabernáculo e a Srta. Macpherson a Bethnal Green.

“Meu coração ainda está na gloriosa obra (o Sr. Berger escreveu, anexando o seu cheque de quinhentas libras). Estou plenamente de acordo lê uno às suas orações a minha pelos setenta obreiros adicionais – mas não pare com setenta! Certamente veremos ainda maiores coisas, se nos esvaziarmos de nós mesmos, buscando apenas a glória de Deus e a salvação das almas.”

O Sr. Berger justificava a sua fé: “Certamente ainda veremos maiores coisas.” Os Setenta, conforme Deus os deu, provaram ser uma resposta superabundante à oração. Antes que o último grupo tivesse embarcado, chegou o ‘Cambridge Band’, um grupo de universitários de Cambridge, cujo testemunho consagrado antes de sair da Inglaterra influenciou as universidades britânicas com um movimento espiritual tão profundo que se estendeu mais e mais longe, até os confins da terra. Foi uma enchente da maré de bênçãos. O Sr. Taylor conseguiu encontrar tempo para publicar em nova edição “A Necessidade Espiritual e o Chamado da China” e isso aprofundou e continuou o trabalho iniciado.

Antes que o grupo de Cambridge pudesse embarcar, detido pelos trabalhos de avivamento junto aos centros universitários, o Sr. Taylor foi

adiante para a China, perdendo a última reunião de despedida no Salão Exeter. O contraste não poderia ter sido maior entre o entusiasmo daquela grande reunião por tudo que a Missão representava, e o homem solitário ajoelhado no camarote, dia após dia, no navio que levaria de volta às duras realidades da luta. “Levado por uma onda grande de entusiasmo fervoroso”, conforme o expressou o secretário editorial da Sociedade Missionária da Igreja, a obra era agora vista com confiança e simpatia pelo povo de Deus. “A Missão tornou-se popular”, o Sr. Broomhall escrevia, não sem preocupação. Mas lá na China, Hudson Taylor enfrentava o outro lado da experiência.

“Logo estaremos no meio da batalha (escreveu no Mar da China, mas o Senhor nosso Deus no meio de nós é poderoso – portanto confiaremos e não temeremos. ‘Ele salvará.’ Ele há de salvar o tempo todo e em tudo.”

E novamente, alguns meses depois:

“A carne e o coração falham, muitas vezes: que falhem! Ele não falha. Ore muito, ore constantemente, pois Satanás ruge ao nosso redor...

Há muito para afligir-nos. Sua ausência é uma provação e sempre presente, e há todo o conflito comum e fora do comum. Mas os encorajamentos são também maravilhosos – nenhuma outra palavra serve e a metade deles não se pode contar por escrito. Ninguém conhece o trabalho poderoso que é realizado pela Missão. Sem dúvida, outras missões estão sendo usadas grandemente também. Estou certo de que este ano será uma maravilha.”

E foi um ano maravilhoso (1886) que preparou o caminho para o próximo movimento de novas conquistas com suas extraordinárias respostas à oração conforme observamos acima.

O Sr. Taylor havia passado vários meses longe do litoral, visitando os distritos nos quais muitos dos novos obreiros estavam localizados. Viajou através de Shansi, fazendo conferências que foram registradas num precioso livrinho intitulado Dias de Bênção. O poder calmo de sua vida e testemunho descortinava para os obreiros mais jovens as coisas profundas de Deus. Os dias foram realmente de bênçãos, especialmente no distrito do Pastor Hsi, quando o Sr. Taylor viu pela primeira vez o convertido “scholar” confuciano. Era lindo ver o amor e a apreciação mútua, quando conferenciavam juntos sobre o futuro do trabalho.

- Todos nós tivemos visões naquele tempo, lembrava o Sr., Stevenson que esteve com eles. Eram os dias do Céu na terra. Nada parecia difícil.

Descendo o rio Han na última etapa desta viagem, era bastante natural que o Sr. Taylor tornasse conta da meninazinha de cinco anos de idade que ia junto. Seus pais missionários perceberam que só a mudança para o litoral poderia salvar a vida da criança. Não havia nenhuma mulher na comitiva, e sabiam que durante um mês ou seis semanas Aninha não teria ninguém para cuidar dela, de dia e de noite, senão o Diretor da Missão. Mas os pais estavam satisfeitiíssimos.

“Minha pequena protegida está melhorando bem de saúde (ele pôde escrever na viagem de barco). Ela se segura a mim muito amorosamente, e é tão doce sentir o bracinho em volta de meu pescoço mais uma vez.”

Dessa viagem, o Sr. Taylor foi diretamente à primeira reunião do Conselho Chinês da Missão, no final do ano. Os recém-nomeados superintendentes das províncias reuniram-se em Anking, inclusive o Sr. Stevena e o Sr. McCarthy, e deram uma semana toda à oração e jejum, para que com os corações preparados pudessem enfrentar os assuntos importantes que tinham a considerar. Com a sabedoria resultante dos vinte anos de experiência como Diretor da obra, o Sr. Taylor procurou dirigir o grupo à organização sábia e proveitosa, com vistas às ampliações, mas até ele assustou-se com a sugestão vinda do concílio – que para avançar era preciso haver cem novos obreiros com toda a urgência.

Cuidadosamente examinaram a situação, e o Sr. Taylor afinal teve de concordar que com cinquenta pontos centrais de operação, e toda a China aberta diante deles de fora a fora, cem novos obreiros no ano seguinte ainda seriam poucos para o desenvolvimento esperado. O Sr. Stevenson, que agora já era Vice-Diretor da Missão, estava cheio de fé e coragem. Enviou um comunicado, explicando a situação a todos os membros da Missão, e com permissão do Sr. Taylor passou um cabograma a Londres – “Orando por cem novos obreiros em 1887.”

Mas que entusiasmo isso suscitou na Inglaterra! Cem novos missionários recrutados para a China em um ano? Nenhuma Missão existente a te então sonhara mandar reforços em tão grande escala. A Missão do Interior da China tinha na ocasião somente cento e noventa membros. E orar por um aumento de mais de cinquenta por cento nos próximos doze meses – sim, as pessoas quase sustinham a respiração!@ mas só até o Sr. Taylor chegar. “Forte na fé, dando glória a Deus”, ele trouxe consigo um enlevo espiritual que logo se fez sentir através da comunidade da Missão. A tríplice oração que estavam fazendo na China foi adotada por inúmeras pessoas: que Deus desse cem obreiros, de sua própria escolha. Que Ele fornecesse os cinquenta mil dólares de renda adicional que seriam necessários, sem apelos nem coletas. E que o dinheiro pudesse vir em

quantias grandes para facilitar a correspondência, um ponto prático para quem dependia de poucas pessoas para todo o trabalho do escritório.

E o que aconteceu em 1887? Seiscentos homens e mulheres ofereceram-se à Missão naquele ano, dos quais cento e dois foram escolhidos, equipados e enviados. Não apenas cinquenta, mas cinquenta e cinco mil dólares a mais foram recebidos, sem solicitação, de modo que se pôde atender a todas as necessidades. E quantas cartas tiveram de ser escritas e recibos feitos para agradecer tão grande quantia? Só onze ofertas atingiram essa quantia, o que quase nada acrescentou ao serviço a ser feito pelo pessoal, que já estava atarefadíssimo de outras maneiras. O melhor de tudo foi o fortalecimento da fé e a vibração dos corações dos ouvintes com anseios espirituais novos e mais profundos, em todo lugar onde a história dos Cem se tornava conhecida.

Um resultado inesperado foi uma visita a Londres de um jovem negociante americano, também evangelista, que sentiu no coração que devia convidar o Sr. Taylor a vir aos Estados Unidos. O Sr. Henry W. Frost estava tão certo de que sua visita à Inglaterra para essa finalidade tinha sido dirigida por Deus, que ficou extremamente desapontado quando o Sr. Taylor não atendeu. Atraído à Missão interiorana por tudo que tinha visto e ouvido, e ao Sr. Taylor em particular, foi em grande perplexidade que retornou a Nova Iorque, sentindo ter feito a viagem em vão. Mas Deus acabava de dar início à sua operação no assunto.

O Sr. Taylor foi mesmo à América no verão seguinte (1888) e foi cordialmente recebido por D.L. Moody e os líderes da Convenção Bíblica Niágara, e outros. Ali e em Northfield deram-se fatos surpreendentes em resposta à oração – principalmente as orações daquele que sofre o desapontamento e que agora estava alegre em ver a mão de Deus operando muito além daquilo que ele tinha pedido ou pensado.

Pois quando o Sr. Taylor seguiu viagem para a China, três meses mais tarde, não foi sozinho. Quatorze moços e moças acompanharam, como dádiva preciosa desse continente que Deus dava à Missão. Várias denominações estavam representadas, tanto dos Estados Unidos como do Canadá, e os presentes e as orações tão inesperadamente apresentados foram apenas o principio e uma fonte que começou a jorrar ininterruptamente a favor da China daquela data em diante. Tão grande foi o interesse demonstrado, que um Conselho Norte-Americano teve de ser organizado. E com grande sacrifício, tanto de sua parte como de sua família, o Sr. Henry W. Frost, o homem que Deus usou para dar início a tudo isso, assumiu a responsabilidade de representar e guiar o trabalho. Esse empreendimento foi um dos mais produtivos de todos os quais o Senhor guiou o Sr. Taylor em seu ministério. E cheio de renovada fé e coragem ele prosseguiu para enfrentar tudo que provinha desse início.

Pois um grande passo à frente tinha sido tomado. E daquele tempo em diante, a Missão do Interior da China, que sempre fora interdenominacional, tornou-se também internacional. Ainda restavam ao Sr. Taylor doze anos de atividade, e foram anos de ministério de âmbito mundial. Uma visita à Escandinávia colocou-o na simpatia dos cristãos suecos e noruegueses. A Alemanha mandou grupos dedicados para trabalhar associados à Missão. A Austrália e a Nova Zelândia receberam o Sr. Taylor de braços abertos como alguém que há muito conheciam e amavam, e o Conselho Chinês em Xangai tornou-se o centro de uma organização maior do que o próprio fundador havia imaginado.

O transbordamento espiritual daqueles últimos anos foi o melhor – os mesmos rios de bênçãos, só que agora alcançavam os confins da terra. As impressões de um ministro episcopal que hospedou o Sr. Taylor em Melbourne são interessantes a esse respeito:

“Ele era uma ilustração objetiva da quietude”. Tirava da conta bancária celeste o último centil da porção diária daquela promessa: “A minha paz vos dou.” O que não podia perturbar o Salvador nem agitar Seu espírito, também não o devia perturbar. A serenidade do Senhor Jesus quanto a qualquer assunto, e isso no seu momento mais crítica, era seu ideal, era o que ele possuía. Desconhecia o alvoroço e a pressa, os nervos à flor da pele, o espírito de irritação. Sabia que existe a paz que excede o entendimento e que não podia passar sem ela...

- Eu estou no escritório, você no grande quarto de hóspedes, eu disse ao Sr. Taylor, finalmente. Você está ocupado com milhões, eu com dezenas. Suas cartas são urgentes e importantes, as minhas insignificantes em comparação. Entretanto, eu sou preocupado e aflito, enquanto você é sempre calmo. Diga-me o que faz a diferença.

- Meu caro Macartney, respondeu ele, a paz da qual você fala é, no meu caso, mais que um encantador privilégio, pois é uma necessidade. Não poderia de maneira nenhuma realizar o trabalho que realizo sem que a paz de Deus que excede todo o entendimento guardasse minha mente e meu coração.

Foi essa a principal experiência que tive do Sr. Taylor. Você está apressado, afobado, aflito? Olhe para cima! Veja o Homem glorificado! Deixe que a face de Jesus brilhe sobre você – a face maravilhosa do Senhor Jesus Cristo. Ele está preocupado ou aflito? Nenhum cuidado enruga sua fronte, nenhuma sombra de ansiedade. Contudo, os assuntos são tanto dele quanto seus.

O ensino de Keswick, como é chamado, não era para mim uma novidade. Eu recebera essas gloriosas verdades e pregava-as aos outros. Mas aqui estava a realidade em experiência, uma ilustração

viva do ensino de Keswick como nunca imaginara ver. Impressionou-m profundamente. Aqui estava um homem de quase sessenta anos de idade, que tinha sobre os ombros responsabilidades tremendas, e se mantinha, todavia, absolutamente calmo e despreocupado. Ah, que pinha de cartas! Qualquer uma delas poderia conter notícia de morte, de falta de dinheiro, de insurreições ou de sérias dificuldades. Porém, todas eram abertas, lidas e respondidas com a mesma tranqüilidade – Cristo sendo a razão de sua paz, e poder para sua calma. Permanecendo em Cristo, ele ia diretamente à Sua pessoa, à fonte de recursos, mesmo enquanto tratava dos problemas. E fazia isso por meio de uma atitude de confiança simples e continua.

Não obstante, era um homem que encantava pela sua naturalidade e falta de constrangimento. Não encontro palavras para descrever isso a não ser a expressão bíblica em Deus. Ele estava em Deus o tempo todo, e Deus nele. Era a verdadeira permanência a que João, Capítulo 15 se refere. E quanto amor atrás disto havia! Ele vivia em relação a Cristo uma experiência abundante dos Cantares de Salomão. “Era uma ótima combinação – a força e a ternura de alguém que, como o juiz no tribunal, tem graves responsabilidades, mas leva no coração a luz e o amor de seu lar.”

E através de tudo isso, a visão e a urgência espiritual dos primeiros anos não mudaram. A necessidade que sentia de obedecer à última ordem do Senhor Jesus crescia, à medida que enxergava com mais clareza a grande comissão.

“Confesso, envergonhado, (escreveu já em 1889) que a pergunta: o que o Senhor quis realmente dizer com o mandamento para ir pregar o evangelho a toda criatura nunca me tinha preocupado. Trabalhei muitos anos para levar o Evangelho mais longe, como outros trabalham. Fiz planos para alcançar todas as províncias não evangelizadas e muitas regiões menores na China, sem perceber o sentido exato das palavras do Salvador.”

“A toda criatura”? E o número total de protestantes professores na China era de apenas quarenta mil. Podemos dobrar o número, triplicá-lo, para incluir os adeptos, e supor que cada um seja portador dessa luz a oito de seus próprios conterrâneos – e, ainda assim, só um milhão seria alcançado. “A toda criatura”: as palavras gravaram-se em sua alma, como que riscadas a fogo. Mas a Igreja estava longe, ele próprio estava longe até então de aceitá-las ao pé da letra, como algo sobre o qual era necessário agir.

“Como vamos nós tratar o Senhor Jesus Cristo (escreveu compungido) com relação ao último mandado seu? Vamos abandonar definitivamente o título de Senhor como Ihe é aplicado? Vamos abandonar definitivamente o título de Senhor como Ihe é aplicado? Vamos apenas concordar que estamos prontos a reconhecê-lo como nosso Salvador, quanto à penalidade do pecado, mas que ao estamos dispostos a confessar que fomos comprados por preço, ou que Cristo tem direito à nossa obediência total?...”

Como são poucos os cristãos que reconhecem na prática a verdade que ou Cristo é Senhor de tudo ou não é Senhor de nada! Se podemos julgar a Palavra de Deus, em vez de sermos julgados por ela, se podemos dar muito ou dar pouco, como quisermos, então nós é que somos senhores, e Cristo o nosso devedor, para agradecer nossa esmola e depender de nosso consentimento aos Seus desejos. Mas, se pelo contrário, Ele é Senhor, tratemo-lo como Senhor. Por que Me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?”

E assim, de modo totalmente imprevisto, Hudson Taylor chegou à perspectiva mais ampla de sua vida, com um propósito que haveria de dominar os anos finais de sua liderança ativa: nada menos que um esforço definido e sistemático de fazer exatamente o mandado do Mestre. Levar as boas novas de Seu amor redentor a cada homem, cada mulher, cada criança, em toda a China. Não que achasse que a Missão do Interior da China pudesse fazê-lo sozinho. Mas ele acreditava que com uma divisão adequada do campo, as forças missionárias da Igreja estavam à altura da tarefa.

Mas não chegou a ver isso em seus dias. Com a pronta cooperação da Missão, um começo foi feito em Kiangsi, e os planos se concretizavam para que se avançasse em todo o campo. Porém, na providência de Deus, teria que vir primeiro um profundo batismo de sofrimento. A louca Rebelião Bóxer de 1900 assolou o país, e a Missão do Interior estava mais exposta à sua fúria que qualquer outra. O Sr. Taylor acabava de chegar à Inglaterra, após um sério colapso físico, e a Sra. Taylor, levada por uma preocupação que ela mesma não sabia explicar, persuadiu-o ir a um lugar sossegado na Suíça onde, de outra vez, há poucos anos antes, sua saúde fora restaurada.

E foi então que o golpe se desfechou, e vinha um telegrama atrás de outro, falando de motins, massacres, e da fuga aos refugiados em um após outro ponto da Missão – até que o coração que por tanto tempo sustentou diante do Senhor a esses colegas não suportava mais e quase parou de bater. Se não fosse a proteção daquele vale remoto (Davos), onde era possível esconder-se um pouco as notícias, o próprio Hudson Taylor teria estado entre aqueles que deram suas vidas por amor a Cristo e pela China

naquele verão de horrores sem reservas. Naquelas circunstâncias em que se achava, sobreviveu aos choques apoiando-se em Deus.

- Não posso ler, disse ele, quando as coisas estavam em seu pior ponto. Não posso orar, quase não posso pensar – mas posso confiar.

A crise Bóxer passou e as palavras calmas de um pastor de cabelos brancos em Shansi cumpriram-se:

- Os reinos podem perecer, ele disse, quase com o último fôlego, mas a Igreja de Jesus Cristo nunca pode ser destruída.

Nessa confiança, ele e centenas de outros cristãos chineses selaram seu testemunho com seu sangue. E nessa confiança o testemunho das vidas fiéis que foram poupadas recomeçou.

O Sr. D. E. Hoste, nomeado por Hudson Taylor como seu sucessor, foi ajudado por Deus a agir tão sabiamente para com a situação, que os inimigos foram transformados em amigos, e as autoridades chinesas não demoraram a expressar sua apreciação ao ver um cumprimento liberal das ordens de Cristo, que significava mais, do seu ponto de vista, que todas as pregações anteriores.

E o Sr. Taylor ainda chegou a ver um novo dia de oportunidade raiando na China. Ainda voltou àquela sua oportunidade raiando na China. Ainda voltou àquela sua terra de amor e orações. Mas voltou só. A companheira amada de muitos anos que tanto iluminou os dias finais da peregrinação que juntos empreenderam, descansava acima de Vevey, à margem do Lago de Genebra, na Suíça, onde fizeram seu último lar. Com o filho e a nora – os escritores deste livro – mais uma vez voltou o rosto para a China, e com a idade de setenta e três anos fez uma das mais notáveis jornadas de sua vida.

Quanto o amavam e reverenciavam os cristãos quando passava de um lugar de trabalho a outro, recebido em toda a parte de braços abertos como “O Benfeitor da China”, aquele através de quem o Evangelho alcançou estas províncias do interior! Depois de subir o rio Yangtsé até Hankow e passar algumas semanas na província setentrional de Hunan, o Sr. Taylor sentiu-se fortalecido para realizar mais uma viagem. Não pensava achar-se um dia em Hunan. Foi a primeira das nove províncias não evangelizadas a ser penetrada pelos pioneiros da Missão e de todas, provou ser a mais difícil. Adão Douvard, depois de mais de oito anos de lida e sofrimento – sem lar, perseguido, escapando de uma revolta para, no fim, morrer sozinho – deu sua vida alegremente na esperança dos resultados que depois vieram. Por mais de trinta anos o Sr. Taylor havia sentido a responsabilidade dessa província em seu coração, e tinha orado por ela. Foi apropriado, então, que o último grande gozo que teve fosse o bem-vindo amável dos convertidos de Hunan. Os cristãos se reuniram com entusiasmo na Capital, em casa do Dr. Frank Keller – o primeiro que conseguiu obter residência permanente

naquela província – aguardando os cultos do domingo com o amado líder de quem tanto tinham ouvido falar. Aqueles que chegaram bastante cedo o conheceram no sábado, quando também os missionários daquela cidade assistiram à recepção planejada hospitaleiramente pelo casal Keller.

Mas foi naquela noite que o chamado veio. Não, quase não foi morte – só entrada feliz e veloz para a vida eterna.

**“Meu pai, meu pai, carros de Israel, e seus cavaleiros!”
E a própria sala parecia estar cheia de paz indizível.**

AS ÁGUAS CORREM AINDA

*Contou-se-me de um rio luzente
Que corre de Ti para mim,
A fim de eu ser, para Teu bom prazer
Árvore sã, que produz, no jardim.
(Tersteegem)*

Quando o Sr. Taylor foi arrebatado do coração da China – passando num momento, sem dor, à presença do Senhor que amava – um sentimento quase de suspense pairava em muitos corações. E agora, o que será da Missão? Era a pergunta que ninguém ousava fazer. A Missão progredia enquanto ele vivia e orava. Mas, e agora? O pensamento era natural, mas os anos apenas provaram que embora o pai e muito amado líder da obra tivesse partido, o Deus em quem ele confiava inteiramente permanecia.

Os versos acima eram muito apreciados pelo Sr. Taylor, e expressam a essência de seu segredo espiritual.

“É muito simples (ele escreveu) pois não plantou-nos Ele junto ao rio de águas vivas, para que possamos ser, para o Seu prazer, belos e cheios de frutos ao Seu povo?”

Deus estava em primeiro lugar na vida de Hudson Taylor – não a obra, nem as necessidades da China ou da Missão, nem suas próprias experiências. Sabia que esta promessa era verdadeira: “Agrada-te do Senhor, e Ele satisfará aos desejos do teu coração.” E será que a promessa é menos verdadeira para nós hoje? Deixemos a experiência de um dos líderes da Missão falar pelo grande numero:

“O trabalho está sempre crescendo (escreveu a Srta. Saltau), e, se não fosse estar consciente de que Cristo é minha vida, hora após hora, eu não conseguiria prosseguir. Mas Ele me está ensinando gloriosas lições sobre Sua suficiência, e cada dia sinto-me levada adiante sem sentir tensão nem medo de colapso.”

Ainda os mananciais jorrando – como tem sido verdade isso na experiência da Missão ampliada e sempre crescente! Os fatos principais do desenvolvimento dos trinta anos seguintes são dados no apêndice e são maravilhosos. Mas aqui só queremos referir-nos – vindo do passado para o presente – ao lado prático da vida espiritual do Sr. Taylor. Ele sabia que o pensamento expresso por um experimentado servo de Deus é a realidade: Deus não nos dá uma vida vencedora: dá-nos a vida à medida que

vencemos”. [1] Para ele o segredo da vitória estava na comunhão diária, de cada momento, com Deus. E descobrir que isso só era possível manter com a oração secreta e o alimento da Palavra pela qual Ele se revela à alma que espera.

Não foi fácil para o Sr. Taylor, por causa da vida movimentada que levava, achar tempo para a oração e estudo bíblico, mas ele sabia que era indispensável. Os autores desta obra lembram-se de como viajaram com ele durante vários meses, no norte da China, de carroça e de carrinho de mão, parando só havia um cômodo grande para os passageiros e também para os cules que os conduziam, era preciso fechar com qualquer espécie de cortina um canto para o pai e outro para eles. E então, quando todos dormiam e havia um relativo silêncio, ouviam alguém riscar um fósforo e viam o lume incerto de uma vela. Era o Sr. Taylor, não obstante o cansaço, examinando os textos da pequena Bíblia em dois lumes que sempre tinha consigo. Das duas às quatro da madrugada era o horário que geralmente dava à bênção. O horário em que melhor podia contar com sossego para esperar em Deus. Aquela chama da vela significava mais do que tudo que já pudemos ler ou ouvir sobre a oração secreta. Significava a realidade, não da pregação, mas da prática.

A parte mais difícil da carreira missionária, o Sr. Taylor mesmo verificou, é manter o estudo bíblico regular, feito com oração. “Satanás sempre há de achar algo para você fazer”, ele dizia, “quando você devia estar fazendo isto, mesmo que seja só acertar a cortina de uma janela.” Ele teria endossado inteiramente estas palavras significativas:

“Tome tempo. Dê tempo a Deus para se revelar a você. Dê a si mesmo tempo para estar quieto e silente perante Ele, esperando receber, através do Espírito, Sua Palavra, para que dela você aprenda o que Deus lhe pede e o que lhe promete. Que a Palavra para que dela você aprenda o que Deus lhe pede e o que lhe promete. Que a Palavra crie, à sua volta e no seu, um ambiente santo, uma luz santa celestial, na qual sua alma seja revigorada e fortalecida para o trabalho da vida diária.”[2]

Foi justamente por ter feito isso que a vida de Hudson Taylor era plena de gozo e poder, pela graça de Deus. Quando tinha mais de setenta anos de

-
1. *Ver My Utmost for His Highest (que seria “O Meu Melhor para Sua Mais Alta Glória”) livro escrito por Oswald Chambers, página 47.*
 2. *Ver. André Murray, no Livro “The Secreto of Adoration” (Segredo da Adoração), na Introdução.*

Idade parou um dia, com a Bíblia na mão, atravessando a sala em Lausanne, para dizer a um dos filhos: - Acabo de ler a Bíblia toda, hoje, pela quadragésima vez em quarenta anos.

E ele não só a leu. Viveu-a.

Hudson Taylor não media sacrifícios para seguir a Cristo. Escreveu certa vez, em meio aos labores na China: - Precisamos de homens que amem a cruz. Se ainda hoje pudesse falar-nos, sem dúvida. Seria para nos chamar àquela ambição suprema: “para conhecê-lo (conhecer Aquele que nós também amamos acima de tudo), e o poder da Sua ressurreição e a comunhão dos Seus sofrimentos.” Podemos ouvir de novo o som de sua voz serena quando dizia:

“Há necessidade de nos darmos pela vida do mundo. Uma vida fácil, que a si mesma não se negue, nunca será poderosa. Produzir frutos exige suportar cruces. Não há dois Cristos – um acomodado para os cristãos acomodados, e um que luta e sofre para os cristãos acomodados, e um que luta e sofre para os cristãos superiores. Há um só Cristo. Você está pronto, está disposto a permanecer nEle, e assim produzir muitos frutos?”

APÊNDICE

Quando o Sr. Hudson Taylor deixou a liderança da Missão em 1900, cinco anos antes de ser chamado para o Lar celeste, a Missão do Interior da China tinha 750 missionários. Trinta anos depois (exatamente em 1932) tem 1.285 membros. A receita, quando o Sr. Taylor dirigia o trabalho e o sustentava com suas orações, atingia a milhões de dólares, não solicitados, a não ser de Deus. Não houve e não há dívidas. Em 1900 setecentos obreiros chineses estavam ligados à Missão, como resultado lrico das orações do Sr. Taylor. O total dos convertidos batizados, contados desde o principio da obra, nessa época era de treze mil. Em 1932 já havia entre três e quatro mil trabalhadores chineses ligados à M.I.C. e os batismos destes trinta anos foram cem mil. “Não a nós, ó Deus, não a nós, mas a Teu nome seja dada a glória.”

Era única, era excepcional a relação havida entre o Sr. Taylor e o trabalho que ele fundou e dirigiu? Nesse sentido ninguém poderia ocupar seu lugar. Entretanto, Deus deu na pessoa do líder que foi seu sucessor, outro homem excepcional. Arcando com responsabilidades ainda maiores a partir de 1900, o Sr. D. E. Hoste achou-se sustentado pela vida de oração que é a bênção sobre a Missão, enquanto o trabalho sob sua direção, em anos tempestuosos e difíceis, prosseguiu de força em força.

É verdade que houve ocasiões de provação imensa e retrocesso parente. Quando estourou a revolução, e a China, de um dia para outro, quase, tornou-se república, prevaleceu um domínio de terror em certos distritos, que outra vez acrescentou nomes ao rol de mártires da Missão. Na cidade de Sian, antiga capital do império, a Sra. Beckman e seis filhos de famílias missionárias foram assassinados por uma multidão desgovernada, e também o Sr. Vatne, que tentava protegê-los. Muitos missionários foram obrigados e deixar seus postos à procura de lugares mais seguros. Outros que agüentaram firmes puderam proteger muita gente apavorada ao seu redor, especialmente as mulheres que tinham fugido para as casas dos missionários a fim de achar refúgio. A situação oferecia oportunidades ímpares para se viver, tanto como para se pregar o Evangelho, e no interior havia atitude de simpatia para com os missionários.

A medida que se alastra o desrespeito à lei, e atos de vandalismo cruel, assim como a agitação organizada entre os estudantes, tanto os missionários como os cristãos chineses têm precisado enfrentar perigos cada vez maiores. Mas o que se admira é que tão grandes mudanças puderam realizar-se sem maior número de mortes e revoltas do que houve. Deixando atrás todos os velhos padrões, avidamente buscando coisas melhores, a China caiu entre ladrões. O Comunismo e o Bolchevismo prevaleceram em muitos lugares, o que aumentou muito os males existentes.

E ultimamente as agressões implacáveis de países vizinhos fomentaram ainda mais as aflições da situação (1932).

“Quando os irmãos não se entendem”, diz um velho provérbio chinês, “os estranhos podem aproveitar-se deles”. Ou outra: “para completar alguma coisa, não bastam cem anos; para destruí-la, um dia é mais que suficiente.”

Todavia, em meio a tudo isso, a mão protetora de Deus tem estado sobre a obra, de modo que o progresso é contínuo no programa evangelísticos da Missão do Interior. O fato de que o trabalho é de evangelização e não de instituições explica em grande parte a boa vontade do povo e a aceitação que encontram as consolações do Evangelho. Nunca houve as oportunidades que há hoje (1932) para venda de literatura cristã e o testemunho dos corações ao poder salvador de Cristo. “A cura da capa sem costura de Cristo” é a cura da qual a China necessita, e muitos dos corações feridos voltam-se para Ele em busca de vida e esperança em meio a condições desoladoras.

Tal hora não deve ser de redução de esforços missionários, para todos que olham a Deus, que olham ao alto e não às circunstâncias. Foi isso que tirou a Missão do Interior da China, nos anos recentes (começo da década de 30) da política da espera, para um novo grande avanço de acordo com as diretrizes da última e maior visão que o Sr. Taylor teve. Quanto à nova percepção que lhe veio do significado simples que o Senhor pretendia no mandamento definido: “Pregai o evangelho a toda criatura”, o Sr. Taylor escreveu:

“Este trabalho não será feito sem crucificações e consagração que se disponha a qualquer custo a desempenhar a ordem do Mestre”. Mas quando isto existe, creio no íntimo que será realizado.

Se algum dia estive cômico de que Deus me guiava, foi quando escrevi e publiquei aquele trabalho (A Toda Criatura).”

A semente viva, embora caia na terra e morra, há de ainda produzir fruto. O Sr. Taylor havia falecido há muito tempo quando foi permitido o segundo batismo de sofrimento, em 1927. Mas de seiscentos membros da Missão foram obrigados a retirar-se dos seus postos naquele ano trágico quando os governos ocidentais, alarmados com uma nova e séria insurreição contra os estrangeiros, ordenaram a saída de todos os seus cidadãos do interior.

-
1. O Ver. Robert Hall Glover, médico, assumiu em fins de 1929 o cargo deixado pelo Ver. Henry W. Frost, após quarenta e dois anos de liderança dedicada e bem sucedida. O Dr. Frost continua ainda ligado à Missão como Diretor Emérito.

Isso foi inspirado pelos propagandistas de Moscou (escreveu o Dr. Robert H. Glover [1] o segundo Diretor da Missão na América do Norte), que incitaram a soldadesca chinesa e os estudantes a atos de violência, particularmente dirigidos contra os missionários e outros estrangeiros... E assim a grande maioria foi forçada a abandonar seus pontos de trabalho, os amados cristãos convertidos, e a obra de muitos anos, e se encaminharem ao Litoral. E assim antes que se apercebessem do fato, centenas de missionários desta Missão, bem como os de outras, encontraram-se fora do interior da China, e com portas fechadas atrás deles.

Cuidar desses refugiados nas colônias estrangeiras super povoadas impunha um pesado ônus sobre os fundos da Missão. Só em Xangai foi preciso alugar quatorze casas, e mobília-las pelo menos em parte, além de providenciar todas as despesas com fundos reduzidos. Pois muitos daqueles que sustentavam a Missão na Inglaterra, vendo que o trabalho estava parado temporariamente, encontravam outros destinos para as ofertas missionárias. Se a Missão do Interior da China tivesse dependido de seus doadores em vez do Deus vivo, o resultado poderia ter sido bem outro. Mas “Deus sabe enfrentar qualquer emergência.” A história de como Deus cuidou da Missão na crise econômica de 1927 é uma resposta maravilhosa às orações, dentre todas que conheceu.

Os fatos são estes. A renda da Missão naquele ano caiu não de milhares mais de dezenas de milhares. Vendo que as necessidades aumentavam, e seguindo firmemente seu propósito de não pedir auxílio financeiro e não criar dívidas, o que se faria – com renda diminuída pela quantia de US\$ 14.000 (centro e quatorze mil dólares)?

Sim, “Deus sabe enfrentar qualquer emergência;” e naquele ano quis agir por um meio inesperado. O dinheiro que se enviava à China tinha de ser cambiado à taxa do dia, que era sempre variável. Mas naquele ano a variação era sempre a favor dos fundos da Missão. O que os ingleses mandavam comprava cada vez mais dinheiro-moeda na China. E quando o ano findou, verificou-se que embora centro e quatorze mil dólares tivessem sido enviados à menos que no ano anterior, a Missão ganhara no câmbio centro e quinze mil dólares. Assim as necessidades foram supridas e o ano de provações não deixou de ser um ano de abundante louvor.

Quanto à porta fechada, o Dr. Glover prosseguiu escrevendo:

“Era realmente uma nora amarga”... e o cenário do ponto de vista humano era bastante desalentador. Será que um dia ainda seriam abertas as portas da oportunidade missionária na China? A pergunta era respondida de várias maneiras... (por cépticos, sábios mundanos, e desanimados). Mas houve missionários – dos quais faziam parte,

felizmente, os da Missão do Interior da China – cujos olhos unguídos viam de outro modo a situação.

Sabiam que o golpe vinha diretamente de Satanás, com o intuito de destruir o trabalho das Missões. Mas será que a Palavra em qualquer texto dizia que os servos de Deus deveriam aceitar esta derrota? Não. Satanás conseguiu algum dia destruir a causa de Cristo pela perseguição? Longe disso... Paulo, o grande missionário, testificou que as perseguições que lhe sobrevieram “têm antes contribuído para o progresso do Evangelho, e exortava ainda os companheiros de trabalho: em nada estai intimidados pelos adversários”. Nada no registro missionário do Novo Testamento impressiona mais do que a maneira pela qual Deus usou e tornou a usar a oposição e perseguição do inimigo como meio de avançar a obra missionária. Hoje, em dia, portanto, todo assalto semelhante do adversário deve vir a ser ocasião de um movimento progressivo que produza nova expansão e maior resultado.

Foi assim que a Missão do Interior da China foi levada a ver a situação adversa que a confrontava... A obra missionária na China ficaria parada? Como, se a Grande Comissão de Cristo não fora revogada, e a tarefa de levar o Evangelho aos milhares da China estava tão longe de ser completada? Custasse o que custasse, o trabalho devia prosseguir. “E a Missão prostrou-se perante Deus em oração fervorosa para que a porta se abrisse de novo e para que Deus orientasse os planos futuros.”

Foram dias de exame introspectivo, o Dr. Glover explica, bem como de oração sincera. E assim, no meio da provação, Deus concedeu a visão e a convicção para um grande avanço. Pois foi então que, com base num estudo compreensivo do campo todo da Missão do Interior da China que os dirigentes se sentiram levados a pedir de Deus e de Seu povo, não cem mas duzentos novos obreiros para um movimento de caráter evangelísticos.

Na terra de origem o apelo impressionou bem e alegrou os componentes e contribuintes da Missão. Reconheceram que vinha de Deus e era resultado de oração. Logo vida nova fazia-se sentir em todas as partes do trabalho. Os dois anos em que os missionários foram esperados (1929-31) passaram depressa, e embora a fé se fizesse provar de vários modos, especialmente com fortes contra ataques do adversário da China, mesmo assim houve sucessos e bênçãos.

Em 1931 não só partiram para a China os últimos dois contingentes dos Duzentos – dos quais noventa e um eram da América do Norte – como também foram otimamente recebidos na China. A sede da Missão em Xangai, que há muito estava em lugar acanhado, naquele ano foi mudada para as acomodações mais amplas e convenientes que Deus providenciou, sem que

isso viesse custar mais um centavo para a Missão. É que apareceram uma oportunidades, em resposta à oração, de vender o primeiro prédio por sessenta e cinco vezes o preço original. Tinha sido presente de um membro da Missão, já falecido, que assim quarenta anos depois, forneceu a nova sede para obra crescente justamente no momento exato. [2]

E novos prédios ficaram prontos para receber os grandes grupos do outono de 1931, quando mais de cem novos obreiros chegaram à China para a Missão do Interior da China, dentro do curto prazo de um só mês.

Bênçãos maiores estavam incluídas que nem os mais liderem da Missão tinham podido prever. Pois quando, em princípios de 1932, as forças japonesas atacaram de surpresa em Xangai, grande parte da luta se centralizava no próprio distrito (Hongkew) em que tinha estado a antiga sede da Missão. A tempo Deus havia guiado a mudança para a Colônia Internacional, uma posição bem mais segura, a cerca de quatro ou cinco quilômetros do ponto original. Quem, senão Ele poderia prever e providenciar tão admiravelmente em face de uma situação ainda desconhecida, e tão angustiante?

Sim, Ele cuida de seu trabalho! A M.I.C. permanece firme sobre as verdades em que foi fundada. Em 1932 comemorou com gratidão o centenário do nascimento de seu pai espiritual, o líder cuja fé e obediência fizeram-na nascer. Graças a Deus, os 1285 missionários daquele ano do centenário, e outros mais, podem repetir alegremente a convicção do fundador.

O Deus vivo vive ainda, a Palavra é vivificante, e disso podemos depender. Pudemos confiar em qualquer palavra que Deus já proferiu ou fez escrever pelo seu Santo Espírito.

Experimentai Seu amor –
Pois a vida demonstra melhor
Quão abençoado será
Quem confia na lei do Senhor.

Temei-o, vós santos, que então
Nada mais vós tereis que temer.
Pois Ele de vós cuidará
Quando está, em servi-lo, o prazer.

2. Uma oferta adicional de um membro americano da Missão, aposentado, deu para comprar um lugar, também muito necessário, para acomodar os obreiros chineses e hóspedes.

